

Página em branco

Página em branco

Página igual a capa

2ª Edição – 10.000 exemplares
Do 4º ao 13º milheiro

Criação da capa: Objectiva Comunicação e Marketing
Direção de arte: Rafael Oliveira
Revisão: Hugo Pinto Homem
Revisão de conteúdo: Silzen Cerqueira Furtado

Copyright ©1999 by
Fundação Lar Harmonia
Rua da Fazenda, nº 13, Piatã
41.650-020
livros@larharmonia.org.br
fone-fax: (71) 286-7796

Impresso no Brasil
Presita en Brazilo

ISBN: 85-86492-05-1

Todo o produto desta obra é destinado à manutenção das
obras da Fundação Lar Harmonia

Adenáuer Marcos Ferraz de Novaes

Psicologia do Evangelho



FUNDAÇÃO LAR HARMONIA
C.G.C. (MF) 00.405.171/0001-09
Rua da Fazenda, nº 13, Piatã
41.650-020 – Salvador – Bahia – Brasil
2001

Novaes, Adenáuer Marcos Ferraz de
Psicologia do Evangelho
Salvador: Fundação Lar Harmonia, 1999
175p.

1. Espiritismo. I. Novaes, Adenáuer Marcos Ferraz de,
1955. – II. Título.

CDD – 133.9

Índice para catálogo sistemático:

1. Espiritismo	133.9
2. Psicologia	154.6

“A Psicologia da mensagem do Evangelho baseia-se fundamentalmente no Amor.”

A vida pessoal do Cristo demonstra não só sua individualização, como também seu compromisso com a humanidade.

Aos pregadores do Evangelho, arautos da Boa Nova.

Página em branco

Índice

Psicologia do Evangelho	11
Jesus: psicólogo da alma	15
De <i>quem</i> estamos falando	16
Visão subjetiva das parábolas	17
A psicoterapia do Cristo	18
Características da mensagem do Cristo	20
1. Leis psíquicas	24
2. Felicidade interior	29
3. Deus imanente	35
4. Autotransformação	41
5. Cura interior	47
6. O Terapeuta Maior	53
7. Máscaras e personas	58
8. Sem culpas	63
9. Encontro com o <i>Self</i>	68
10. Amorosidade	74
11. Amor Sempre	81
12. O grande outro em mim mesmo	86
13. Razão e emoção	91
14. Determinação e acolhimento	96
15. Desarme do <i>ego</i>	101
16. Escolhas	106
17. Singularidade	111

18. Solidão e solidariedade	116
19. Emoção, Razão e Intuição na fé	122
20. Tempo de despertar a alma	127
21. A serviço do <i>Self</i>	132
22. Separatividade	137
23. Psicologia subjetiva	142
24. Entusiasmo	148
25. Autodescoberta	153
26. Amor com amor	160
27. O desejo oculto	165
28. A mensagem em oração	170

Psicologia do evangelho

Interpretar a mensagem contida no Evangelho é tarefa destinada aos estudiosos e eruditos gabaritados, que vêm a esse mister dedicando-se anos a fio e que, certamente, dispõem de conhecimentos intelectuais profundos. Não é tarefa para qualquer um ou para amadores. A maioria daqueles estudiosos é conhecedora de línguas antigas, dispendo de livros raros e preciosos que os capacitam a melhor entender o conteúdo dos escritos deixados pelos primeiros cristãos. Não possuindo esses e outros requisitos, não me arrisco a dizer-me intérprete, mas apenas um apreciador das entrelinhas do Evangelho.

Quando pensei em escrever sobre assuntos em torno do Evangelho, isto é, sobre o contido nas entrelinhas das parábolas, logo vi que não teria a competência necessária para interpretar a *Boa Nova*, haja vista a necessidade de conhecer a cultura judaica antiga. Decidi então, ao invés de interpretar, colocar meus sentimentos sobre a mensagem, de acordo com uma percepção pessoal, sem a pretensão de me contrapor às interpretações clássicas, sabidamente enriquecedoras e coerentes, nem tampouco acrescentar algo novo. Trata-se de uma exposição de meus sentimentos sobre o que hoje as parábolas me despertam, dirigidas ao meu mundo interior, isto é, o sentido interior que elas têm

quando internalizadas. Não busquei fazer comparações com a psicologia clássica, nem extrapolar a percepção direta da mensagem em mim mesmo.

Sem a pretensão de dar novo sentido à mensagem contida nos livros que abordam o tema, decidi por trazer uma visão aplicável ao mundo interior, subjetiva, psicológica e, portanto, segundo pressupostos teóricos não só pessoais como sistêmicos, buscados nas psicologias que tratam do inconsciente, principalmente nos conceitos da psicologia analítica de C. G. Jung (1875-1961) e nas ponderações de Allan Kardec (1804-1869), em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. As citações bíblicas não foram extraídas das existentes neste último livro em função de considerar que os equívocos de tradução ou de editores, porventura existentes na que escolhi, não ferem substancialmente a mensagem.

A partir de minha prática clínica, da interação com os diversos tipos humanos e das escolas teóricas que admitem uma psicologia do inconsciente, busquei observar nas entrelinhas do Evangelho, uma mensagem dirigida ao mundo interior do ser humano, ou seja, uma possibilidade de sua aplicabilidade ao indivíduo consigo mesmo. Ele, com seu *diálogo interno*, com seu *guia espiritual*, com seu *mentor*, com seu *arquétipo do velho sábio*, com seu *Self*¹, com seu *Eu Superior*, com sua *alma eterna*, ou com qualquer que seja o nome que atribua à parte mais profunda de sua personalidade. Seria o diálogo da vida consciente com a inconsciente, do coletivo com a singularidade, do *ego*² com o Espírito.

¹ Centro ordenador da vida psíquica. Função psíquica inconsciente do Espírito, que o representa.

² *Ego*, entendido como uma outra função psíquica do Espírito, é o centro da consciência, que, às vezes e por circunstâncias especiais, goza de certa autonomia.

Pode ser óbvio dizer isto, e realmente o é, porém temos visto que a mensagem é geralmente interpretada e divulgada para o ser humano enquanto ser social, isto é, na sua atuação externa no mundo. As interpretações geralmente buscam equilibrar o ser humano com as forças externas, sociais, nas suas relações com o mundo. Parece ser mais importante que ele esteja bem com o mundo externo. Por causa disso ele se obriga a agir educadamente, a ser cortês, a ser polido, a se ajustar socialmente enquanto interagindo com o coletivo. Muitas vezes, quando sozinho ou mesmo junto aos familiares mais próximos, age sem conseguir esconder seu mundo de sombras, conflitos e dificuldades íntimas. Claro que viver bem socialmente representa uma grande conquista. Estar de bem com o mundo é saber viver em sociedade, mesmo que isso custe a repressão da própria natureza individual. O Cristianismo é tomado, muitas vezes, como sendo *apenas* uma doutrina para as massas. Porém, isso não é tudo. Veremos adiante.

Essa atitude externa deve ser consequência da existência de algo impregnado na personalidade, que internamente a predisponha a um modo de ação sobre o mundo. É esse modo que o faz estar de bem com o mundo e com a Vida. Atuar no mundo, baseando-se nos princípios cristãos, deve ser consequência de sua internalização. A ação externa deve se assemelhar a um estado consciente interno.

As idéias aqui expressas visam, de forma específica, levar o leitor a uma reflexão interior, a espécie de auto-análise e percepção de si mesmo no seu processo de desenvolvimento pessoal. Dirigem-se àqueles que desejam viver em paz consigo mesmo e com seus processos de descoberta e realização pessoal.

É possível identificar nas entrelinhas do Evangelho, que sua mensagem se destina a elevar o ser humano

qualitativamente a fim de fazê-lo melhor perceber o sentido da Vida e dar-lhe uma visão adequada do Criador.

O Evangelho Segundo o Espiritismo, por ser uma obra de importância singular no processo de consolidação dos princípios espíritas, serviu-me como opção para análise das entrelinhas da mensagem do Cristo. Escolhi as parábolas ali comentadas para tentar trazer aquela visão subjetiva.

As palavras do Cristo, mesmo passadas pelos apóstolos, ou transcritas e traduzidas em várias épocas, conservam um sentido transcendente. Contêm um sentido universal, assim como outras palavras constantes nos livros sagrados das religiões antigas. Elas têm um sentido arquetípico³ que pode nos levar a interpretações distintas, sem que isso lhes diminua o valor. Elas servem a *gregos e troianos*. Servem para o mundo externo tanto quanto para o interno. Optei por tentar mostrar essa última direção.

Não se trata de nova interpretação ao que foi escrito por Allan Kardec e pelos Espíritos Codificadores, mas apenas uma visão subjetiva pessoal, portanto factível de equívocos, pelos quais peço desculpas ao leitor.

Considero que mais importante que escrever uma visão pessoal da mensagem do Cristo é tentar vivenciar qualquer interpretação que aponte ao ser humano o caminho do amor a Deus e ao próximo como a si mesmo.

³ Deriva de *arquetipo*, isto é, tendência a um comportamento típico, coletivo.

Jesus, psicólogo da alma

Quem foi esse homem singular, capaz de viver numa época de poucas luzes, numa região de poucos recursos naturais atrativos, de comércio pouco promissor? Por que a escolha de nascer num povo que não apresentava experiências místicas transcendentais, como, por exemplo, na Índia ou na China? Seria talvez o fato da experiência vivida pelo sofrimento do cativo enfrentado no Egito e depois na própria Palestina, desta feita com os romanos? Será que ele considerava o sofrimento, a submissão e o desejo do encontro com Deus estados de espírito importantes para a recepção de sua mensagem? Qualquer que tenha sido seu motivo pessoal, foi naquele povo sofrido e numa sociedade eminentemente teocrática que ele escolheu trazer sua mensagem profunda e transformadora.

Sua escolha mudou a face do mundo ocidental muito mais do que da região onde ele viveu, em todos os sentidos. Mudou a religião, a economia, os costumes, a visão de mundo e da Vida, e, principalmente a percepção de Deus. A Terra não seria como hoje é sem sua mensagem vigorosa, endereçada ao coração humano. Não sabemos como estaríamos sem ela, porém com certeza teríamos a necessidade de conhecer alguma outra mensagem renovadora e libertadora. O mundo oriental, face à

globalização das culturas, também sofreu e sofre sua benéfica influência, ampliando seus horizontes psíquicos e sociais.

Nem sempre foi possível ao ser humano aplicar verdadeiramente e com equilíbrio os preceitos cristãos. Coletivamente prevaleceu durante muitos séculos, e ainda prevalecem, os interesses egoístas e materialistas. Sua aplicação tem sido mais social que interna. A mensagem vem sendo gradativamente compreendida e aplicada pelos cristãos, porém de forma muito lenta e com pouco compromisso com a transformação interior. Por não haver um centro diretor (ainda bem que não há), mas vários, o cristianismo vem se desenvolvendo de forma heterogênea, de acordo com o desenvolvimento particular de seus profíntes.

Esse é um dos motivos pelo qual creio ser imprescindível o investimento do cristão em si mesmo, no seu mundo psíquico, na sua vida psicológica e espiritual. Na compreensão de si mesmo e de seus processos internos.

De quem estamos falando?

De um homem espontâneo, aberto ao relacionamento, numa sociedade submetida a uma religião formal e legalizada, que ditava o certo e o errado, e que provocava o cidadão constantemente a se perguntar o que era lícito ou não fazer. Estamos falando do conhecedor da alma, psicólogo por natureza, senhor dos Espíritos, pois tinha a capacidade de falar direto à consciência, ao inconsciente, à *psiquê*⁴, ao Espírito. Um homem realizado e centrado.

⁴ Estrutura funcional que responde pela atuação do Espírito no mundo. Pode ser entendida como uma função do Espírito, cuja configuração é extremamente plástica e flexível. Não se situa no corpo, porém sua ação se projeta diretamente no córtex cerebral. Nela estão contidos os processos inconscientes e conscientes do Espírito.

De um homem alegre e cheio de vida, sem preconceitos ou dificuldades para entender seu semelhante e ao mundo. De uma pessoa singular, sem ser arrogante e que vivia com e como sua cultura o ditava.

De um homem que agia naturalmente, sem máscaras, coerente e comprometido com sua missão. Capaz de levar às últimas conseqüências aquilo em que acreditava. Um homem comum, nem Deus nem semideus, nem mito e nem embusteiro. Um homem que, pela sua nobreza, foi utilizado, como todo missionário, como referencial de projeção de mitos e heróis, pela própria necessidade da sociedade.

De voz suave e firme, de olhar meigo e penetrante, de gestos suaves e decididos, semblante calmo e altivo, ele pregava sem impor, atingindo o coração do ser humano pela autoridade moral e pela sabedoria de que era portador.

Visão subjetiva das parábolas

Pode-se aplicar várias interpretações às parábolas do Cristo. Sempre que feitas com amor e para o amor, elas terão sentido. O conteúdo das parábolas e de suas entrelinhas é arquetípico, portanto, comporta muitas interpretações, inclusive percepções aparentemente contraditórias. Tais diferentes percepções foram motivo de desavenças, por séculos, entre católicos e protestantes, ambos, intérpretes de uma mesma mensagem.

Seu sentido fundamental pertence à essência arquetípica do ser humano, estando presente nas mais diversas culturas, filosofias e religiões. Na sua essência encontramos as mensagens do Bem, do Amor, do respeito à Vida, da busca do encontro consigo mesmo, da comunhão com Deus, as quais estão presentes na alma humana e nas manifestações culturais da humanidade.

O encontro do ser humano consigo mesmo, seu processo de autoconhecimento, de autodescoberta, de autotransformação, é a tônica dos ensinamentos das grandes religiões da humanidade. Tudo que se faz, tudo que se pensa, tudo que se escreve ou se sente, é feito em função do ser humano e para o ser humano. O ser humano não é só a medida de todas as coisas, mas é também o sentido de todas as coisas.

O significado essencial da mensagem do Cristo é a busca do Si mesmo. É o ser humano na sua incessante preocupação de entender-se, de justificar sua própria existência. Se quiséssemos resumir a mensagem dele, poderíamos dizer que seu objetivo é reestruturação psicológica do ser humano em vistas à própria evolução.

Seguir ao Cristo, portanto, é vivenciar sua mensagem na vida íntima, familiar e social. É viver sua própria vida como ele viveu a dele. É descobrir-nos em meio às influências coletivas que nos levam apenas para fora de nós mesmos.

Sua mensagem se destina à alma dotada de razão, emoção e intuição. Não se dirige apenas a um grupo de seguidores ou ao estabelecimento de uma casta de adeptos e crentes. Impregnar a mensagem do Cristo no coração humano não quer dizer a instituição de uma religião com adeptos e fiéis ortodoxos que vivem em seu nome. Mas a transformação de pessoas que encontraram o sentido real de suas vidas e se dispõem a vivê-lo externa e internamente.

A psicoterapia do Cristo

A psicoterapia aplicada pelo Cristo era sua própria personalidade. Impunha-se pelo exemplo e pela autoridade moral. Não trouxe um método ou uma técnica padronizada de busca ou de cura, como se lidasse com máquinas. A cada

um de acordo com suas necessidades evolutivas. Agia com firmeza quando o momento exigisse, com brandura quando a situação comportasse e com silêncio quando o assunto não merecesse palavras.

Sua personalidade superior exalava amor e equilíbrio. Sua presença derramava fluidos curadores no ambiente. Quem com ele manteve contato nunca mais foi o mesmo. Ele curava e provocava reflexões íntimas naturalmente. Estar em sua presença significava ter que refletir sobre si mesmo. Ele tocava a alma.

Ele não deve ser tomado como um psicólogo comum. Sua técnica não está mencionada nos livros das academias, principalmente pela inexistência de um padrão no atendimento às pessoas que o procuravam. A um questionamento, devolvia com outro, o que obrigava o interlocutor a perceber seu próprio processo.

Não julgava nem criticava, mas levava o outro a perceber-se e a enxergar-se, não apenas no comportamento social, mas, principalmente, na sua consciência. Infalível técnica de colocar-se diante do outro como um espelho neutro, que deve refletir aquilo que lhe é mostrado. Se havia alguma, essa era a técnica.

Sua mensagem, portanto, além de levar-nos a uma conduta social harmônica, convida-nos inadiavelmente a iniciarmos uma auto-análise e uma autocrítica. Mais do que viver bem em sociedade, ela nos conduz a viver em paz com nossa própria consciência, examinando-a constantemente.

A psicologia adotada pelo Cristo é sempre atual, pois penetra as raízes do Espírito. Não é uma psicologia fisiológica ou mentalista, mas baseada na subjetividade da *psiquê* humana. Uma subjetividade não inferida, mas autopercebida e auto-sentida. Qualquer entendimento que tenhamos da psicologia, isto é, qualquer escola que se adote, a interpretação da mensagem poderá ser feita sem prejuízo

de sua essência. É uma psicologia profunda e transformadora. Leva-nos à compreensão da necessidade de mudança e renovação. Quem entra em contato real com sua mensagem exige-se transformação. Obriga-se a uma revisão de valores internos. Aqueles comportamentos que antes se davam por imposições sociais, passam a ocorrer por um sentido íntimo de consciência superior de Vida.

O cristão não muda por ser cristão, mas por compreender um sentido e um objetivo de Vida. A partir dessa percepção, dizer-se cristão, isto é, rotular-se é secundário, não essencial e dispensável.

É uma psicologia para o corpo e para o Espírito. Compreende a vida consciente e a inconsciente. Ela não exige o corpo perfeito nem o corpo sadio, mas o corpo respeitado e bem cuidado. Respeitado nos seus limites e nas suas deficiências. Bem cuidado pela busca constante em colocá-lo o mais apto possível ao bom desempenho nas experiências que a vida exige. Para o Espírito, por dirigir-se diretamente a ele, a quem cabe o cuidado com o corpo, seu instrumento de percepção do mundo consciente.

Características da mensagem do Cristo

Sua mensagem transformadora e educativa é portadora de alegria e amorosidade. Aquele que sente a mensagem do Cristo mostra sua alegria interior nos atos mais simples da vida. Sua vivência não é uma demonstração para que o vejam, pois é dirigida para o interior de si mesmo. Ela é vivida de forma natural, espontânea, sincera e sadia. Nos seus momentos de irritação, ele não permite que a alegria interior seja subtraída por muito tempo. Indigna-se, porém não perde o objetivo de seu estado de espírito natural. Permite-se a contrariedade, porém logo se refaz.

Sua mensagem é preventiva e curativa. É um código de ética espiritual e de felicidade pessoal. O cristão sincero sabe que vivenciar a mensagem o prepara melhor para muitos males e aflições, com os quais naturalmente terá que aprender a viver. Pensar e sentir como um verdadeiro cristão coloca-nos em contato com o mais alto código de Vida, trazendo-nos paz e felicidade. O máximo de felicidade alcançável na Terra.

Seu exercício e sua vivência colocam o ser humano em contato com as forças superiores do universo. Os Bons Espíritos naturalmente procurarão intuir, para as mais nobres missões, aqueles que vivenciam sinceramente a mensagem do Cristo. A mediunidade intuitiva será a forma mais comum de captação das benéficas influências com o Mundo Espiritual Superior, para aqueles que sinceramente vivenciarem a mensagem do Cristo.

A mensagem do Cristo tem sido divulgada concitando as pessoas à fraternidade, à solidariedade, à comunhão, à consolação, à ajuda mútua e à assistência recíproca. Deve também ser vista como poderosa força de transformação e de vontade de mudança pessoal. Verdadeira alavanca para a motivação e a movimentação da energia que impulsiona o ser humano a viver, também conhecida pelo nome de energia psíquica.

Allan Kardec escreveu⁵ que a mensagem endereçada pelo Cristo é um *“roteiro infalível para a felicidade.”* É *“uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o principio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça.”* De fato, é uma regra de proceder na vida pública (norma externa) como também na vida privada (norma interna). Quando a norma interna alcançar o

⁵ O Evangelho Segundo o Espiritismo, FEB, Introdução, item I.

patamar em que o indivíduo atinja espiritualidade nas suas atitudes, ela será capaz de fazê-lo viver externamente bem na sociedade.

Alcançar espiritualidade é viver consciente da imortalidade da alma, compreender as atitudes humanas, respeitando inclusive os equívocos do outro, agir com calma e equilíbrio diante de situações adversas, ter fé e esperança num mundo melhor, utilizar-se da razão e do sentimento na análise das situações, confiar na presença dos Bons Espíritos em sua vida, buscar o crescimento pessoal e ocupar-se em proporcionar que outros o façam, agir para com o próximo da mesma forma que gostaria que agissem consigo, dentre outras atitudes.

A mensagem do Evangelho nos convida à busca da alegria além do prazer efêmero. Eleva-nos a alma além das circunstâncias materiais, dando um sentido (objetivo) para a Vida. Um sentido espiritual, que vale para o além, para a eternidade, para o aquém e para o presente. Como mensagem cristã, o Espiritismo traz um conteúdo que deve nos levar à felicidade, como um estado de espírito, ainda enquanto encarnados. Os princípios espíritas devem ser perseguidos para utilização aqui e não apenas no além. Vivê-los no presente, para o presente, conseqüentemente para o futuro.

Podemos observar que os primeiros cristãos, face ao fulgor que brotava da essência da mensagem, por muitos séculos, ante ela, permaneceram admirados e em êxtase. Buscavam vivê-la sem consciência de sua transcendência e magnitude. Isso ocorreu durante os primeiros séculos depois de Cristo. Mais tarde, já refeitos do primeiro impacto, politizaram e racionalizaram a mensagem. Transformaram-na em religião do Estado, oficial e obrigatória. O que ainda perdura até hoje, porém sem obrigatoriedade inicial. Em paralelo a estes, por muitos séculos também, apareceram os

sectários e inquisidores que transformaram a mensagem em instrumento de punição e terror, agindo frontalmente contra sua essência de amor e paz. Logo depois, em oposição aos anteriores, surgiram os questionadores e reformadores que buscavam depurar a mensagem, porém deixando ainda marcas que a manchavam. Protestaram, provocando reações contrárias que fomentaram guerras que ainda ocorrem em nossos dias. Com o advento do Espiritismo podemos notar o surgimento de uma quinta e última geração de cristãos, preocupados em viver plenamente a mensagem. Estes últimos, embora, às vezes, apresentem as mesmas tendências das outras gerações, até porque são os mesmos que retornam pela reencarnação, se perseguirem o propósito de aplicarem-na a si mesmos, alcançarão a iluminação apregoada pelo Cristo.

A mensagem cristã, e, portanto, a espírita, pela sua capacidade de alcançar o consciente e, principalmente, o inconsciente humano, permite que a vida seja vista de um ponto de vista mais claro e menos pesado para o Espírito. O Espiritismo é uma doutrina leve e suave que faz com que os conflitos e problemas das pessoas sejam encarados da mesma forma.

Além de outros objetivos superiores, creio que a mensagem do Evangelho contém o propósito de que o ser humano alcance espiritualidade, também enquanto encarnado.

Leis psíquicas

“Não penseis que vim revogar a lei ou os profetas: não vim para revogar, vim para cumprir.” Mateus, 5:17.⁶

O Cristo assinalou que veio cumprir a lei. Não veio sublevar a ordem vigente, pois não era um subversivo no sentido vulgar do termo. Não queria ser confundido com um rebelde sem causa. Tinha um propósito mais amplo. Sua revolução não era apenas político-social, mas, principalmente, psico-espiritual. Visava atingir o ser humano em sua alma, em sua essência mais profunda. Vinha para educar, fazer evoluir, a fim de que o ser humano transcendesse a materialidade, adquirindo elementos para mudar qualitativamente no seu processo espiritual.

Vivemos sob o domínio de leis sociais, necessárias ao desenvolvimento espiritual, pois elas promovem o equilíbrio e a harmonia na convivência cotidiana. Essas leis traduzem em menor escala, ou tentam traduzir, as leis espirituais de Deus. Estabelecem os limites e disciplinam a conduta do ser humano. Precisamos dessas normas externas até conseguirmos internalizar as leis espirituais, quando então, aquelas se tornarão desnecessárias. A partir daí o ser humano conseguirá viver de acordo com as leis externas, face a existência de uma lei interna moralmente elevada.

⁶ Utilizamos, como fonte de consulta, a tradução da Bíblia feita por João Ferreira de Almeida, Edição da Sociedade Bíblica do Brasil, 1969, Rio de Janeiro-Rj.

Quando a lei interna é moralmente inferior à lei externa, ocorre o embate, cujas conseqüências exigirão processos educativos, aparentes sanções, para o desenvolvimento espiritual. Quando a lei interna é moralmente superior à externa, o ser humano vive em perfeita harmonia, conseguindo influenciar seu meio social, favorecendo o aperfeiçoamento das normas de convivência coletiva. Ele não só se melhora, como concorre para o progresso social, pelo exemplo que vivencia.

Um sentido que pode se perceber nas entrelinhas da citação do Cristo é aquele que nos leva a entender que os caminhos existentes, pertencentes as mais diversas religiões, se seguidos com coerência, podem levar o ser humano ao progresso moral, isto é, obedecer antigos princípios que assinalavam a necessidade do ser humano buscar o crescimento espiritual, sem inventar “verdades novas”. Destruir o antigo pode ser uma forma de fugir a entrar em contato com as dificuldades que temos de enfrentar e com nossos próprios conflitos. Não há necessidade de destruir a lei interna que nos convida ao Bem e ao Amor. Essa lei também nos leva à necessária *individuação*, ao encontro com o *Si mesmo*.

A *individuação* é um processo que se fundamenta no alcançar de certos estados de espírito, que colocam o ser humano na condição de se sentir centrado e em sintonia com princípios éticos superiores. É um processo contínuo e, geralmente, se inicia com uma crise do *ego*. Diferencia-se da chamada *perfeição*, por não seguir, necessariamente, as exigências religiosas, nem se limitar à obrigatoriedade de seguir normas externas.

Ao alcançá-la, o ser humano consegue:

- fazer contato com seu propósito maior na Vida, definindo claramente seus objetivos;

- entrar em harmonia com as metas que traçou para a atual encarnação, sem se deter em atavismos já ultrapassados;
- descobrir e realizar seu talento singular, que o diferencia de todos os outros, o qual se constitui no seu caminho seguro para a felicidade interior;
- ser verdadeiro dentro das capacidades e limites que possui, alcançando o máximo de perfeição possível enquanto encarnado;
- impedir que os talentos pessoais sejam sufocados pelos *complexos* inconscientes, reduzindo sua influência na vida consciente;
- desligar-se das influências coletivas e parentais que impedem a manifestação das potencialidades do Espírito;
- integrar sua *sombra*⁷ impedindo que ela possibilite a proliferação das *projeções*;
- perceber melhor as diversas *personas*⁸ de que se utiliza para relacionar-se com o mundo, facultando uma melhor integração social;
- melhor perceber a leveza do mundo e quanto o universo conspira a favor da evolução do Espírito;
- integrar-se aos objetivos da Espiritualidade Superior.

Esses conflitos se encontram na consciência, quando lembrados, e no inconsciente, oriundos de eventos esquecidos da presente encarnação ou de encarnações passadas. Eles se agrupam por semelhança e se estruturam em redes denominadas psicologicamente de *complexos*. São núcleos afetivos que envolvem situações adversas similares, ocorridas nas várias vidas do Espírito. São desejos,

⁷ A *Sombra* contém os aspectos negativos e os desconhecidos da personalidade.

⁸ Segundo Jung, *persona* é aquilo que na realidade não somos, mas aquilo que tanto nós como os outros pensamos que somos.

intenções, motivações não realizados, reprimidos por motivos diversos, que necessitam ser exteriorizados de alguma maneira. Inevitável, como se pode analisar, a formação de *complexos*, face à complexidade da Vida.

Muitas vezes criamos situações de fuga diante dos problemas a fim de não entrarmos em contato com nossos *complexos*. Não aceitamos antigos princípios e adotamos mecanismos de defesa para evitar o sofrimento de ter que lidar com a necessidade de encarar de frente o que tem sido constantemente evitado. Na realidade costumamos fugir de nós mesmos. Essa viagem ao encontro do si mesmo é, muitas vezes, evitada face aos inconvenientes que provoca, pois nos faz entrar em contato com nossas imperfeições.

Não destruir a lei, mas cumpri-la é um convite a que observemos nosso mundo interior e não fujamos do necessário embate com nossos *complexos*. Destruí-los sem perceber-lhes a influência que exercem sobre nós é um equívoco grave. Conhecer-lhes a natureza é o mesmo que penetrar em nosso mundo interior e descobrir como nos enredamos nas teias psíquicas que engendram novos conflitos. Deixar que eles atuem inconscientemente sobre a nossa vida ou simplesmente destruí-los sem lhes conhecer a origem, é permanecer na ignorância sobre nós mesmos.

Não destruir a lei, pois sabemos que a mensagem superior do amor está presente na essência das diversas religiões e filosofias da humanidade. Não é preciso destruir a crença do outro, mas fazer com que ele compreenda o sentido superior que nela existe. A mensagem do Cristo está presente na essência das diversas religiões. Com o coração poderemos enxergá-la em sua inteireza. E com ele conseguiremos viver de tal forma que o outro a perceba.

O Cristo cumpriu a lei, pois tornou-se o exemplo vivo de alguém que realizou sua *individualização*, tornando-se único, singular. Mudou a história da humanidade, por ter

realizado, com o máximo de integridade, a sua lei interna. Viveu-a e assumiu todas as conseqüências de seus atos. Esse é o caminho da *individuação* de todo ser humano. Não destruir a lei interna, mas conhecê-la e cumpri-la é o único caminho que o conduzirá a felicidade, que é sua fatalidade.

A tolerância às crenças alheias é um princípio que denota bom relacionamento interpessoal. É um dos sinais da inteligência emocional que necessita desabrochar no Espírito. Reflete a consciência de si mesmo, além da percepção do estágio evolutivo do outro. Quando internalizarmos a mensagem, certamente não nos importaremos com o rótulo religioso do outro, mas sim, em como estamos lidando com a nossa própria crença.

Todo indivíduo realizado e saudável, em paz consigo mesmo, respeita o outro, mesmo quando ele se encontra equivocado. Com suas observações sobre o comportamento alheio, não procura tomar o lugar da norma externa do outro, mas sim com a melhoria de sua norma interna. Ao mesmo tempo, procura melhorar sua própria norma interna e a externa. O recado do Cristo nos convida à percepção da lei interna, cuja destruição não deve ocorrer. É um convite a que nos perguntemos: qual a norma interna que permitimos vigore em nós? Será rígida? Exigente? Punitiva? Qual a sua medida? É com essa medida que viveremos, pois atuamos externamente como o fazemos internamente. A verdadeira lei interna certamente será aquela que me colocará diante do propósito que devo realizar na Vida e que me conduzirá ao sentimento incomparável de satisfação interior. A essência da mensagem espírita, dirigida ao Espírito, é a mesma do Cristo. Ela deverá ser a norma interna de conduta que se traduzirá no exemplo externo de convivência.

Felicidade interior

“...O meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, os meus ministros se empenhariam por mim, para que não fosse eu entregue aos judeus; mas agora o meu reino não é daqui.” João, 18:36.

Disse o Cristo: “...*mas agora o meu reino não é daqui.*” A inclusão da palavra **agora** pressupõe a colocação de uma certa temporalidade na afirmação, isto é, como se ele quisesse dizer que o reino dele será aqui, mas não naquele momento, naquela época. O que equivale a dizer que na Terra ainda se instalará o reino que ele pretendeu, e ainda pretende, que aqui funcione.

Ao lado de ser uma forma de governo, o reino é o lugar mais importante de uma região, é seu ponto principal, onde se localiza a administração central. Do ponto de vista psicológico podemos pensar que o reino é o foco onde fixamos nossa atenção. É o foco no qual concentramos nossas energias psíquicas. Pode-se dizer que o reino é o centro das atenções da vida. O nosso reino interior é o lugar mais precioso do mundo íntimo, onde, em nossa singularidade, encontramos paz e harmonia.

Na consciência, ele representa um certo grau de satisfação em viver, uma felicidade pessoal em existir. No inconsciente, ele estará representado através de exteriorizações que provocarão as manifestações conscientes já ditas, bem como, simultaneamente, respostas

oportunas da Vida. Isto quer dizer que, quando o reino interno estiver bem consolidado, a vida do indivíduo será menos árdua e mais feliz. Seu jugo será suave e seu fardo será leve.

Todos temos uma certa parcela do reino, mesmo que embrionária, no inconsciente. Temos que desenvolvê-la o suficiente para que ela possa se expressar de forma a proporcionar o bem pessoal e coletivo. Fomos criados para a felicidade e para a eternidade. Aquilo que pensamos ser sofrimento é apenas uma forma de enxergar a vida. Quando nos conscientizarmos que o interior determina o exterior, modificaremos nosso modo de sentir e perceber o mundo, cujo sentido será o mesmo que atribuímos à nossa individualidade.

O ser humano ainda vive mais a vida consciente, despreocupando-se da vida inconsciente. Vive mais a vida material, social, que a vida espiritual. Vive mais o mundo externo que o interno. O seu reino ainda é o externo, o material, o consciente. Seu foco ainda não é seu mundo interno, sua essência espiritual, onde estão inscritas as leis de Deus. Nesse sentido há quem pense que conhecer as coisas é o mesmo que saber sobre elas. O saber implica no vivenciar e internalizar o que aprendeu. O desenvolvimento espiritual passa, necessariamente, pelo domínio vivencial das emoções e sentimentos.

Vivemos desejando, na maioria das vezes, a construção de um reino pessoal em detrimento do reino coletivo, quando deveríamos buscar ambos. Mais do que isso, vivemos construindo um reino externo, esquecidos do reino interno. Se conseguíssemos construir nosso reino pessoal interno com a ética superior do Evangelho, simultaneamente iniciariamos a construção de um reino coletivo. A reforma íntima tão pregada entre nós espíritas é muito mais profunda que imaginávamos.

Nosso processo de crescimento ainda se situa no *ego*, isto é, na parte da personalidade que vive a vida externa. Ainda nos preocupamos em ampliar o conhecimento sobre a vida consciente, em detrimento de descobrir a nossa essência espiritual. Nesse sentido, nos enchemos de informações, de poder, a fim de não perdermos o domínio sobre o mundo externo, já que não o temos sobre o interno. Com isso ampliamos nossa vaidade, nosso orgulho, nosso egoísmo, enfim, tudo aquilo que contribui para o atendimento às necessidades artificiais.

Por ainda não estar suficientemente seguro da vida espiritual, que no momento lhe é inconsciente, o ser humano se centra na vida presente e, particularmente, nas preocupações materiais conscientes. Porém, é na vida inconsciente que se situam as experiências reencarnatórias e tudo aquilo que representa o nível de evolução espiritual do ser humano. É mais fácil, por enquanto, para ele, ater-se à vida presente do que atender aos reclames da vida inconsciente, onde, dentre outros conteúdos, localizam-se os conflitos das vidas passadas, exigindo solução.

Podemos entender também que a palavra *mundo* poderia significar:

- a forma como o ser humano entende a vida, no que diz respeito à sociedade e seu futuro;
- seu mundo interno, ou seja, como ele próprio se explica, sob que crenças e valores vive.

No primeiro caso, trata-se do significado e sentido que damos à nossa vida, como objetivamos o viver, quais nossas aspirações. A depender desse sentido poderemos ser éticos ou não, otimistas ou pessimistas, crentes ou descrentes de um futuro melhor, confiantes ou tementes, ativos ou passivos em relação à vida, progressivos ou regressivos, determinados ou retraídos, etc.

O segundo caso diz respeito à parte emocional e psicológica do ser humano, isto é, se ele se ocupa de perceber-se mais que ao mundo, isto é, se ele se ocupa mais do que percebe internamente ou externamente a si mesmo. Há, nesse caso, um investimento em sua vida subjetiva, em sua vida emocional e afetiva, em lugar de atuar externamente.

Nesses dois sentidos, a sociedade em que o Cristo se inseriu, como também, em menor intensidade a que vivemos hoje, carece de uma melhor visão de mundo. Talvez, nesse aspecto, o Cristo, se voltasse a ter conosco, continuaria dizendo que seu reino ainda não seria deste mundo, isto é, os seres humanos ainda não estão psicologicamente maduros para a instalação de seu reino.

O reino do Cristo ainda não era daquele mundo, daquela visão ainda incipiente do próprio mundo interno e externo. A sociedade, mesmo sendo aquela que ele escolheu para dar o exemplo de sua mensagem renovadora, não tinha suficiente maturidade para investir mais no subjetivo do que no objetivo. A vida material era mais importante do que os convites que o Cristo fazia para que cada um tomasse sua cruz e o seguisse.

Sua afirmação quanto ao reino pode ser entendida como um apelo para melhorarmos nosso mundo interior, a fim de merecermos viver de acordo com seus princípios. Para tanto, nossa visão de mundo necessita transformar-se, a partir da focalização do mundo interno na mesma intensidade com que o fazemos em relação ao mundo externo. Não se deve pensar que basta voltar-se exclusivamente para o mundo interno, esquecendo-se do externo. É preciso dar atenção a ambos, buscando viver externamente o que vive internamente.

Dar um sentido para a Vida, ou ter uma visão de mundo adequada à instalação do reino do Cristo na Terra, é

fazer uma nova leitura da Vida como um bem preciosíssimo pelo qual nos cabe zelar. É, também, confiar em Deus, ter consciência de sua própria imortalidade e de seu retorno reencarnatório para aprender a vivenciar o que ignorava como fazer. É ter consciência de que sua vida na Terra tem um propósito mais amplo do que imagina. É saber que Deus nos deu o livre-arbítrio como forma de estabelecermos escolhas. É nos libertarmos das culpas e medos a fim de prosseguirmos seguros e firmes na busca da evolução espiritual.

A afirmação do Cristo coloca o ser humano na responsabilidade de tornar sua vida presente digna do reino que ele pregou. Dizer-se cristão e espírita, é preparar-se interiormente para construir esse reino externo a partir do interno.

Passa a ser meta do candidato a seguidor do Cristo, transformar sua vida interior e exterior, adequando-as ao reino dele. Seus seguidores, aqueles que pregam sua mensagem, bem como todos os simpatizantes, não se podem descurar desse objetivo.

Os que divulgam, sob as mais variadas formas, necessitam, com maior obrigação, instalar o reino interno, ao mesmo tempo que devem procurar realizar o externo.

A afirmação do Cristo nos dá segurança quanto à vida futura. Ao dizer que seu reino ainda não era daquele mundo, deixa-nos confiantes em relação à existência de um futuro. Essa tranquilidade atua psicologicamente, fomentando o bem estar e o equilíbrio entre a *psiquê* e o corpo. Inconscientemente ou conscientemente, sua mensagem *calça* nossa mente harmonizando-a, com a certeza de que há algo ditoso à frente, o qual alcançaremos.

Nesse sentido, podemos também entender que o reino é uma espécie de voz interior, que sinaliza a cada momento a necessidade de considerarmos nossa singularidade e

elaborarmos um modo de conciliar a dualidade característica de nossa existência. Viver seria o desafio entre ter que movimentar-se entre dois reinos: o externo e o interno, o físico e o espiritual, o concreto e o subjetivo. Viver no mundo sem ser do mundo. Desenvolver-se espiritualmente, aprender a ‘ouvir’ o inconsciente e manter-se adaptado e atuante nos aspectos objetivos da Vida.

Ao assegurar um reino futuro, o Cristo fortaleceu no ser humano a certeza inconsciente da imortalidade da alma. Ao garantir sua existência, ele deixava nas entrelinhas uma vida futura melhor do que aquela que o ser humano enfrentava.

Deus imanente

“Não se turbe o vosso coração; crede em Deus, crede também em mim. Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar.” João, 14:1 e 2.

Muito óbvio que entendamos as moradas de Deus como sendo os diversos mundos, habitados ou não, no Universo, Sua “casa”. Tais mundos, nos quais alguns cientistas afirmam existir vida, são servidos por bilhões de estrelas que a ciência de hoje identifica. A ‘casa’ de Deus é o Universo infinito, onde os diversos corpos celestes e o próprio espaço coexistem em harmonia. Colocamos entre aspas, pois o termo se aplica à uma morada física, portanto não se aplica concretamente a Deus.

Como Deus não se confunde com o Universo, sendo este Sua criação, Ele também se encontra fora dele. Dessa forma, Deus está em toda parte, dentro ou fora do Universo, se é que existe dentro e fora em se tratando d’Ele. Estando Deus em qualquer parte do Universo, também estará no interior do ser humano. Considerando que o mundo interior da alma humana é também um lugar onde Ele está, podemos dizer que ali pode ser Sua morada.

O que chamamos de essência divina no ser humano, como em todas as coisas, é a presença de Deus no Universo. Ele atua no universo, indiretamente, através de Suas leis e, diretamente, no interior do ser, no seu mundo psíquico.

Somos deuses por abrigarmos Deus em nós. Eu *sou* deus na medida em que reconheço Sua existência real em mim, na minha singularidade. Minha casa mental é morada de Deus. Em meu psiquismo, que evolui sem cessar, existe uma parte singular, que é o selo de Deus em mim mesmo.

Deus está na singularidade da *psiquê*. O Eu profundo ou a individualidade humana é Deus no ser humano. Sua percepção não se dá apenas pelo intelecto ou tão somente pela fé, mas, principalmente, pelo sentimento. É possível sentir Deus em si mesmo. Não é um ato isolado da fé, nem da razão, mas da emoção superior do Espírito.

Para sentir Deus em você, é necessário que se desenvolvam faculdades emocionais a partir da vivência em experiências que o coloquem em provas que despertem os sentimentos nobres latentes do Espírito. Vivenciar experiências como:

**a doação desinteressada,
o amor ao próximo,
a caridade anônima,
o carinho fraterno,
a amorosidade para com as pessoas,
a alegria sincera,
a amizade sentida,
lidar com a inocência da criança,
admirar a natureza,
devolver a esperança a alguém,
sentir a presença espiritual de um ente querido,
perceber o crescimento de um ser vivo,
sentir a espiritualidade na Vida,
sentir a saudade construtiva,
sentir, com empatia, no lugar de alguém,
refletir ao som de uma música elevada,
orar e perceber a resposta de Deus.**

Psicologicamente, podemos entender que as moradas de Deus são os estados da alma nos seus diversos níveis evolutivos. Como estou interiormente, como manifesto meu mundo interior, como atuo no mundo, como o mundo atua sobre mim, tudo isso reflete aspectos da personalidade que sou e identificam estados psíquicos.

Para perceber a personalidade do indivíduo é preciso avaliar sua vida no sentido amplo da palavra. Alguns aspectos não se exteriorizam na consciência, permanecendo inconscientes. Quando o Espírito reencarna, não apresenta toda a sua personalidade. Só exterioriza aquilo que o meio estimula, bem como o que ele necessita para evoluir naquela encarnação. Certas qualidades e alguns aspectos aversivos da personalidade não encontram campo propício à manifestação. Há personalidades muito complexas, cujo desequilíbrio necessita de várias encarnações para encontrar a harmonia. Não se pode determinar a personalidade de alguém a partir de um simples comportamento. O ser humano é mais do que demonstra. As pessoas não devem ser vistas pela atitude de um momento, pois esta é fruto apenas da vontade do Espírito submetida às circunstâncias ocasionais externas.

Nesse sentido, é necessário separar o Espírito de sua atitude externa. O ato externo é uma expressão da personalidade, mas não ela em si. É apenas uma faceta do Espírito. As moradas de Deus se expressam de formas distintas a depender de fatores complexos que determinam os atos humanos; dentre eles, a vontade pessoal, as circunstâncias ambientais externas, as influências psíquicas a que está submetido, o sentido evolutivo superior da vida, a proximidade de pessoas e fatos futuros pressentidos, os sentimentos aflorados, etc.

Os estados psíquicos do Espírito são infinitos e variam de acordo com seu grau de evolução. Os estados de

consciência expressos nos registros eletroencefalográficos, *Beta*, *Alfa*, *Theta* e *Delta*, são resultantes indiretos das vibrações psíquicas do Espírito. São um pequeno resumo da multiplicidade dos estados psíquicos do Espírito. O Espírito vibra em faixas que se constituem num espectro ou mosaico de expressões que extrapolam nossa compreensão limitada. Esse mosaico se constitui na presença de Deus no Espírito. São as moradas de Deus em nós.

As moradas são os estados de espírito, são expressões da alma na Vida. As manifestações da personalidade são expressões de Deus no ser humano. Quando nos envolvemos com nosso mundo íntimo, à procura de idéias, de pensamentos, de emoções e de intuições, estamos buscando as expressões de Deus em nós. Respeitar, portanto, cada ser humano, é reverenciar a Deus.

As máscaras sociais de que nos utilizamos para viver em sociedade são também representações dos estados psíquicos internos, são expressões simbólicas da alma, arremedos da *face* de Deus. Essas máscaras são personalidades artificiais, ou *personas*, que nos servem para estabelecermos a necessária ligação do interno com o externo e vice-versa.

As sucessivas encarnações do Espírito possibilitam a utilização de várias expressões da personalidade que ficam arquivadas no inconsciente. Essas vidas passadas deixam marcas no perispírito, permanecendo como formas de atuação, ou tendências comportamentais, frente às situações semelhantes que o Espírito venha a viver no presente. Vez por outra o Espírito se utiliza dessas facetas que são, sob nossa ótica, manifestações das moradas de Deus em nós.

Usamos várias *personas* para viver em sociedade. As vidas sucessivas nos possibilitam utilizar várias formas comportamentais de acordo com nosso estado de espírito. Muitas vezes nos deixamos influenciar pelas características

marcantes da personalidade dessa ou daquela encarnação, inibindo o surgimento de uma nova, alicerçada sob valores morais e éticos superiores. Repetimos mais do que criamos, pois utilizamos a *persona* que melhor possibilitou uma boa convivência social no passado. Tentar inibir esse atavismo, que funciona à maneira de um arquétipo, é proceder a reforma ou transformação da personalidade.

Na Terra, ainda precisamos do mal para sentirmos o bem; da noite para admirarmos a luz; da doença para apreciarmos a saúde; ainda precisamos das *personas* para conviver em sociedade. Sem elas nossa *sombra* aparece, tornando-nos insuportáveis. A conciliação dessa dialética de opostos é fundamental para o crescimento espiritual do ser humano. Harmonizar esses estados psíquicos interiores é tarefa do Espírito no caminho de sua evolução. Tentar separar uns dos outros é como querer separar os lados de uma moeda, como se fosse possível ela existir com um único lado.

Durante as encarnações alicerçamos aspectos negativos, aversivos, que ficam encobertos como uma sombra. Esses aspectos da personalidade não podem ser desprezados como sendo também moradas do Espírito. Esquecer essa *sombra* que todos temos, e nem sempre enxergamos, é subestimar a riqueza da vida inconsciente.

Ao afirmar '*não se turbe o vosso coração*', isto é, não se aflija, não acalente culpas e pesares desnecessários, ele estaria dizendo que há muitas possibilidades, como muitas moradas e alternativas para se exteriorizar o que se sente. Há muitas escolhas possíveis, não sendo necessário esforçar-se para se enquadrar em uma norma externa ou num dogma, nem recriminar-se por não conseguir atender a um tipo de comportamento ideal. Para iluminar sua consciência, a pessoa pode dispor dos caminhos que

originalmente se enquadram ao seu momento evolutivo e à sua capacidade de discernimento.

O Cristo colocou que iria preparar o lugar onde ele também estaria. Esse lugar é o estado de consciência feliz e harmonizado do Espírito consigo mesmo, com o outro, com a Vida, com a Natureza e com Deus. Psicologicamente o *Self* individual orientará a personalidade para a realização de sua totalidade espiritual. Isso é possível ainda na Terra, enquanto estamos encarnados.

Autotransformação

*“Quem diz o povo ser o Filho do homem?”
Mateus, 16:13.*

*“Em verdade, em verdade te digo que se
alguém não nascer de novo, não pode ver o
reino de Deus.” João, 3:3.*

O nascer de novo refere-se evidentemente a uma nova reencarnação. Nascer num novo corpo é a condição necessária para a evolução do Espírito na Terra. Somos os mesmos, num novo momento, envergando uma nova vestimenta, porém o mesmo Espírito em seu processo ascensional. Reencarnar é educar-se.

“Quem diz o povo ser o Filho do homem?” Perguntou o Cristo a seus apóstolos, provavelmente procurando saber quem pensavam que ele era, a fim de saber qual o sentido que o povo atribuía à sua personalidade. Sua interrogação remete-nos à preocupação com a imagem que passamos e com o sentido apreendido da mensagem que veiculamos.

Saber como é visto não é mera preocupação com a imagem pessoal, mas como sua figura serve de projeção ao outro. O que despertamos no inconsciente e no consciente das pessoas é parte importante da mensagem que queremos passar. Às vezes, o que despertamos no outro depõe contra o que efetivamente desejamos despertar. Cuidar da imagem pessoal, sem excessos que poderiam provocar uma relação artificial com os outros, não deve ser prescindido por quem

lide com a veiculação de uma mensagem. Somos também responsáveis pelo que provocamos no outro.

De um ponto de vista psicológico, sem prejuízo da análise reencarnacionista, que é óbvia e coerente, podemos entender 'o nascer de novo' como a necessidade da renovação interior. Essa interpretação, já exaustivamente divulgada pelos que negam a reencarnação, deve ser também entendida sob outro aspecto: o renovar-se, ou renascer a cada dia, como a necessidade de tornar consciente o inconsciente. De se descobrir à medida que evolui.

Tornar consciente o inconsciente é realizar seu mundo interior de forma harmônica e equilibrada. É trazer à tona os conflitos, que se encontram na forma de *complexos* inconscientes, à consciência, para a devida solução. Esse processo requer disposição e energia voltada para o mundo interior da mesma forma que a utilizamos para o mundo externo. Além dos outros princípios básicos, explicar a reencarnação é uma das atribuições dos divulgadores espíritas, porém resolver seus problemas íntimos, oriundos desta e, principalmente, de outras encarnações, significa crescer espiritualmente, renovar-se, isto é, nascer de novo.

O nascer de novo representa a disposição constante em confessar-se, em tentar eliminar as culpas inconscientes que trazemos de outras vidas. Elas nos impõem um gasto de energia adicional para viver. Trazem-nos tristeza e desânimo para enfrentar com novo e bom ânimo as provas e expiações a que estamos sujeitos. Confessar é retirar do mundo interior, do inconsciente, o que não segredamos aos outros. É aliviar-se psicologicamente de algo que se agiganta dentro de nós impedindo-nos de sermos verdadeiros. Nascer de novo é, aos poucos, confessar-se a si mesmo e ao próximo, conscientizando-se a cada dia da importância de ser verdadeiro no que pensa e faz. Essa

confissão não implica na perda de nossa intimidade, mas significa a ausência de receios quanto a expor-se quando as circunstâncias se fizerem necessárias. Ter liberdade significa libertar-se também das prisões que erguemos em torno de nosso passado por vergonha em expô-lo, alicerçando uma culpa que se avoluma a cada encarnação. O conselho do Cristo é muito claro: *'vai, e não peques mais'*⁹.

O nascer de novo representa a disposição constante em desligar-se das relações escravizantes que impõem limites na personalidade que deseja crescer. Ligações nas quais prevalecem a baixa qualidade de relacionamento, onde não se cresce nem se permite ao outro crescer, são sustentadas pela posse do outro. Desligar-se dessas relações possibilita o desabrochar de uma nova e mais verdadeira personalidade, livre das contingências que impedem o aprendizado ao Espírito.

O nascer de novo representa a disposição constante em acreditarmos em nós mesmos. Em reconhecer nossas potencialidades que nos capacitam a uma verdadeira atuação sobre as dificuldades que a Vida coloca à nossa frente, como degraus evolutivos. Viver buscando crescer espiritualmente é um desafio a que todos temos que enfrentar.

Nascer de novo é fazer brotar a vida onde antes ela se encontrava inibida, onde não se tinham mais horizontes renovadores. Nascer de novo é um importante código da Vida que deve sempre ser evocado pelo Espírito em todas as circunstâncias de sua evolução. O Espírito deve sempre se perguntar: Há alguma outra maneira mais saudável e mais harmônica de viver? Certamente que a Vida irá mostrá-lo que há muitas opções, cuja percepção lhe é ampliada à medida que evolui.

⁹ João, 8:11.

O nascer de novo também significa eliminar os medos conscientes e inconscientes. É buscar, a cada dia perceber a existência de medos não conscientizados, que, de forma subliminar, interferem em nossa disposição de viver. Medos enraizados durante as vidas sucessivas e medos adquiridos na atual encarnação. Os últimos são mais fáceis de erradicar-se, porém os primeiros exigem tempo e disposição para enfrentá-los e eliminá-los.

As nossas disposições inconscientes, oriundas das experiências alicerçadas nas vidas passadas, são poderosos determinantes comportamentais para a vida presente. Nascer de novo é despertar para necessidade de criar, conscientemente, novas disposições e motivações na vida presente.

O nascer de novo nos convida a eliminar a culpa e o remorso que trazemos inconscientes, cuja origem se perde nas vidas passadas. Quantos conflitos, alguns leves, outros graves, que não resolvemos em nosso passado reencarnatório? Eles hoje se tornam fatores degenerativos à personalidade quando seria de desejar um comportamento coerente com princípios nobres e superiores.

O convite a Nicodemos para o necessário nascer de novo deve ser ampliado também para o comportamento privado. As verdades eternas ou leis gerais da natureza são importantes para o coletivo e devem também ser aplicadas no particular. De um lado temos o dever de ensinar essas leis, quando as entendemos, e de outro, aplicá-las ao mundo interno, o que repercutirá na vida social.

Nossos conflitos não resolvidos, desta e de outras encarnações, se enredam em teias psíquico-emocionais, assumindo a feição de *complexos*. O nascer de novo representa a dissolução desses *complexos* alimentados, principalmente, nas vidas pregressas. Reconhecer, enfrentar

e dissolver um *complexo*, pode ser desafio que leve anos e, às vezes, encarnações.

O nascer da água e do Espírito é o modificar-se externa e internamente. É a transformação que se exterioriza a partir de uma renovação interna. A água é matéria, portanto o que se exterioriza e que serve de representação à essência. É o mundo material com suas relações. O Espírito é a própria essência do ser, que se renova a cada dia, num crescente conhecimento da lei de Deus.

O Espírito, quer encarnado quer desencarnado, utiliza suas energias psíquicas para o mundo externo nas relações com ele e para o mundo interno na suas relações consigo mesmo. Saber usar essas energias equilibradamente, nem tanto para fora nem tanto para dentro, é uma arte. São escolhas progressivas e regressivas que se alternam para a evolução do Espírito. Somos mais progressivos do que regressivos com nossas energias. Vivemos mais o mundo externo que o interno. O convite do Cristo é para não esquecermos de aplicar nossas energias também no mundo interno, o qual nos estrutura para viver o externo. Sem a renovação interior fica um grande vazio na alma. Não é fácil dirigir a energia psíquica para ambas as direções, face às exigências do mundo.

A felicidade para quem busca a renovação interior deixa de ser um desejo futuro para se tornar um meio de se alcançar a harmonia e a paz. A felicidade é um meio, e não um fim, não é um lugar, mas um estado de espírito.

Quando nos dispomos a nascer de novo a cada dia, possibilitamos que a compreensão e o perdão estejam sempre presentes diante dos equívocos do nosso próximo. Só cresce quem sabe perdoar, pois deve considerar que também seria capaz de cometer o mesmo equívoco que percebeu no outro.

O nascer de novo também é um convite a que aprendamos, a cada dia, a nos libertar das identificações excessivas com a *persona*, que nada mais é do que um dos muitos papéis sociais de que nos utilizamos para viver em sociedade, sabendo utilizá-la de acordo com necessidades reais e a serviço do *Self*.

O Cristo nos convida à renovação interior para o alcance do estado de felicidade, passaporte para uma Vida em harmonia com o Universo.

Cura interior

“Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.” Mateus, 5:4.

As Bem-aventuranças são mensagens de consolação para nós, Espíritos ainda pequenos na evolução. São poemas de esperança a todos, para que compreendam as verdades eternas. São recados do emissário de Deus para as criaturas na Terra.

Bem-aventurados os que choram, pois estão resolvendo seu *carma* negativo. Estão concluindo seu processo de expiação, capacitando-se a uma nova vida de oportunidades renovadoras.

O Cristo costumava perguntar àqueles que o procuravam: *Queres ser curado?*¹⁰ Tal pergunta demonstrava sua preocupação em que o indivíduo entendesse que o desejo pessoal de quem busca é importante e fundamental fator de cura. O desejo consciente e interno de ser curado responde pela maior possibilidade de alcance do objetivo. O desejo sincero obtém resposta positiva da Vida. Nesse ponto, vemos que o Cristo tinha consciência do chamado efeito *placebo*, no qual o que cura é um certo fator psicológico ou outro desconhecido, contido no desejo ou na consciência da eficácia do remédio, mas não nele em si, pela sua condição inócua. O desejo de ser

¹⁰ João, 5:6.

curado deve corresponder à compreensão do porquê se está doente. Desejar ser curado sem consciência de que a doença está sendo um grande veículo de aprendizado, pode significar a perda da oportunidade de crescer, bem como a possibilidade do retorno de nova forma dolorosa de aprender.

Ser curado por alguém deve se constituir numa possibilidade do estabelecimento de um marco para o início de um novo ciclo de vida. A pergunta levaria o indivíduo a refletir sobre a força de sua vontade e a importância do desejo interno de curar-se.

O desejo de cura não era tão somente do Cristo, mas, principalmente do necessitado. A iniciativa pessoal constitui-se no princípio da cura. Entregar-se à doença, sem procurar os meios de curar-se, significa contribuir para que ela continue seu ciclo de inércia da Vida. Quem tem seus males deve buscar resolvê-los com determinação e consciência de que estar doente ou sadio são estados orgânicos a ser administrados pelo Espírito.

Querer ficar curado é não atribuir ao outro a responsabilidade pelo processo de cura. O *salvador* de mim mesmo sou eu. O Cristo mostrava que o remédio procurado estava no próprio indivíduo e não fora dele. O remédio é mais interno que externo.

A pergunta do Cristo obriga-nos a voltar nossa atenção à nossa vida íntima, aos nossos processos internos de crescimento. Costumamos focar o olhar para os outros, não para ajudá-los, mas para desviar nossa atenção sobre o que nos incomoda. Fugimos de nós, focando os outros.

Ele poderia simplesmente dizer: levanta-te e anda. Mas preferiu falar: *“Levanta-te, toma o teu leito e anda.”*¹¹ Acrescentava o *“toma o teu leito”*, isto é, teu chão, tua

¹¹ João, 5:8.

estrada, tua vida, teu passado, teu mundo interior. Curar o outro não deveria eximi-lo de enfrentar sua realidade. Curar o corpo não é o mesmo que curar a alma. Temos que ter a consciência de que o corpo sadio não garante a felicidade de ninguém, tampouco ser curado significa estar livre de suas provas, necessárias à evolução.

Tomar o seu leito é estimular a força de vontade que se espera dos que desejam a cura. É estimular a utilização da energia psíquica, mobilizando-a a serviço do próprio progresso. É entender que evoluir é compromisso pessoal e intransferível. Não se evolui pelo outro, mas com o outro. Ter sido curado pelo Cristo não outorgou aos que receberam sua energia amorosa o título de salvos ou evoluídos. Viver ao lado de mestres, gurus, *santos*, missionários verdadeiros, não isentará ninguém de vencer suas próprias limitações e trilhar seu próprio caminho.

Na realidade o Cristo fez um convite a que o ajudado vencesse suas próprias resistências internas. Muitas vezes o que impede a cura de nossos problemas, sejam físicos ou sejam psicológicos, é uma certa inércia inicial que se apresenta na forma de resistência à mudança. Os que se encontram em aflição se situam num estado psíquico que possibilita a busca de soluções para a saída do mal que atravessam. A aflição é uma espécie de crise, e crise significa momento de mudança. É a oportunidade de se rever valores, motivações, desejos e objetivos de vida. É o ponto de referência que o Espírito poderá utilizar-se para iniciar uma nova forma de viver.

A tendência do *ego* em afirmar-se e submeter as circunstâncias da vida aos seus desejos exclusivos, precisa ser transformada. Ele deverá reconhecer que além dele há um centro organizador no psiquismo, que não só o direciona como também o contém. Esse centro diretor, o Self, impulsiona o desenvolvimento psíquico no sentido da

realização da sua totalidade espiritual. Por mais elaborada que seja a visão de mundo do *ego*, pela sua parcialidade e limitação, ela é sempre unilateral, por faltar-lhe a contraparte inconsciente.

Quando a crise se instala é o *ego* quem sofre, pois ela decorre, geralmente, como resultante das frustrações de seus desejos. Bem-aventurado, portanto, é o *ego* que chora por ter seus desejos ilusórios destruídos. Nesse momento poderá tornar-se apto a perceber os reais desejos de sua alma, alcançando o consolo de estar vivendo a serviço do *Self*.

É o ponto em que se deve mudar para uma vida melhor. É a mudança interior que deve ser buscada, muito mais que a exterior. Há pessoas que, diante da crise, resolvem mudar de lugar, de ares, de trabalho, de casa, viajar, como se a crise dependesse exclusivamente do mundo externo. A mudança deverá ser interior, a partir de uma nova concepção de mundo e da própria Vida.

Ele nos convidava a essa percepção diferente do mundo, quando declarava “*Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.*”¹² Arrepende-se é convidar a não fazer mais o que se fazia; é não entender a vida com os mesmos valores que se tinha; é, ainda, não se culpar pelo que fez no passado, mas encarar uma nova realidade que se avizinha.

Arrepende-se é autoconhecer-se. É fazer um mergulho no próprio mundo consciente e no inconsciente, a fim de modificar suas disposições internas e passar a vibrar numa faixa psíquica mais elevada. Este estágio mais adiantado é aquele que nos permite viver com a disposição de enfrentar com equilíbrio e humildade os revezes que a Vida nos apresenta.

¹² Mateus, 4:17.

A proximidade do reino dos céus é a certeza de que ele se encontra no nosso interior. Não é um estado externo, mas interno. É possível alcançá-lo pela sua íntima condição. Não é necessário viajar, nem buscá-lo muito longe. Não está em nenhum lugar mágico ou nas alturas dos montes, nem nas florestas virgens, nem em caminhadas intermináveis. Não se encontra no espaço infinito, mas tão somente no infinito de nossas moradas interiores.

Os aflitos poderão vivenciar inúmeras crises, desde as da infância até aquelas que exigem muita maturidade para enfrentá-las, muitas vezes oriundas de encarnações passadas. Nem todas provocam mudanças, pois a maioria das vezes não lhes aproveitamos o auge para reflexões profundas e para transformações verdadeiras. As crises que provocam mudanças são aquelas que nos exigem investimento emocional numa nova atitude. Decorrem geralmente do relacionamento com um outro, da escolha profissional, da necessidade do equilíbrio financeiro, das relações parentais. São crises que geralmente ocorrem na *meia idade*, e que exigem renúncia, contração, a partir de soluções duradouras.

A aflição não deve constituir o motivo único de preocupação na vida de uma pessoa. Devemos sempre pensar que nela está uma oportunidade de crescimento. A aflição é bem-aventurada por representar a oportunidade de vitória sobre as forças contrárias à evolução da vida. Quando percebermos que estamos num estado que pode chegar ao desequilíbrio, é conveniente que façamos uma parada para meditar, orar, e desfocar o problema, a fim de melhor captar a influência espiritual salutar, para o encontro de soluções dos conflitos e para a harmonia das idéias.

O Cristo nos convida à esperança em nós mesmos a partir do estado de espírito que nos predispõe a viver

confiantes na certeza de que um mundo interior em paz produz uma sociedade em harmonia.

O Terapeuta Maior

“Se me amais guardareis os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco, o Espírito da verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; vós o conheceis, porque ele habita convosco e estará em vós.” João, 14:15 a 17.

As principais nações do mundo ocidental se formaram sob a orientação religiosa do Cristianismo Católico. Elas alcançaram seu apogeu científico-tecnológico, bem como a boa qualidade de vida de seus povos, após o advento do Cristo. Dois milênios de Cristianismo foram significativos, pois trouxeram importantes avanços no campo das relações sociais, da qualidade de vida e da aproximação entre os povos, em que pese o atraso moral que a humanidade ainda se encontra. A mensagem do Cristo trouxe consolação, esperança e fé para boa parte da humanidade. Ela continua sendo um grande consolador para o ser humano deste século e, com certeza, ainda o será por muito tempo.

O alívio que o Cristo prometeu nos leva a entender, dentre outros significados, que sua mensagem promove o bem estar íntimo, fazendo-nos vibrar numa faixa psíquica superior. Entrar em contato emocional, vivendo sua mensagem, é garantia de disposição íntima para enfrentarmos as dificuldades da vida.

No trecho citado do Evangelho de João, o Cristo também poderia estar se referindo à necessidade de

utilizarmos nossa energia psíquica interior a serviço do Bem e do Amor através da caridade, pois, dessa forma, jamais estaremos desamparados.

Ao dizer *“Vinde a mim todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.”*¹³, ele se colocou como um terapeuta que acolhe o ser humano em suas dores e conflitos íntimos. Convidava os sobrecarregados e desgostosos da vida a fim de se abastecerem na sua energia amorosa. Ninguém que deseje ajudar alguém deve deixar de tomar a postura de acolhimento, isto é, de compreensão das dificuldades do outro e não de condenação. O Cristo é o terapeuta da humanidade, pois toda a sua mensagem nos dá prova disso.

Quando nos ocorre o desejo de julgar ou recriminar alguém, devemos procurar conduzir nossa crítica de forma a amparar e educar a pessoa. A boa psicologia nos convida a ensinar amorosamente o outro. Quem acolhe o outro se solidariza com ele e se predispõe à empatia. Colocar-se no lugar do outro é a regra áurea para a convivência harmoniosa.

O Cristo age como o verdadeiro terapeuta que acolhe e compreende as dificuldades de seus pacientes. Ele não falava para terapeutas ou para uma classe especial da sociedade, mas dirigia-se à consciência do ser humano.

Ao afirmar *“Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve.”*¹⁴, coloca a sua vida, isto é, sua personalidade, como sendo o principal método de trabalho. Nesse particular as modernas escolas psicológicas afirmam que a verdadeira técnica psicoterapêutica é a personalidade do terapeuta. Podemos estender essa colocação, dizendo que

¹³ Mateus, 11:28.

¹⁴ Mateus, 11:29 e 30.

a verdadeira técnica de auxílio ou de convencimento é a vida do próprio divulgador da mensagem. Caso a mensagem não transforme quem a divulgue, certamente ela não está sendo bem assimilada.

A mensagem quer nos fazer entender que, se o ser humano seguir os preceitos cristãos, alcançará a tranqüilidade necessária para enfrentar suas dificuldades. Pode-se entender também que ela se dirige ao mundo íntimo do ser humano, buscando inserir a idéia de que, quando a tivermos apreendido e vivenciado, conseguiremos alcançar o nosso próximo de forma a verdadeiramente educá-lo.

É um convite para que o ser humano assuma a própria vida e não tema o processo de autoconhecimento. Muitos temem o inconsciente, preferindo não conhecê-lo ou negam-lhe a existência. Seus aspectos aparentemente densos e obscuros amedrontam os menos preparados. Tais aspectos, se bem compreendidos, tornam-se facilitadores do desenvolvimento espiritual, suavizando a existência.

Ela, a mensagem, oferece repouso, alívio, redução de tensões e dos medos. Possibilita ao ser humano viver melhor, liberto das culpas e confiante no futuro. O claro fundo psicológico da afirmação consolida nossa percepção de que a mensagem do Cristo se dirigia ao mundo interior do ser humano, a fim de que ele melhor pudesse atuar no mundo exterior. Ela tanto pode ser aplicada objetivamente quanto subjetivamente, isto é, numa ação sobre um objeto externo ou numa internalização de novos valores.

Ao dizer que nos mandaria outro consolador além dele, quis afirmar, face à nossa tendência a encarar a vida de forma pesada e sofrida, que sua mensagem necessariamente era de consolo e que ela estaria sempre conosco. Suas palavras nos levam a entender que o consolador, que ficará eternamente conosco, deve ser algo que permanecerá internalizado, a ponto de não mais afastar-se de nós. Isso

nos sugere, além da clássica interpretação de que o Espiritismo é esse consolador, que se trata de algo que venha a ser integrado à personalidade, adquirido na vivência da mensagem. O Espírito da verdade (ou de verdade) pode ser também considerado o conhecimento das leis de Deus, isto é, a verdade em nós.

Novamente chamo a atenção para que não se pense que pretendo sobrepor a interpretação de que o consolador prometido é a mensagem espírita. Penso que ambas não se excluem. O Espiritismo é a lente com a qual se pode melhor perceber a mensagem cristã, bem como melhor entender o mundo.

Ter conosco o Espírito de Verdade é conseguir melhor perceber-se, pois a mensagem levanta os véus da ignorância, permitindo uma visão clara sobre nós mesmos. A mensagem espírita devidamente assimilada, pela razão e pelo sentimento, implica na capacidade de verdadeiramente nos conhecermos.

Ao Espírito, princípio da essência divina, chega as leis de Deus. Suas instâncias psíquicas, *ego* e *Self*, são instrumentos de elaboração das aquisições de sabedoria, emanadas de Deus. Reter a mensagem do Cristo, no formato espírita, capacita-nos a conhecer melhor a Verdade e a estabelecer melhor juízo de valor sobre as coisas.

Devemos considerar, também, que o Cristo consolador está dentro de nós, constituindo-se numa consciência plena da nossa capacidade de renovação e modificação das circunstâncias que nos afligem. A descoberta dessa força renovadora é um processo que pode durar anos, décadas ou até encarnações.

Ser uma mensagem consoladora quer também significar que ela tem a capacidade de harmonizar nosso mundo íntimo. Traz em si a possibilidade de alavancarmos novas atitudes em nosso favor e da Vida. Ser espírita nos

convida a mais responsabilidades do que ter uma religião, tendo em vista as concepções precisas sobre a vida espiritual no Espiritismo, o que nos convoca ao trabalho tanto internamente quanto em favor do esclarecimento da natureza espiritual do ser humano.

O Espiritismo, se verdadeiramente conhecido e, mais importante, sentido e internalizado em sua essência, é uma das expressões do consolador prometido, sem qualquer exclusão a outras doutrinas, religiosas ou não, que promovem a mesma função de preparar o ser humano para as necessárias provas da vida.

A mensagem do Cristo estará sempre conosco, pois por detrás do *ego*, há o *Self*, centro diretor e organizador da Vida, que estará absorvendo-a. Enquanto o *ego* é o centro da vida consciente, o *Self* é o centro de gravidade da vida psíquica; ambos, *ego* e *Self*, são instâncias psíquicas do Espírito imortal, o qual, verdadeiramente, é o sujeito e o objeto da Vida.

Máscaras e *personas*

*"Bem-aventurados os humildes de espírito.
Porque deles é o reino dos céus." Mateus,
5:3.*

Quando pronunciou as palavras acima, certamente o Cristo se referia àqueles humildes em aprender as verdades eternas e que se colocavam predispostos a entender o sentido e significado da Vida, sem a arrogância característica dos que acreditam já saber de tudo. Pobres em espírito ou pobres de espírito são expressões que podem ser interpretadas de formas distintas. Não importa se encontramos aspectos distintos numa mesma coisa, pois em tudo pode se obter um significado único. E, neste caso, ele é a necessária condição de ignorância para dispor-se a aprender.

Ele se referia a um estado de espírito, a uma condição consciente de se colocar diante do mundo, a uma atitude frente ao novo e ao desconhecido. Novamente ele busca dirigir-se ao ser humano psicológico muito mais do que ao ser humano social, ao interno mais que ao externo. Como naquela época em que aquelas palavras foram pronunciadas, também hoje o ser humano ainda se encontra preso ao mundo exterior, ao mundo da matéria, a que se apegava como se fosse a única realidade possível. Ciente dessa condição, o Cristo endereça sua mensagem alertando o ser humano da necessidade de que ele busque colocar sua mente

distanciada de uma condição que lhe impeça a visão da realidade espiritual. Condição esta possível graças à humildade e ao desejo sincero de aprender. É como se ele nos convidasse a sempre ver as coisas sob a ótica do espiritual.

Ele costumava colocar que o ser humano deveria se assemelhar à criança nas suas atitudes, devendo aproximar-se de sua pequenez a fim de alcançar o reino dos céus (leia-se: alcançar um estado evolutivo melhor). Por que não igualar-se tão somente a um adulto responsável? A que atributo ele se referia, presente numa criança e desejável de existir num adulto? Arriscamos dizer que os preconceitos oriundos da educação costumam embotar a plenitude da capacidade de aceitar o novo.

Ser como uma criança é ter a condição não preconceituosa diante daquilo que se deve aprender. É buscar a ingenuidade e espontaneidade da criança.

Do ponto de vista psicológico é colocar sua mente sem a máscara social. É desvestir-se dos condicionamentos externos que impedem o aprendizado pelo Espírito. Colocar-se de forma preconceituosa é reter as coisas no nível do *ego*, impedindo, pelos mecanismos de defesa, o *Self* de filtrar o que deve ir ao Espírito.

As máscaras sociais, ou *personas*, colocam a mente numa condição de assimilação parcial, face as preocupações em se relacionar com o externo, inibindo parcial ou totalmente, a relação com o *Self*. Colocar-se como criança é permitir desabrochar o Eu interno, ou *Self*, cuja condição de centro regulador e organizador da *psiquê*, permite a utilização não conflitante do *ego* e das *personas*.

A inocência da criança é um estado psíquico de total confiança no futuro, de ausência de medo e de disponibilidade plena para a Vida. O Cristo se referia a esse

estado de espírito como condição psíquica para conhecermos as leis de Deus e evoluirmos.

Nas relações com o próximo, a ingenuidade da criança é desejável, pois atenua o poder da mágoa ou do revide. A vingança é fruto da instabilidade psíquica, caracterizada pela assunção de um ou mais *complexos* à consciência, sem o devido equilíbrio do *ego*. Os *complexos* são o ponto de apoio das obsessões espirituais. Não revidar é não se sentir atingido diante da ofensa, que, em realidade, atinge seu emissor. O pobre de espírito coloca sua mente a serviço do Bem, e não dos objetivos do *ego* ou de alguma *persona* assumida.

O estado de espírito que não se assemelha ao da criança possibilita que a mente crie barreiras para se defender do mundo, não captando as leis espirituais a partir das experiências vividas. Colocar-se assim, é não precisar perdoar, pois não se sentiu agredido.

O Cristo dizia que “*Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos.*”¹⁵, referindo-se, numa perspectiva psicológica, ao *complexo* de superioridade que normalmente carregamos no inconsciente, e, às vezes, na consciência. Ser servo é não permitir que o *complexo* de superioridade assuma a consciência, determinando a conduta e impedindo uma percepção adequada da realidade. Nesse sentido, o Cristo pode ser chamado Terapeuta, que significa “servidor de Deus”, isto é, aquele que cura em nome de Deus. Ele é aquele que serve a Deus sem o *complexo* de superioridade que infla o *ego*, atingindo alguns “missionários” que se acreditam superiores aos outros.

Servir é, então, o remédio, segundo as palavras do Cristo, e servir a Deus é a grande terapia para o ser humano. Podemos dizer que o trabalho em favor da Vida é a maior

¹⁵ Marcos, 9:35.

terapia que se pode aplicar a si mesmo. Quem quiser enfrentar seus conflitos internos deve começar pela caridade. O bem que fazemos aos outros é o bem que fazemos a nós mesmos. Servir ao próximo é o começo da própria cura. Quando é feito com sinceridade e equilíbrio é caminho de libertação. É importante ajudar ao próximo naturalmente, e não apenas como integrante de uma instituição religiosa ou social, qualquer que seja.

Em continuidade ao trecho citado anteriormente, o evangelhista recolhe a seguinte afirmativa do Cristo: “... porque aquele que entre vós for o menor de todos, esse é que é grande.”¹⁶ Essa colocação também pode ser vista como uma alusão aos *complexos* que se revezam entre a consciência e o inconsciente. Quando atribuímos poder ao *ego*, inflacionando-o, reduzimos a capacidade de aprender pelo *Self*. Quando diminuimos o poder do *ego*, ampliamos a capacidade do *Self* em apreender a realidade. O indivíduo ao elevar-se sem méritos, atribui poder ao *ego*, inflando-o; dessa forma, vive-se a vida do *ego*, e não a do *Self*.

Quem deliberadamente exalta suas qualidades, mesmo que as possua, torna-se orgulhoso e vaidoso de si. Esse orgulho cada vez mais estimulado inibe o conhecimento de si mesmo e impede a percepção da *sombra*, isto é, de suas qualidades negativas e do que desconhece da própria personalidade.

A psicologia do Cristo é cristalina quando a aplicamos ao nosso mundo interior. Não há como fugir de si mesmo. A humildade facilita o processo de autopercepção e de manifestação do *Self*. O orgulho embota a visão do Espírito, cegando-o à compreensão da realidade.

Quando o orgulho aparece, através da auto-elevação do *ego*, surge a primazia de uma das *personas* consolidadas

¹⁶ Lucas, 9:48.

nas encarnações anteriores. Essas personas inconscientes se tornam uma espécie de *sub-personalidade*. O indivíduo vive artificialmente pela manifestação de uma *sub-personalidade*, emergida pela energia demasiada atribuída ao *ego* que lhe dá sustentação. Essa *sub-personalidade* é nucleada por um ou mais *complexos*. Como exemplo podemos ver nas pessoas que, em outras encarnações estiveram em posições sociais importantes, mas que na atual encarnação não ocupam lugar de destaque na sociedade, poderá permitir que, pela inflação do *ego*, essa *sub-personalidade* assuma a consciência.

Quando não adicionamos excessiva energia ao *ego*, ampliamos a percepção de nossas próprias limitações, permitindo que enxerguemos a nossa *sombra*, antes inconsciente.

Da mesma forma, a simplicidade facilita a percepção dos *complexos* inconscientes, trazendo-os equilibradamente à consciência sem que eles predominem sobre o *ego*. Na humildade o verdadeiro Eu sobressai-se, para que o Espírito possa crescer, desenvolver-se e alcançar sua plenitude.

Sem culpas

*“Bem-aventurados os limpos de coração,
porque verão a Deus.” Mateus, 5:8.*

Afirmam os hindus que a sede da consciência superior se localiza próximo ao *chakra* cardíaco, centro da Vida emocional. Isso pode nos indicar um caminho por onde devem navegar nossas buscas para encontrar a essência do Espírito. Qual seu atributo principal? Razão? Fé? Emoção/Sentimento? Intuição? Inteligência? Talvez a afirmação do Cristo nos leve às respostas de que precisamos.

A humanidade viveu muito tempo sob o domínio do dogmatismo religioso, do empirismo pré-científico e, mais recentemente, do racionalismo materialista. O Espiritismo, numa visão mais ampla, propõe-se a ser uma síntese entre a fé e a razão. Porém, numa perspectiva psicológica, a mensagem espírita proporciona o despertar de algo mais que a união da fé e da razão. De um lado, a fé dogmática foi responsável por inúmeras atrocidades na história religiosa da humanidade; do outro, o racionalismo tem sido o mantenedor da visão materialista a respeito da natureza essencial do ser humano.

A união da fé e da razão é mais do que a soma das duas separadas. Essa união proporciona o surgimento da necessidade de se valorizar as emoções superiores do Espírito como algo a ser buscado. A visão espírita

pressupõe a percepção da importância de desenvolver-se o reconhecimento de quais são os sentimentos humanos, de como reconhecê-los e de como lidar com eles.

Nesse sentido, o Cristo estabelece a necessidade do ser humano purificar seu coração. A purificação é uma limpeza, uma retirada de impurezas e daquilo que impede a verdadeira manifestação do Espírito. O Cristo coloca a pureza de coração como um estado de espírito no mesmo nível daqueles proporcionados pelas outras bem-aventuranças.

Num sentido psicológico, poderemos pensar que a pureza é a necessária retirada dos conflitos internos, dos *complexos* oriundos da atual e das encarnações passadas. Tornar puro o coração é retirar o fardo das culpas que impedem uma saída para a percepção do amor como força nutridora da Vida.

Nossa transformação passa pela necessidade de extrairmos do nosso mundo inconsciente esses conflitos deixados em aberto nas encarnações vividas anteriormente. É começar primeiro a confessar-se, isto é, reconhecer suas limitações, bem como as características de sua personalidade consideradas negativas, como partes estruturais de si mesmo. É não camuflar o que se é, mesmo que sejam aspectos aversivos. Ter consciência de que, mesmo tendo traços negativos na personalidade, eles, se vistos por outra ótica, serão importantes instrumentos de crescimento pessoal. Em segundo, é importante nos confessarmos aos outros, assumindo uma postura mais transparente perante aqueles que nos rodeiam. Evidentemente que essa postura não é muito fácil para quem sempre viveu encoberto pelas máscaras sociais e desacostumou-se a mostrar-se como realmente é. É difícil, pois sempre se aprendeu que esses aspectos negativos e

desconhecidos representam o *mal* em nós, e que devem ser extirpados a qualquer custo.

A pureza de coração é a manifestação da essência divina em nós, daquilo que possuímos de bom e que merece ser colocado no velador, para que ilumine a todos, inclusive a nós próprios. Ter pureza no coração não se confunde com ser tolo ou pueril, é não permitir que o coração permaneça manchado pela raiva, pelo ódio ou por qualquer sentimento menos elevado

A pureza de coração é não ter vergonha das imperfeições que possui e das características de personalidade sedimentadas nas diversas encarnações pregressas. É assumir-se dentro do próprio nível de evolução, buscando sempre acrescentar novos valores ao Espírito. É não ter vergonha de ser gente, isto é, de ser o que se é, independente do que se pretende ser.

Da mesma forma psicológica poderíamos entender a afirmação seguinte:

*“Mas o que sai da boca, vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios,...”*¹⁷

O Cristo, ao afirmar que os pensamentos partem do coração, pretendia colocar que as emoções é que geram pensamentos, e não o contrário. Pensamos da forma que o fazemos face à existência de emoções determinantes. Emoções, em sua maioria, inconscientes, oriundas dos conflitos passados, nucleados no perispírito.

Mais importante do que conhecer os pensamentos é reconhecer quais são nossas emoções internas, não perceptíveis pela consciência. As razões inconscientes não devem ser desprezadas. Os sentimentos geram pensamentos e atitudes. São eles que se encontram enraizados no Espírito

¹⁷ Mateus, 15:18 e 19.

imortal. Conter emoções, isto é, reprimi-las, tanto quanto liberá-las, são extremos de comportamentos que, necessariamente, exigirão retorno para revivê-las. A repressão tanto quanto a liberalidade respondem pela maioria dos conflitos que o ser humano atravessa. São elas que levam muitos às clínicas médicas e psicológicas por não saberem lidar com seus limites.

Enquanto o *ego* vive buscando autoconhecer-se, atrás de aumentar seu volume de informações sobre o mundo fora de si mesmo, despreza o valor do aprendizado das emoções, preocupação básica para o crescimento espiritual. Buscar a pureza de coração não se trata de ter um comportamento socialmente ou *politicamente* correto, mas sim, de atuar em profundidade dissolvendo os conteúdos psíquicos que atrasam a marcha evolutiva do Espírito. Esses conteúdos psíquicos são oriundos de processos psicológicos que ressoam internamente necessitando ser conscientizados e trabalhados.

A importância da mensagem cristã, e espírita em particular, está na sua capacidade de, se vivida em profundidade, possibilitar, quando do revolver desses conteúdos, tomar seus lugares como uma onda de renovação estimulante. Quer dizer, não basta rever o passado, mas é preciso fazê-lo à luz de uma mensagem que possibilite a transformação visando a felicidade do ser humano. Nesse particular, embora louvável a contribuição relevante, algumas escolas da Psicologia apenas diagnosticam os problemas sem lhes propor solução equilibrada. Não basta denominar o problema ou transtorno psíquico, é preciso apresentar os métodos de cura. Há inclusive quem busque investigar o passado reencarnatório, permanecendo apenas na lembrança deles. É necessário, após a investigação da origem do trauma, propor ao indivíduo uma nova ética de vida.

A pureza de coração significa o não predomínio dos instintos, nem tampouco da razão, mas sim, a afirmação do aspecto emocional como essencial para a evolução espiritual. O predomínio da razão tem sido responsável pela continuidade do estado belicoso em que se encontra a humanidade e na condição defensiva em que se encontra o ser humano em particular. As pessoas, por utilizarem excessivamente a racionalidade, têm se tornado frias e muitas vezes insensatas. É o momento de estabelecermos a entrada das emoções equilibradas na ordem do dia das nossas decisões. Pode-se evocar a razão para tudo que se faz, porém dificilmente se consegue interpretar a mesma emoção de formas distintas.

Os sentimentos internos não trabalhados são responsáveis pelos equívocos que cometemos. O que é interno é inconsciente, e, muitas vezes, o é por fuga ou receio de lidarmos com as conseqüências adversas que seu conteúdo nos parece levar.

Fugir, dando lugar ao medo e à vergonha, pode ser mais fácil para o *ego*, porém torna-se um prejuízo para a evolução espiritual. Quem foge de si mesmo, um dia será submetido a algum “escândalo”, cuja ocorrência é inevitável, além de ser impossível fugir de suas conseqüências, no dizer do Cristo.

O coração é a sede da inteligência emocional. Não o coração físico, mas a atitude de espírito ligada aos sentimentos nobres que elevam a alma a Deus.

Encontro com o Self

“Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus.” Mateus, 5:5 e 9.

Mais do que evidente o sentido que se pode aplicar a essa colocação do Cristo, pois ela vai direto ao Espírito, sem a necessidade de complexas interpretações. A mensagem do Cristo é a da paz incondicional. Por mais que se lhe atribua atos de intransigência na defesa de suas idéias, não se pode negar que sua mensagem é inteiramente pacifista.

Em todas as parábolas do Evangelho pode-se ver o sentido profundo que se pretende alcançar, buscando colocar o ser humano em contato direto consigo mesmo e com Deus. A mensagem é de reflexão da própria consciência de quem ouve, levando-a a debruçar-se sobre si mesmo. Proporciona um mergulho no *si mesmo*, apaziguando toda forma de violência ou de projeção externa. É uma mensagem de paz, para a paz e em paz.

Além de nos colocar em contato com a necessidade de nos pautarmos externamente em atitudes de não-violência, convida-nos ao apaziguamento do nosso mundo íntimo, muitas vezes em turbilhão, face aos desequilíbrios alicerçados em experiências desarmoniosas do passado. A não-violência não é apenas um comportamento externo, mas, principalmente, um estado de espírito. Por força das leis de Deus, nosso estado interior atrai circunstâncias

externas no intuito de proporcionar o necessário equilíbrio e aprendizagem. A violência externa que nos atinge é fruto da desorganização interna que nos constitui. Equilibrar o mundo interior significa não mais necessitar atravessar processos educativos onde a violência seja componente.

As dificuldades externas ocorrem em função da necessidade de educarmos nosso mundo interno. É o mundo interno que “comanda” o externo. Nas vezes que questionamos a Vida sobre o motivo pelo qual ainda atravessamos certos problemas, devemos nos responder que continuaremos a vivenciá-los até que nos equilibremos interiormente.

Considerar os brandos e pacíficos bem-aventurados é estabelecer que o nosso mundo íntimo deve alcançar o estado da paz interior como condição para a real felicidade.

A paz interior é o maior bem pessoal. Há quem considere a saúde física como o maior bem que se pode ter, esquecendo-se de que um corpo sadio não garante paz de espírito. Outros consideram que a *saúde* financeira representa garantia de felicidade, esquecidos de que a paz interior não se compra, mas se conquista com esforço, dedicação e persistência no Bem. Ter dinheiro auxilia, porém não garante a felicidade.

Quando o Espírito desencarna leva exatamente suas aquisições psíquicas advindas das experiências emocionais que atravessou na encarnação. Isso sim é seu grande tesouro. A paz interior, ou o estar em paz consigo mesmo e com o mundo, concomitantemente, é o caminho da espiritualização.

Importante dizer que esse estado de paz interior deverá estar associado à paz com a sociedade, pois pouco adianta estar bem, porém isolado. O mundo externo é nossa arena, onde apresentamos quem somos e em que nível evolutivo nos encontramos. Ninguém é, sem **ser no mundo**.

Estar em paz é, portanto, um ato externo e interno, simultaneamente. A *individuação* real se processa enquanto vivemos em sociedade.

Vivemos numa sociedade em que, muitas vezes, necessitamos agir de forma mais persistente para conseguirmos realizar aquilo que nos determinamos, porém algumas vezes somos obrigados a atuar com certa veemência na defesa de pontos de vista importantes. Nesses momentos, é imprescindível a paz e o respeito às idéias com as quais não concordamos. Intransigência e intolerância não combinam com a brandura e com a paz. Diante da competição, seja de idéias, de posições sociais ou por qualquer motivo, é indispensável a solidariedade.

Se somos intransigentes com algo, que o busquemos com a determinação equilibrada. Nela navegaremos seguros frente ao desequilíbrio porventura existente no outro. A recomendação do Cristo é fundamental nos momentos de desafio que a vida nos coloca.

Num sentido psicológico, o Cristo nos convida a colocar a mente a serviço do *Self*, com seu senso de organização e propósito de crescimento. O *ego*, por não querer perder o poder que desfruta, entra em contendas externas desequilibrando nosso mundo íntimo. A brandura é o restabelecimento do equilíbrio necessário entre o *ego* e o *Self*. O eixo *ego-Self* responde pela harmonia interna. Enquanto ele estiver alinhado temos a garantia de paz interior. Quando conseguirmos colocar o *ego* a serviço do *Self*, isto é, dirigir a função psíquica central da consciência para propósitos alinhados com o Espírito, alcançaremos o endereço da paz.

O recado do Cristo serve para o mundo psíquico sempre que percebemos que seguir propósitos exclusivos do *ego* torna-se fator de desequilíbrio. Ao contrário, perceber os propósitos do *Self* é garantia de seguir no rumo certo.

Ambos, *ego* e *Self*, devem estar sintonizados a serviço do Espírito, verdadeiro piloto da mente. Quando o Espírito toma a decisão de se orientar pela onda da paz e do amor, o *Self* passa a estabelecer princípios de organização e direção voltados para o Bem. Resta ao *ego* acostumar-se à nova ordem interna vigente. Inicialmente haverá o conflito entre os desejos do *ego* e as orientações do *Self*. Porém, à medida em que os embates das experiências externas reduzirem o poder do *ego*, os objetivos começarão a ser alcançados.

O mundo tecnológico influenciou sobremaneira as relações humanas, provocando, até certo ponto, um distanciamento entre as pessoas. As relações se tornaram mais frias e distanciadas de um verdadeiro encontro. Há, em verdade, mais desencontros que encontros. A mensagem do Cristo propõe um reencontro com o carinho e a doçura, esquecidos pelo *homo sapiens sapiens*. Ela nos convida a formarmos um novo ser humano, aquele que provavelmente teria a alcunha de *homo sapiens sapiens 'emotiones'*. Do ser humano intelectualizado para o ser humano emocionalmente evoluído.

Um gesto de carinho, muito mais do que proporcionar a intimidade com alguém, estabelece uma ligação pelo coração, onde o entendimento pode se dar de forma mais harmônica. Nesse sentido, quando, de alguma forma, entrarmos em contato com uma pessoa, deveremos chamá-la pelo nome e tratá-la com o respeito e a dignidade que todo ser humano merece. Evitar tratar as pessoas por títulos, cargos, alcunhas ou pela função que exerce naquele momento.

O carinho e a doçura estarão presentes sempre que nos preocuparmos com que a nossa fala eleve o outro, isto é, faça-o sentir-se bem. Perguntar-se sempre antes de falar: o que vou dizer é construtivo ou não? Vai melhorar a relação vigente entre nós? Vai favorecer a mim mesmo e ao outro?

São perguntas importantes para os objetivos a que nos propomos, isto é, de crescermos interiormente e nas nossas relações interpessoais.

Ser carinhoso e ser doce com as pessoas é o mesmo que não as expormos aos nossos conflitos íntimos nem submeter-lhes ao *fígado* dos nossos desequilíbrios internos. É poupar-lhes o dissabor de servir de descarga das nossas emoções desarmonizadas. O Cristo nos convida a harmonizarmos a mente com o carinho e a doçura internas. Tratar bem dos nossos conflitos, dando-lhes a atenção devida, é garantia para o equilíbrio psíquico que desejamos.

Agir com paciência diante dos outros é nossa obrigação e dever de quem deseja melhorar-se a cada dia. Porém, precisamos entender que devemos paciência para conosco mesmos. Cabe-nos considerar que não é possível resolver numa encarnação, problemas estruturados em várias encarnações. Precisamos ter paciência com nossas imperfeições, tanto quanto com as dos outros. A exigência de ser perfeito de forma rápida, pode tornar-nos impacientes para conosco mesmos.

A paz interior não é um conceito mental nem surge simplesmente do controle dos pensamentos, mas nasce da abertura para assumir-se com seus conflitos e na determinação em solucioná-los. Negar seus problemas, comportando-se de acordo com um modelo ideal propagado por sistemas filosóficos e religiosos, é fugir da paz interior. O único caminho eficiente para alcançar esse propósito é a coragem de olhar para dentro de si mesmo.

A paciência, no sentido psicológico, é a capacidade de adiar uma ação ou uma reação. Esse adiamento pode levar segundos ou até anos. A ação ou reação não devem se constituir em simples respostas aos estímulos ambientais, mas, principalmente, em sua percepção e na adição de respostas contendo valores morais superiores.

O caminho da evolução espiritual é o da amorosidade. Amorosidade nas relações com as pessoas, consigo mesmo e com a Vida. Ser amoroso é tratar as ocorrências da vida como processos a serem vencidos com determinação e tranquilidade. Os reveses, tanto quanto as alegrias da vida, não são ocorrências definitivas nem o fim em si do viver, são tão somente experiências que nos capacitarão à vida verdadeira, a espiritual. Viver essas experiências com amor é garantia certa de aprendizado.

Amorosidade

“Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque alcançarão misericórdia.” Mateus, 5:7.

Desde cedo, logo na adolescência, ao entrar em contato com o Espiritismo, vi que a reencarnação não deveria ser encarada como um mecanismo punitivo da evolução, mas uma forma educativa de fazer o Espírito evoluir. Vi também, diante do testemunho de várias entidades espirituais, que as expiações não ocorrem na mesma medida das atitudes equivocadas do passado. Elas sempre se dão de forma mais amena que a atitude anterior. A lei de Causa e Efeito, da Física Clássica, funciona de forma diferente para o Espírito, quando o amor entra em cena. O motivo é a misericórdia divina. Os misericordiosos são aqueles bem-aventurados por estarem seguindo uma lei de Deus: a de amor.

Como isso funciona do ponto de vista psicológico? A misericórdia é semelhante a amorosidade, pois permite ao Espírito vivenciar de forma recompensadora a lei de amor. A misericórdia é a vivência do amor de Deus nas relações com as pessoas, principalmente com as que se encontram emocionalmente desajustadas. Agir com misericórdia é colocar a mente em estado de doação da energia do amor.

Esse estado inibe a ação de *ataques psíquicos* externos, atraídos pelos nossos desequilíbrios internos. É

uma proteção às obsessões, comuns a todos que nos encontramos encarnados. As obsessões são agressões psíquicas decorrentes da existência de *complexos* no inconsciente. São eles que possibilitam as influências espirituais, as quais nem sempre conseguimos evitar.

A misericórdia, quando acionada pelo indivíduo, permite a manifestação do *Self*, em lugar dos atributos e desejos do *ego*. O Espírito consegue atuar de forma mais direta, mais organizada e harmoniosa, sem a interferência do *ego*.

Nesse mesmo sentido, pode-se perceber que as disposições psicológicas alcançadas pela prática da mensagem espírita colocam o indivíduo em condições de manifestar as qualidades já alicerçadas pelo Espírito, evitando as influências dos núcleos arquetípicos oriundos das vidas passadas, que se encontram interferindo em suas relações com o mundo.

O Cristo ao afirmar “*Entra em acordo sem demora com o teu adversário, enquanto estás com ele a caminho,....*”¹⁸, convida-nos, referindo-se à necessidade de apaziguarmos nosso mundo interior face aos *complexos* e projeções que fazemos, a alterar nosso estado psíquico. Logicamente somos levados a pensar que o convite feito é para buscarmos tão somente uma relação de boa vizinhança com as pessoas, porém cremos que a aceção tem um alcance maior. Não fazer inimigos é uma arte, porém, pode-se não tê-los e, no entanto, ser atormentado. O convite do Cristo vai além das circunstâncias externas indo diretamente ao mundo das nossas imperfeições internas, muitas vezes, inconscientes. Não basta não ter inimigos externos, é preciso desfazer as inimizades internas, inclusive aquelas pessoas das quais não gostamos, e que não sabem disso.

¹⁸ Mateus, 5:25.

O grande adversário que temos está sempre conosco, mora e dorme constantemente em nós. Ele se apresenta como nossas culpas, nossos *complexos*, nossa *sombra*, nossas projeções negativas, e como o grande ser desconhecido que somos. O inimigo mora dentro de nós, embora teimamos em acreditar que são aqueles que se interpõem em nosso caminho, contrariando-nos. Os inimigos externos que encontramos geralmente nos servem para sinalizar aqueles pontos obscuros em nós, dificilmente percebidos fora da presença deles. Geralmente apontamos nos outros os erros que existem em nós e que não os percebemos.

Para nos reconciliarmos com esse adversário interno são necessários alguns passos.

Primeiro: **confessar-se a si mesmo**, isto é, admitir suas próprias imperfeições e dificuldades internas. É vasculhar a própria vida, suas emoções, seus pensamentos e seus atos, identificando os próprios equívocos. É admitir seu próprio lado negativo, seus limites e incapacidades. É reconhecer suas imperfeições sem projetá-las nos outros. Embora se deva ter uma boa imagem de si mesmo, não se deve, no entanto, distanciar-la da personalidade que se é. A imagem real, que contém os aspectos considerados negativos, não deve, porém, prevalecer sobre a imagem positiva, bem como sobre a que se pretende ter de si mesmo. É não negar a si mesmo, assumindo totalmente as responsabilidades quando cometer atos equivocados.

Segundo: **confessar-se ao próximo**, isto é, dividir com alguém o peso da culpa, relatando os atos equivocados cometidos e que ainda estejam atormentando a consciência. Muitas vezes, o equívoco cometido não é tão grave como tem parecido. É assumir perante um outro a sua verdadeira personalidade, buscando a transparência no agir. É não camuflar a vida, procurando conciliar o agir com o pensar e

com o sentir. Na confissão ao próximo deve-se fazer a escolha certa sobre com quem se fala, a fim de não agredir quem ouve, não ser tripudiado ou influenciar-lhe a conduta. Confessar-se espontaneamente e de forma a quebrar a obrigação em seguir um modelo de atuação coletivo e rígido. Há quem, por força da incapacidade em se confessar, viva a vida de acordo com as expectativas criadas pelos outros, ou seja, viva a vida ditada pelas exigências externas, coletivas, abdicando da vivência da própria singularidade. E o faz tão inconsciente que acredita estar agindo de acordo com a sua escolha pessoal.

Todos temos um adversário interior. Uma soma de personalidades construídas nas encarnações pregressas, cujos *resíduos* se agrupam e ainda agem dentro de nós sem que lhes voltemos a atenção. São *egos* passados que deixam suas marcas perispirituais, exigindo reparos e dissolução. Na medida em que passamos a reconhecer esse adversário interior, a assumi-lo como componente estrutural de nós mesmos e a gostar dele, ele perde sua condição de adversário para tornar-se aliado. Esse passo significa a mobilização da energia de um objetivo negativo para outro positivo, transformando o que parecia aversivo em algo mobilizador e catalisador de realizações superiores.

O Cristo funcionou como um autêntico psicólogo da alma humana, ao perguntar: *“Por que vês tu o argueiro no olho de teu irmão, porém não reparas na trave que está no teu próprio?”*¹⁹ Isso significa apontar para o aspecto psíquico, subjetivo e psicológico das atitudes. É mais do que preocupar-se com o externo. É dizer que se deve estar atento à intenção, ao que se pensa e ao que se sente, e não julgar pelas aparências. É questionar o conteúdo psicológico do julgamento que se faz do outro. O Cristo conhecia o

¹⁹ Mateus, 7:3.

mecanismo das projeções e apontava para o cuidado em não se deixar vencer por elas, cujo perigo é impossibilitar o autoconhecimento.

O argueiro é um cisco e a trave é uma madeira maior, isto significa vermos o mínimo no outro e não vermos o máximo em nós. É projetar o próprio defeito em outra pessoa, fugindo de si mesmo. Geralmente essas projeções começam na infância, quando não queremos que nossos pais descubram os equívocos que cometemos ou quando, à procura de uma identidade, fixamo-nos nas pessoas e objetos externos a fim de nos vermos. Na formação do eu, as projeções são importantes; depois de formada a identidade, elas são desnecessárias.

Ver a trave no próprio olho é caminhar para integrar a própria *sombra* pessoal. Integrar é considerar parte estrutural de si mesmo e não ter medo de assumir a condição de Espírito em processo de crescimento que ainda carrega imperfeições. É não se exigir espiritualidade sem assumir sua própria humanidade. Antes de nos espiritualizarmos temos que nos humanizar.

Às vezes, preferimos enxergar os defeitos e atos inadequados do outro, para não admitir os próprios, face ao *complexo* inconsciente de inferioridade que temos. Para não nos apresentarmos como seres inferiores, preferimos nos mostrar superiores, como se tivéssemos um *complexo* de superioridade consciente. O de inferioridade se manifesta, dentre outras formas, através de sentimentos de inadequação, menos valia, insegurança, iminência de fracasso e pessimismo, em decorrência, muitas vezes, de uma negação narcísica anterior. O de superioridade decorre de uma necessidade compensatória que se manifesta, dentre outras formas, através de desejos de reconhecimento e de poder.

Talvez o grande desafio da Vida e das relações com as pessoas seja a atitude mental de não julgar os outros de acordo com nossa medida pessoal. Sabendo dessa dificuldade de todas as pessoas, o Cristo disse: “*Não julgueis, para que não sejais julgados. Pois com o critério com que julgardes, sereis julgados; e com a medida com que tiverdes medido vos medirão também.*”²⁰ Ele sabia que a mente humana funciona como um espelho, e que o *ego* busca sempre comparar suas próprias disposições com as atitudes externas dos outros. Ele nos previne contra essa disposição mostrando-nos que, o que vemos nos outros faz parte de nossa personalidade. Sua segurança em convidar a que alguém atirasse uma pedra, caso estivesse completamente isento de ter cometido algum equívoco, mostra-nos a sabedoria de que era portador e o conhecimento da psicologia humana a respeito das projeções que fazemos. O que acusamos em alguém, ou notamos de negativo em sua personalidade, provavelmente seríamos capazes de fazer ou ser da mesma forma, se estivéssemos no seu lugar. Julgamos os outros exatamente porque somos capazes de cometer os mesmos equívocos. Ninguém está livre de agir de forma inadequada diante de circunstâncias adversas. Daí por que devemos ter misericórdia para com os outros, bem como agir com tolerância diante dos equívocos de nosso próximo.

Mais do que observar os equívocos do próximo, devemos voltar nosso olhar sobre nossos pensamentos e sentimentos ocultos inadequados. Estes, sim, são fatores de perturbação e desequilíbrios e se constituem nos principais responsáveis pelo que nos ocorre na vida. Conscientizar-nos das atitudes do próximo pode ser importante para vivermos

²⁰ Mateus, 7:1 e 2.

em sociedade, mas a consciência de si mesmo é o desafio para o crescimento pessoal.

O principal desafio que temos a ultrapassar no mundo é vencer a batalha que se trava em nosso íntimo, da qual ninguém está isento de atravessar.

Amor Sempre

“Amarás o teu próximo como a ti mesmo.”
Mateus, 22:39.

O amor é a emoção máxima que o ser humano consegue sentir no atual estágio de evolução em que se encontra. Ao reafirmar a regra áurea bíblica, o Cristo nos trouxe a certeza de que, por enquanto, nenhum outro sentimento se sobrepõe ao amor.

O próximo mais próximo de nós é a personalidade interna e oculta em nosso íntimo, que nos exige atenção e equilíbrio. Isso não se constitui em justificativa para nos isolarmos das pessoas com as quais estejamos em relação direta. O próximo com quem nos relacionamos externamente terá sempre primazia em relação ao “próximo” interno.

O *como a ti mesmo* significa a necessidade de nos amarmos como somos, a fim de podermos entender o amor ao próximo. Só verdadeiramente ama o próximo quem se conhece o suficiente para não realizar projeções enganosas.

Quem ama, ama as virtudes e os defeitos do outro, conseguindo transcender as exigências sociais, alcançando a alma. Amar é *enxergar* o Espírito. Sem as restrições e barreiras humanas. O defeito porventura existente no outro não é empecilho para o sentimento.

Podemos tomar a afirmação acima num sentido psicológico estabelecendo que o amor a si mesmo predispõe

a mente a permanecer num estado de consciência que permite a compreensão da totalidade à sua volta. Amar a si mesmo é entrar em contato com sua essência íntima, assumindo-se como ser no universo, responsável total e de forma consciente pelos próprios atos, sem transferir sua responsabilidade para terceiros. É a consciência de ser deus e ter Deus em si mesmo.

Psicologicamente, é mais sensato entregar-se à busca do amor universal do que do amor particular. Enquanto este traz predisposições momentâneas e se presta facilmente às projeções, aquele capacita à vida eterna e elimina projeções inconscientes.

Quem ama a si mesmo percebe suas próprias limitações evitando as atitudes enganosas motivadas pela vaidade e pelo orgulho. Compreende melhor as situações provocacionais e expiatórias que a Vida coloca, agindo com naturalidade e predisposição de aprender. Não se coloca em teste na vida, pois nada tem a provar a ninguém, tendo consciência de si mesmo e de suas próprias limitações e potencialidades.

Amar a si mesmo é colocar a *psiquê* em estado de poder assimilar os *complexos* inconscientes sem ser tomado por eles. Quem se ama, aceita sua *sombra* sem projetá-la nos outros, cuidando em adequar os efeitos colaterais de sua integração à consciência.

O amor ao próximo não se resume ao sentimento de afeição e ternura que temos para com um companheiro ou companheira, para com um parente ou alguém especial em nossa vida. Ele extrapola os limites da consangüinidade e da sexualidade. O amor ao próximo é o amor indiferenciado, sem face nem rótulo, sem restrições, sem bandeira e sem países. É o amor à Vida em toda sua plenitude. É aquele que se tem ao ser humano na sua *humanidade* e que possibilita a percepção da obra de Deus através dele mesmo.

Nossos pensamentos e sentimentos, bem como nossa visão de mundo, são determinantes poderosos para o nosso destino. O que sentimos, muito mais do que o que pensamos, interfere em nossas vidas. Nossos sentimentos são capazes de atingir nosso corpo pela vibração específica que possuem. O corpo humano serve de anteparo às emoções reprimidas, tornando-se uma espécie de mata-borrão, manifestando, através de doenças *psicossomáticas*, o que vai na alma e que não encontrou outra forma de manifestar-se. O sentimento de amor nos permite a manifestação de nossas emoções evitando a transferência para o corpo físico. O sentimento de amor evita a psicossomatização dos conflitos psíquicos. Amar o próximo como a si mesmo é um preventivo às doenças do corpo e da alma.

Esse sentimento de amor para consigo mesmo serve, ao mesmo tempo, para permitir à mente um estado de paz e felicidade, como também para uma espécie de autoterapia preventiva dos estados psíquicos que impedem o bom desenvolvimento da personalidade. Amar alguém como a si mesmo garante, do ponto de vista psíquico, clareza nas percepções dos próprios processos conscientes e, principalmente, inconscientes.

Quando realizamos projeções, isto é, quando notamos, de forma inconsciente, nos outros, características de personalidade que são nossas, não nos damos conta de que a simpatia ou antipatia que nutrimos por aquela pessoa se refere a nós mesmos. Por este ângulo, quem ama ou detesta alguém, o faz a si mesmo. Amar o próximo como a si mesmo pressupõe que as duas atitudes estão intrinsecamente relacionadas. Quanto mais amo o próximo, indistintamente, mais a mim mesmo amo. Quanto mais amo a mim mesmo, sem exagero narcisista, mais sou capaz de amar meu semelhante.

Do ponto de vista psicológico, amar o próximo como a si mesmo é predispor-se ao equilíbrio psíquico e à possibilidade de trabalhar seus conteúdos emocionais, desta ou de outras encarnações, com a certeza de que será bem sucedido no intento.

Dentro da mesma linha de raciocínio poderemos entender a resposta do Cristo a respeito do pagamento dos impostos. Ele disse: “*Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.*”²¹, cuja interpretação clara é a consciência que se deve ter sobre os valores materiais, que se prestam aos fins a que se destinam, isto é, à dinâmica comercial da sociedade, diferentemente dos valores espirituais, eternos e essenciais.

Ainda sob o ponto de vista psicológico, poderemos perceber que a colocação do Cristo nos leva à compreensão das escolhas e motivações da vida. Quais os motivos que nos levam a fazer determinadas escolhas? Eles são internos e pessoais ou são externos e coletivos? É César (coisas materiais) quem nos motiva ou é Deus (coisas espirituais)? As coisas materiais não cabem dentro de nós, são externas, portanto não são essenciais e geram dependência. As coisas espirituais são internas, ficam conosco, fazem parte de nós, não geram dependência.

O Cristo nos ensina a buscar motivações dentro de nós a partir da vivência espiritual, do contato com a *espiritualidade* da Vida. Essa motivação interna não está nas coisas nem nas crenças, mas no que já internalizamos como emoções e sentimentos superiores. Em resumo, é dizer: **eu me motivo porque sei e porque sinto que o que faço de minha vida é bom para mim, para o próximo e para Deus.**

²¹ Mateus, 22:21.

Temos um desejo de poder, de ocupar um lugar de destaque no mundo de César, o que consome nossa energia psíquica, impedindo seu uso em melhores formas de crescimento. O desejo de poder responde pelo consumo de energia psíquica voltada excessivamente para o exterior. Onde o poder ocupa lugar de destaque, o amor se encontra esquecido.

A energia da Vida voltada excessivamente para a posse das coisas materiais nos obriga a adicionar força ao *ego* para que ocupemos um lugar de destaque no mundo. Com isso, sem o percebermos, adicionamos poder irreal a ele. Ficamos ansiosos em obter os objetos materiais e o destaque que achamos merecer. A ansiedade da posse incentiva a inflação do *ego*.

Amar o próximo como a si mesmo é permitir a manifestação de Deus em nós.

O grande outro em mim mesmo

“Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem.”
Mateus, 5:44.

Muito embora o preceito de amar o próximo como a si mesmo esteja escrito no Antigo Testamento, como algo novo, ele também se encontra na essência de todas as religiões da Terra, constituindo-se num código moral elevado e na regra áurea da humanidade. Sua aplicação é fundamental para o desenvolvimento dos seres humanos, sendo o sentimento que eleva a alma e dignifica a vida.

A necessidade de vivenciar o sentimento do amor se encontra radicada no inconsciente de todos, à maneira de um *arquetipo*. É uma tendência natural, na medida que todos possuem, constituindo-se numa espécie de selo divino no psiquismo.

Isso quer dizer que somos naturalmente impulsionados a amar em todas as experiências que atravessamos. Em que pese a tendência natural e inconsciente para o amar, encontramos dificuldades na consciência para realizá-lo. A principal dificuldade está quando permitirmos que o sentimento contrário a ele predomine na consciência: o egoísmo. Esse egoísmo decorre da ignorância que temos em relação ao nosso

mundo interior. Quanto mais nos conhecermos, menos egóicos seremos e mais capazes de amar.

Para superar a dificuldade em realizar essa tendência inconsciente, o Cristo propôs o amor ao inimigo. A palavra inimigo resume os diversos sentimentos contrários ao amor que abrigamos internamente. A barreira que impede a realização do amor se constitui de sentimentos inamistosos, face às imperfeições que possuímos e às dificuldades em nos relacionarmos com aqueles que se nos opõem.

Amar ao inimigo é abrir um canal de percepção do mal que existe em nós, sem receio de que ele nos tome. O mal não tem existência real, pois é fruto apenas das censuras introjetadas. Bem e mal são faces de uma mesma moeda. O amor ao inimigo é o mais alto grau de amor que se pode alcançar.

O Cristo compreendendo isso trouxe outro preceito a fim de atingir ainda mais a consciência do ser humano. O amor ao próximo está no inconsciente coletivo, portanto, profundo e deve ser trazido à tona através das experiências reencarnatórias, que se constituem em lições educativas. O amor ao inimigo é um comportamento e um sentimento que exige muito mais que a tendência arquetípica do amor ao próximo. Enquanto este é realização de Deus em nós, aquele é a nossa realização no próximo.

A tendência ao amor é coletiva, portanto, todos a possuem, porém, sua realização, isto é, sua materialização é pessoal, singular. Deverá ser de iniciativa da criatura, pois é algo aprendido. É uma aquisição que depende do desejo pessoal, não sendo uma tendência inata, muito embora o amar seja arquetípico. Ao propor o amor ao inimigo, o Cristo estava trazendo algo novo, que o ser humano não conhecia e, para aplicá-lo, teria que vencer uma resistência arquetípica, isto é, aquela que o faz gostar dos que lhe são próximos, daqueles que lhe favorecem. Amar o inimigo é

superar seus próprios conceitos internos conscientes, bem como sua tendência inconsciente à satisfação egóica. A necessária consolidação do *ego*, como representante do *Self*, cuja tendência é a realização de si mesmo, exige um alto grau de satisfação e poder. Essa predisposição do *ego* contribui para que se evitem, de forma inconsciente, sentimentos de amor àqueles que contrariam seus desejos.

O ser humano é seu próprio inimigo. Por *instinto*, ele *enxerga* no outro o que desconhece ou nega em si mesmo. Ele carrega em si mesmo a própria *sombra*. O modo como considera ou julga os fatos que ocorrem à sua volta, será determinante para a constituição de seu sistema de valores. Esse sistema irá determinar o que é bem e o que é mal para si mesmo, sem, no entanto, constituir-se numa verdade. Ao propor o amor ao inimigo, o Cristo vem atingir esse sistema de valores internos, alicerçados nas encarnações, para que o próprio indivíduo reduza suas tendências projetivas. O que vemos e julgamos, nem sempre é o que realmente está ocorrendo. Nós constantemente nos enganamos, face às limitações naturais que possuímos. Ninguém deve ser condenado preconceituosamente apenas por um ato. O ser humano é uma totalidade espiritual, e como tal deve ser visto.

O grande *mal* que se abate sobre o ser humano, de forma sorrateira, porque inconsciente, são as projeções que ele mesmo faz. Não as percebe nem se dá conta de que as faz. Cultivando o hábito de se analisar, de não atribuir a outrem as responsabilidades pelos seus infortúnios, ele será capaz de reduzir as projeções. O amor aos inimigos reduz a carga emocional que nos impulsiona às projeções inconseqüentes. Indiretamente, por força da ação do amor, aquele que consideramos ou que se considera inimigo, receberá o nosso desejo de amá-lo. Essa ação reduz a animosidade existente, até cessá-la. O amor ao inimigo age

diretamente naquele que o realiza, evitando a baixa auto-estima. Quem consegue amar aquele que se lhe opõe, melhora seu estado psíquico geral, produzindo uma sensação de estar com a consciência tranqüila de quem cumpre um dever. É um eficaz antídoto à inércia diante da Vida, inibindo a depressão. Noutro sentido, é a prática da não-violência, que nos leva à conquista do respeito do outro.

A evolução do Espírito se constitui em ultrapassar processos, cuja complexidade é cada vez mais crescente. Esses processos, por sua vez, se subdividem em vários outros numa imensa teia concentrada no amor de Deus. Esses processos de desenvolvimento espiritual são estritamente pessoais e intransferíveis. São processos existentes no campo afetivo, intelectual, profissional, familiar, financeiro, relacional, sexual, social, orgânico, psicológico, espiritual, etc. Realizar-se é resolver os diversos conflitos existentes nesses campos, sem ausentar-se da responsabilidade perante os equívocos cometidos. Assumir esses equívocos como sendo resultantes da ignorância espiritual requer maturidade e discernimento. Eles não são fruto de um mal externo, pois este não existe. Tampouco há um mal real interno. O que chamamos de mal, muitas vezes, decorre do conceito social imposto a nós. Esse mal nada mais é do que nossa ignorância perante as leis de Deus. Portanto, amar o inimigo é reconhecer que ele não o é, pois se trata apenas de minha própria ignorância que o *utiliza* como justificativa para aquilo que não compreendo em mim mesmo e que vejo projetado nele.

Todos os nossos conflitos devem ser analisados do ponto de vista do sujeito, e não do objeto. Isto é, eles não decorrem face ao que está fora de mim (objeto), mas são fruto de mim mesmo (sujeito). Eu sou o agente e o paciente daquilo que me ocorre. Devo sempre me perguntar: **o que**

preciso aprender com o que me está ocorrendo? Quando tiver aprendido a lição, a ocorrência não mais será necessária. Amar o inimigo é aprender lições que impedem processos dolorosos no caminho evolutivo.

O outro em minha vida, com o qual não me relaciono bem, serve-me para projeções. Não é ele a causa de meus problemas, mas algo em mim mesmo que atribuo a ele.

Razão e emoção

“Tu, porém, ao dares a esmola, ignore a tua esquerda o que faz a tua direita.” Mateus 6.3.

Vivemos em contato com pessoas, quer parentes ou não, e estamos sujeitos ao regime da convivência a fim de aprender as coisas da Vida e, dessa forma, evoluir. Muito embora se possa viver só, ninguém evolui sozinho. O outro é nosso espelho, onde refletimos nosso nível de evolução. Estando em contato com nosso semelhante temos que aprender regras de convivência, as quais se aprimoram fazendo-nos crescer juntos. Nessa convivência aprendemos a dar e a receber; a estabelecer relações de trocas, cujos interesses nem sempre aparecem, mas que existem, por mais sutis que possam ser.

A expressão dita pelo Cristo nos aponta também para aquelas trocas, onde ganha quem aprende a melhor administrar o que recebe da Vida. Quem muito quer, acaba por não saber distinguir se possui ou se é possuído pelo seu objeto de desejo.

Não saber a mão esquerda o que dá a direita significa a prática da caridade anônima, a doação desinteressada, a bondade natural, isto é, a tratar o próximo como gostaríamos que nos tratasse. A lógica evangélica nos leva a essa interpretação e nos conduz ao exercício da mais nobre virtude humana: a caridade. Ensina-nos que, nas relações interpessoais, devem vigorar o desinteresse e a afeição

sincera, que, por sua vez, conduzem a empatia para com o outro.

Do ponto de vista psicológico, podemos entender que o Cristo talvez estivesse colocando o cuidado que devemos ter em não permitir que influências prejudiciais do inconsciente nos perturbem. Quando falamos ou agimos, sofremos influências internas, oriundas das camadas profundas do inconsciente, onde se encontram as experiências das vidas passadas. Nem sempre separamos o presente do passado, onde estão, muitas vezes, culpas e frustrações não resolvidas que interferem na nossa atividade consciente. Até que ponto a antipatia gratuita por alguém é motivada por emoções oriundas do inconsciente e não se devem a influências espirituais? Até que ponto o inconsciente interfere na vida consciente? Para entender sobre isso, é preciso antes falarmos sobre o lado esquerdo e o direito do cérebro.

Sabe-se das funções distintas dos lobos cerebrais. O esquerdo se ocupa da vida objetiva e o direito da vida subjetiva. Em linhas gerais, o primeiro executa o que o segundo planeja. Um se refere à vida material o outro à vida do Espírito. São como órgãos distintos sob o comando do mesmo centro diretor, o Espírito. O desenvolvimento do lado direito se dá com o exercício de atividades ligadas à subjetividade, como por exemplo, a música, as artes em geral, a emoções equilibradas, a relações interpessoais, a meditação, a oração, a mediunidade, etc. Dificilmente alguém vai desenvolver o lado direito ocupando-se das atividades inerentes ao esquerdo, que se situam no campo cognitivo e motor. Não saber o que faz o lado esquerdo é o mesmo que dizer que cada pessoa deve dar o devido tempo às coisas do Espírito.

No inconsciente, encontram-se arquivadas as experiências acumuladas nas sucessivas encarnações e que

fazem parte da personalidade espiritual. O conjunto dessas experiências determina o nível de evolução do Espírito, pelas aquisições morais que já tenha conquistado. Muito embora os encarnados estejam mais sujeitos ao inconsciente que os desencarnados, estes também possuem, psiquicamente, uma zona inconsciente que lhes influencia as decisões e escolhas. Ao desencarnar, e por muito tempo, até que atinja a perfeição, o Espírito desconhece boa parte de seu passado espiritual.

As influências que sofremos face aos traumas, *complexos*, culpas, frustrações, ódios, paixões, egoísmo, etc., nem sempre são percebidas na vida consciente. Tentar separar o que vem do inconsciente, daquilo que vem do mundo externo, equivale a aprender a discernir entre suas escolhas pessoais e as escolhas coletivas. Separar o esquerdo do direito é entender quando é que o inconsciente parece querer superar o consciente.

O recado do Cristo pode ser entendido como a necessidade de aprender que é a vida consciente que separa o que está uno no inconsciente. Devemos buscar a percepção da existência de opostos que devem se integrar, para a necessária realização do ser humano. Esses opostos se encontram na base do psiquismo humano.

O psiquismo humano funciona em regime de compensação entre o inconsciente e o consciente. Quando esta relação produz alguma tensão, há a necessidade de se estabelecer o equilíbrio através de algum mecanismo de escape. Os mecanismos mais comuns ocorrem na vida consciente pelos comportamentos naturais do ser humano, isto é, pelos atos comuns da vida, além dos devaneios, fantasias, meditações, rituais, etc. Pela via inconsciente existem os sonhos que aliviam as tensões imperceptíveis. Nem sempre percebemos esse gradiente em forma de

tensão, o qual sutilmente nos impele, às vezes, à realização de atos, dos quais nos arrependemos depois.

O ser humano pensa e vive numa dinâmica dialética. O raciocínio trabalha por comparação. Ele está sempre comparando opostos. Sua análise básica se dá entre o que percebe e o que já conhece. Isso o faz aprender e desenvolver sua capacidade de atuar no mundo. Do ponto de vista emocional, equivale dizer que, nos fenômenos da vida cotidiana, que interferem em suas emoções, ele estará comparando com suas emoções acumuladas no passado. Aquelas que ele já vivenciou e lhe trouxeram felicidade ou sofrimento servem de pano de fundo para suas reações às emoções do presente. Buscar viver emoções equilibradas, bem como escolher as que trazem felicidade além do prazer físico, significa a garantia de desenvolvimento espiritual.

A grande dialética no nível de evolução em que se encontra o ser humano ocorre entre razão e sensibilidade, entre a mente racional e a mente emocional. O processo de *individuação*, de desenvolvimento rumo a uma consciência espiritual superior, requer distinção entre o lado esquerdo e o lado direito, entre a lógica racional e a sensibilidade emocional.

Essas duas âncoras psicológicas da humanidade, razão e sensibilidade, sucederam à sensação e ao dogmatismo que prendiam o ser humano ao instinto e à fixação mental. São novas etapas evolutivas do psiquismo humano. Logo a humanidade entrará na era da intuição superior, onde o cérebro esquerdo, racional, poderá desenvolver habilidades até então do domínio do cérebro direito, subjetivo.

A civilização saiu do mito para o dogma e deste para a razão. Agora entrará no sentimento e na intuição. O Cristo nos convida a não buscarmos recompensa, tendo em vista que, a grande recompensa é a própria assimilação das leis de Deus ao vivermos em sociedade, com amor e harmonia.

Nossa *psiquê*, automaticamente, estará absorvendo aquelas leis arquetipicamente.

O ser humano deve administrar sua natureza dual, aprendendo a conciliar as características de ser Espírito com as necessidades de viver na matéria. A passagem evangélica nos convoca a encontrar um equilíbrio que nos permita adaptar-nos bem aos dois aspectos da Vida, sem que um perturbe ou se sobrepuje ao outro.

Determinação e acolhimento

“...honra a teu pai e a tua mãe.” Lucas, 18:20.

Ninguém, em sã consciência, desprezaria aqueles que foram fundamentais para sua reencarnação, oportunidade de aprendizagem, crescimento e redenção espiritual. Os pais, conscientes ou não, são responsáveis pelo corpo físico de seus filhos. Razão primeira para que estes lhes sejam sempre gratos, independente das circunstâncias em que se deram gestação e nascimento.

Devemos obediência aos nossos pais e, quando da velhice, se não podem prover suas necessidades, é dever dos filhos prestar-lhes o auxílio necessário. No ciclo da Vida, amanhã, numa nova encarnação, poderemos recebê-los como parentes, na posição de seus pais, de seus filhos, companheiros, etc. A alternância de papéis proporciona o aprendizado de lições importantes para a evolução do Espírito.

Pai e mãe são os primeiros referenciais de que nos utilizamos para entender o mundo. São, independente de se fazerem presentes, os nossos guias psicológicos da infância e que nos acompanham e influenciam a vida adulta. Quando não os temos, tomamos aqueles que nos criam como se fossem nossos pais para que formemos o *ego*.

Quando fomos criados por Deus, simples e ignorantes, não tínhamos consciência da própria existência. À medida que a evolução se processava, criava-se a consciência e estruturava-se o *ego*. A consciência é gerada pelo inconsciente, e não o inverso como afirmam algumas escolas psicológicas. Os comportamentos típicos desse começo eram: a busca por uma proteção e a necessidade de conhecer o mundo. A necessidade de realizar esses padrões típicos de comportamento se devem à existência, no psiquismo inconsciente, de uma estrutura arquetípica materna e paterna. Essas estruturas divinas deram origem ao modelo familiar matriarcal ou patriarcal.

Honrar pai e mãe não se trata apenas de lhes fazer reverência, mas, principalmente, de perceber que são atitudes típicas do inconsciente, que, como sabemos, influenciam sobremaneira nossa vida consciente. A afirmação do Cristo nos leva a entender que devemos considerar a tendência interna de agir como pai e como mãe, uma forma coletiva de atuar. Muitas vezes, equivocadamente, levamos para nossas relações amorosas essa formas de atuar com o outro.

Saber ser pai e ser mãe representa uma conquista do Espírito. Não é apenas ter ou educar os filhos. São atitudes para com a Vida. Constantemente estamos sendo colocados nessa ou naquela posição, a fim de aprender, guiados pela tendência coletiva, a vivenciar aqueles papéis e, assim, apreender as leis de Deus.

Quem é pai sabe das responsabilidades para com filhos, do dever em lhes suprir as necessidades básicas, entre elas as de carinho e amor. Porém, além dessas, ser pai se constitui em assumir comportamentos típicos de quem se sente responsável pelo crescimento do outro, da sociedade e de si mesmo. É agir considerando que a felicidade em geral é sua responsabilidade pessoal, assumindo a

responsabilidade pelo bem estar próprio e coletivo. É uma atitude para com o futuro. A atitude paterna é a de quem orienta, de quem ensina o sim e o não, de quem impulsiona para *fora*, de quem ensina a construir, de quem educa para a responsabilidade.

Ser mãe é acolher e proteger. As responsabilidades maternas são imensas e maiores que as de um pai, face, principalmente à responsabilidade pela gestação e nutrição da criança. Do ponto de vista espiritual, não se destaca o sentimento materno do paterno, pois o Espírito pode ter laços afetivos mais fortes tanto para com a mãe como para com o pai. Diz-se que ser mãe é *representar* a Deus na Terra. Independente das considerações positivas que se possa fazer ao papel da mãe, devemos considerar que essa é uma atitude que se pode adotar independentemente de ter filhos. A atitude materna é a de quem compreende, de quem nutre, de quem dá esperança, de quem ensina a sentir, de quem impulsiona para *dentro*, de quem acolhe, etc.

Portanto, ser pai ou ser mãe, são atitudes psíquicas coletivas com as quais devemos aprender a lidar na vida, a fim de conquistar o conhecimento de aspectos importantes das leis de Deus. Não são comportamentos que se tenha em face da existência de filhos, mas são tendências arquetípicas para com a Vida.

Quem sabe ser pai ou ser mãe, o é independente de ter filhos ou de que eles lhe pertençam, não sendo, portanto, imprescindível gerar filhos. O Espírito quando reencarna num corpo masculino não perde o sentimento de ser mãe, tampouco, quando retorna num corpo feminino o de ser pai. A capacidade de sê-los independe do corpo, por ser arquetípica no Espírito.

Honrar pai e mãe é valorizar a tendência arquetípica como um processo de aquisição de importantíssimas leis de Deus. Trata-se de uma forma de aquisição de conhecimento

de como se processam certas leis de Deus. A sinalização do Cristo para esse particular da relação com as figuras parentais, nos faz crer que aquela atitude representa uma preparação para a percepção da possibilidade do ser humano co-criar no Universo. Ser pai e ser mãe é criar com Deus.

Geralmente as psicoterapias redutivas tentam colocar a culpa de nossos conflitos nos pais, principalmente na mãe. Como se ela fosse responsável direta pelos conflitos do Espírito, o qual, como sabemos, já traz suas problemáticas ao reencarnar. Nem sempre são os pais responsáveis pelos problemas dos filhos. Eles servem apenas como modelos vivos de representação para nossas projeções. São referenciais que, na maioria das vezes, prestam-se, sem o querer, a se tornarem símbolos vivos de nossos conteúdos inconscientes.

*Quem é minha mãe e meus irmãos?*²² Essa pergunta nos leva a entender que o Cristo quis mostrar de forma bem clara que as pessoas que nos servem de pai e mãe são distintas das imagens míticas que conservamos no consciente e no inconsciente. Os Espíritos que hoje são nosso pai ou nossa mãe possuem personalidades distintas daquelas que acreditamos que tenham, face à imagem que fazemos deles. Essas imagens diferem da realidade deles. Temos em nós modelos míticos de nossos pais. Temos um pai e uma mãe psicológicos que nem sempre correspondem àqueles Espíritos que eles são. Muitas vezes cobramos deles comportamentos ideais e não os perdoamos quando descobrimos que eles não atenderam às nossas expectativas.

Ao longo da reencarnação, o Espírito deve ir se desligando das relações dependentes com os pais e parentes sem se distanciar afetivamente deles. Eliminar aos poucos as projeções e começar a lidar com as verdadeiras

²² Marcos, 3:33.

personalidades que são, vendo-os como Espíritos em evolução. As dependências psicológicas das figuras parentais provocam a criação de expectativas quanto aos comportamentos que devam ter conosco, o que pode provocar frustrações e atritos diversos. Muitas vezes acreditamos que nossos pais são mais do que eles mesmos se mostram e lhes cobramos atitudes que correspondam aos modelos que idealizamos.

Muitas vezes, pela relação transferencial que tínhamos com pessoas, colocando-as em alta conta, afirmávamos idéias e tomávamos certas posições como se fossem dirigidas a qualquer ouvinte, porém o fazíamos por causa da afeição que a elas devotávamos. Quando nos desencantamos com aquelas pessoas, passamos a negar as mesmas idéias e posições que antes afirmávamos, dirigindo-nos psicologicamente, em nosso discurso, a elas. Criamos a fantasia e as derrubamos em função dos referenciais que constituímos, e isso fazemos, muitas vezes, com nossos pais.

Com as palavras do Cristo devemos aprender que existem uma figura paterna e uma figura materna no psiquismo humano. É um equívoco acreditar que elas sejam iguais entre si e ao que queremos que sejam.

Desarme do *ego*

“Senhor, quando foi que te vimos com fome, com sede, forasteiro, nu, enfermo ou preso, e não te assistimos? Então lhes responderá: em verdade vos digo que sempre que o deixastes de fazer a um destes mais pequeninos, a mim o deixastes de fazer.” Mateus, 25:44 e 45.

A palavra salvação, colocada por Allan Kardec, como título do capítulo XV de O Evangelho Segundo o Espiritismo, merece uma interpretação adequada ao que queremos demonstrar, pois ela tem um sentido mais psicológico que religioso. Salvar-se não se refere, necessariamente, a uma ameaça externa, nem tampouco a uma atitude para com o semelhante. Não há ameaça grave nem abismo a que o ser humano esteja ameaçado de cair, muito menos um inimigo contra o qual deva se precaver sob pena de perder a Vida. A salvação compreende a adoção de um estado de consciência que disponibilize a mente para a captação do mundo como ele se apresenta, isto é, sem os filtros impeditivos das defesas do *ego*. Salvar-se é predispor-se a viver a Vida sentindo suas conseqüências com maturidade e equilíbrio, quaisquer que sejam elas.

A salvação diz respeito a uma mudança de atitude psíquica. Trata-se de estabelecer um estado de espírito que possibilite a apreensão das leis de Deus sem os medos e os receios impregnados nos mecanismos de defesa que normalmente o ser humano adota frente à Vida e perante aquilo que desconhece. O ‘inimigo’, por assim dizer, é

oculto, interno, inconsciente, e age sutilmente nos escaninhos da mente humana. A salvação compreende a necessidade de aprender a lidar com esse inimigo interno, correspondente à *sombra* pessoal.

Por outro lado, a afirmação de que *fora* da caridade não há salvação supõe que não existe outro estado possível. É determinante que se aja daquela forma sem a qual não se alcança o que se pretende. Nesse sentido, a caridade não é tão somente uma atitude externa ou um ato isolado. É também um estado de espírito, uma atitude psíquica. Uma predisposição a outra atitude mais elevada.

A caridade é um meio, como uma ponte que nos leva de um lugar a outro, sem os perigos de se cair no abismo. Não se trata de uma atividade externa, como um compromisso social ou uma regra decorrente de um preceito religioso. Pode-se até iniciar-se a compreensão de seu significado pela prática externa, mas isso não garante alcançar seu sentido real. O exercício da caridade, como de qualquer atividade humana, leva à consolidação de seu sentido oculto. Em paralelo à prática, deverá ocorrer a internalização da mensagem significante, intrínseca à experiência.

Num sentido psicológico, a caridade elimina as projeções, pois me possibilita enxergar o outro naquilo em que ele necessita e não no que desloco de minha personalidade e projeto nele. Doar algo a alguém é desprender-se de si mesmo vendo o outro como ele é. É não projetar sua *sombra* no outro. Ela, a caridade, leva o indivíduo a sair de si e a perceber o outro no momento evolutivo em que se encontra, permitindo que aquele que a exerce saia dos limites de seu *ego* e vá na direção do *Self* próprio e do outro.

Esse deslocamento na direção do outro não se trata apenas de uma ação, mas, principalmente, de um

sentimento; um estado de ser interior, de sentido de desprendimento. Esse estado psicológico predispõe o indivíduo à percepção de si mesmo, pois o coloca em contato com a *sombra* do outro e, conseqüentemente, com a sua própria, face à vontade de prestar auxílio.

Praticar a caridade pode ser apenas estar caridoso, isto é, realizar uma tarefa como outra qualquer. Quando se trata de um estado de espírito, o indivíduo é caridoso, isto é, trata-se de um traço de sua personalidade. Passar de um estado a outro requer, além de outros aspectos, conhecimento de si mesmo. Ser caridoso é entrar em contato com sua essência divina, com o *Self*, cujo sentido básico é a organização psíquica para o contato com Deus.

Aquele estado favorece o caminho para a dissolução dos *complexos* enraizados no inconsciente, pois inibe as reações defensivas do *ego*. Quando se atua caridosamente, de acordo com um sentimento interno, vence-se a barreira que impede a conscientização dos *complexos*. O sentimento de caridade permite o desarme defensivo do *ego* e a utilização demasiada das *personas*, isto é, das máscaras.

A atitude caridosa que atende somente a regras externas atua de modo contrário, ou seja, inflacionando o *ego* com sentimentos de vaidade e orgulho. Por mais que ajude o outro, a caridade aparente pode funcionar como um disfarce para a satisfação dos desejos de reconhecimento e destaque daquele que a pratica. Por outro lado, ser caridoso para com os demais pode significar uma fuga das próprias questões, de modo a não entrar em contato com sua *sombra*, evitando curar-se a si mesmo.

O sentimento de caridade, complementado pela ação caridosa, diminui o poder do *ego* estimulando o processo de desenvolvimento espiritual. Psiquicamente, o indivíduo consegue melhor elaborar seus conteúdos inconscientes bem como aqueles conscientes que impedem a percepção de si

mesmo. Esse sentimento provém do Espírito e se torna consciente com o exercício constante e persistente da ação caridosa.

Somos naturalmente condicionados a atitudes externas de acordo com o senso comum oriundo da educação, da cultura e da convivência, o que nos torna seres de ação movidos pelo coletivo. É possível perceber que, face à existência da individualidade, há motivações singulares, nascidas da essência espiritual de cada um, porém as tendências coletivas são poderosos guias da Vida do ser humano. O exercício da caridade, bem como o cultivo do sentimento da caridade, conseguem reduzir o efeito dessa tendência natural a viver o coletivo. A caridade inibe as tendências coletivas, arquetípicas, que nos impulsionam para longe de nós mesmos. Essas tendências não são de todo prejudiciais. Se de um lado, nos distanciam do alcance da nossa realização pessoal, de outro, porém, nos colocam em condições de viver em sociedade.

As relações sociais naturalmente geram tensões, disputas e diferenças, colocando o ser humano em constante embate entre sua individualidade e as exigências do mundo. Ora ele afirma sua individualidade, ora ele busca sua identidade com o grupo social de que faz parte. O alívio dessas tensões significa o encontro consigo mesmo e a paz com o mundo. A caridade proporciona a necessária identidade com o mundo por trazer consigo a empatia nas relações com o próximo. Ela permite a identidade com o semelhante de tal forma que o indivíduo se sente uno com o outro, igualando-se a ele na sua necessidade. Psicologicamente diminui as barreiras que provocam tensões e elimina as vaidades do *ego*, aproximando as pessoas umas das outras.

Estar em paz é garantia para o equilíbrio psíquico, previne os acessos abruptos do inconsciente e inibe as obsessões. Nesse estado, o indivíduo entra em contato com

os Bons Espíritos, favorecendo sua motivação para viver. Semelhante estado se alcança com a vivência da caridade. Ela promove o bem estar psíquico preparando a mente para vencer as investidas persistentes dos conflitos oriundos das vidas passadas enraizados no inconsciente. A “fina camada” que separa a vida consciente da inconsciente, onde se encontram as experiências esquecidas da atual encarnação e das vidas anteriores, permite a passagem, para o aprendizado do Espírito, dos *complexos* afetivos oriundos de antigas situações dolorosas. Essa influência constante do passado sobre o presente é amenizada pelo sentimento de caridade, que age como um filtro, atenuando os efeitos sobre a vida consciente.

A ação da caridade sobre o próximo é uma terapia fundamentada no amor que atinge principalmente aquele que a executa.

Escolhas

“Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou há de aborrecer-se de um e amar ao outro; ou se devotará a um e desprezará ao outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas. Lucas, 16:13.

Servir a um senhor é estar sintonizado com seus objetivos como também estar à disposição para seguir suas orientações. Como disse Jesus, ninguém consegue seguir a dois senhores por se tratarem naturalmente de orientações que se opõem. As riquezas representam a materialidade, e Deus a espiritualidade da Vida.

É evidente a colocação do confronto de opostos que devem se constituir em elementos de escolha para o ser humano. Ao se escolher um, naturalmente estar-se-á negando o outro. Um dita um tipo de caminho, o outro, a direção oposta. Este é o tema básico da epígrafe: **escolhas**.

Sempre estamos submetidos a momentos em que temos que fazer escolhas, entre situações que se opõem ou mesmo que se assemelham. Às vezes, queremos as duas, porém não é possível, ou mesmo desejável. O importante é sabermos que temos que aprender a fazer escolhas e assumir as conseqüências da opção feita. Quando optamos por algo devemos ter consciência de que estamos renunciando a outra coisa. Nem sempre queremos renunciar à opção que não escolhemos e que também nos parecia boa. É uma arte aprender a renunciar, pois, ao fazê-lo, estaremos também

aprendendo a administrar perdas. Sempre estaremos 'perdendo' alguma coisa na vida quando nos achamos possuidores de algo. Devemos aprender a perceber que não possuímos nada nem ninguém.

Antes de reencarnar devemos optar por determinadas situações a enfrentar (provas ou expiações), como processos educativos a fim de evoluir. Já reencarnados, antes do processo se efetivar, ainda na infância, começamos a optar quanto aos vínculos que queremos manter (em geral opta-se pelo materno, isto é, pela necessidade de ser acolhido); na adolescência, surge a necessidade da escolha profissional e dos relacionamentos afetivos; no início da idade adulta, temos que optar pela relação amorosa; na maturidade, além de aprender a administrar as perdas comuns dessa fase, temos que escolher quais ciclos e processos temos que fechar, isto é, concluir; na velhice, a avaliação que normalmente se faz da própria vida influencia as escolhas que se podem fazer quanto à forma de se viver essa fase, dominada, via de regra, pelas preocupações com a própria morte.

A colocação do Cristo nos leva a entender que temos de escolher entre Deus e um deus admirado pela cultura de nossa época. Esse deus representa tudo aquilo que nos aproxima da vida material. É o caminho oposto que nos leva à estagnação e a não aprendermos as leis de Deus.

Do ponto de vista psicológico podemos entender que se trata da contradição entre o psiquismo consciente e o inconsciente, entre o exterior e o interior, entre o objetivo e o subjetivo, entre o objeto e o sujeito. Esses opostos são aparentemente inconciliáveis para a consciência, muito embora se encontrem unidos no inconsciente. O que a consciência separa, está, em realidade, indiferenciado no inconsciente. A evolução do Espírito é um processo que deve se dar de forma consciente, portanto percebendo a

existência externa dos opostos a fim de novamente integrá-los. Devemos adquirir a consciência de que em tudo está presente o seu oposto, isto é, em qualquer afirmação, sentimento, objeto ou situação, é possível perceber seu oposto.

O Cristo chama a atenção para a impossibilidade de se viver os opostos sem integrá-los. Para muitos pode parecer a luta maniqueísta entre o bem e o mal, porém não se trata de opostos inconciliáveis, mas de uma unilateralidade da consciência. Nem o bem nem o mal têm existência real, pois são tão somente formatações resultantes da percepção humana das leis de Deus. As diversas culturas, e a civilização cristã em particular, estabeleceram preceitos e normas de conduta para que os indivíduos fizessem escolhas. A escolha *certa* levaria ao bem, a escolha *errada* levaria ao mal. Dessa forma, e para sobreviver no mundo, o ser humano aprendeu a separar e confrontar os opostos, mesmo descobrindo depois que o que lhe parecia *certo* poderia estar *errado* e vice-versa. O ser humano ainda não aprendeu a fazer escolhas. A maneira mais adequada de fazê-las deve recair sobre aquela que aponte um caminho que **integre** o que chama de bem e o que chama de mal.

O ser humano não deve simplesmente fugir do mal, mas inevitavelmente entender o porquê de atribuir qualidades negativas àquilo de que deseja fugir. Muitas vezes aquelas qualidades vistas fora dele são projeções de si mesmo. São inerentes à sua personalidade. Temer o mal é o mesmo que tapar o sol com um vidro transparente.

O Cristo afirma que não se pode servir a ambos simultaneamente, porém não declara que não se deve seguir as riquezas empregando-as adequadamente. A escolha de um inibe a escolha do outro, porém pode-se fazer uma escolha que implique em optar pela espiritualidade sem negar a materialidade. Cristãos de várias épocas fugiram das

riquezas como se nelas estivesse o mal. Precisamos entender que é exatamente a dificuldade que se tem em administrar os bens materiais que afasta o ser humano de Deus. Na administração, com desapego, das riquezas materiais, apreendemos as leis de Deus.

As riquezas materiais são o símbolo do materialismo e do medo da morte do *ego*. Em linguagem psicológica é o sinal do predomínio do *ego* sobre o *Self*. Do egoísmo sobre o desprendimento dos bens. O privilégio do *egoísmo* implica na abdicação do crescimento e da renovação interior.

Quem escolhe seguir a Deus, sem necessariamente desprezar a capacidade de aprender a administrar os bens terrenos, sabe que o egoísmo é contrário ao amor, e este, por ser a lei maior, é que espiritualiza o ser humano.

Nosso psiquismo é dotado de uma motivação que nos leva a atitudes. Essa força interna nos impulsiona como se fosse uma energia motora. Ora nos leva a atuar para o mundo externo, ora nos leva a reflexões internas. C. G. Jung chamou isto de *extroversão*, movimento para fora, e de *introversão*, movimento para dentro. Algumas pessoas são extrovertidas, pois se deixam motivar mais pelo externo, outras são introvertidas e se deixam mobilizar mais pelos seus próprios conteúdos internos. Ninguém pode estar simultaneamente nos dois movimentos, porém pode-se fazê-lo em momentos diferentes. As duas atitudes psíquicas são desejáveis ao longo da vida do ser humano. Devemos ter momentos de extroversão e momentos de introversão. Não se pode servir aos dois senhores simultaneamente, mas pode-se entender que ambos são úteis à Vida.

A consciência e o inconsciente são opostos que devem se integrar para que o ser humano possa se realizar. Tornar consciente o inconsciente, de forma equilibrada e harmônica, é importante para o desenvolvimento espiritual

do ser humano. Conseguimos tornar consciente o inconsciente na medida que nos aproximamos de seus conteúdos sem nos deixar sucumbir a eles. O Espírito é o senhor do processo evolutivo, o *ego* é seu agente. Enquanto o *ego* é o centro da consciência, o Espírito é o senhor de todos os conteúdos conscientes e inconscientes. A parcela inconsciente é maior do que a consciente. Sabemos mais do mundo externo do que de nós mesmos, pois priorizamos o que vemos fora em detrimento do que sentimos internamente.

Escolher a Deus, sem desprezar as coisas materiais, colocando-as a serviço d'Ele e utilizando-as como símbolo de realização externa para o equilíbrio e a harmonia do ser humano, é aplicar bem os *talentos* que recebemos. É não se entregar à depressão e ao desânimo, nem acreditar que o mal nos ameaça a Vida.

Singularidade

“Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste.” Mateus, 5:48.

A busca de um significado para a Vida sempre foi a meta do ser humano. Um sentido que lhe dê motivação e que lhe explique o porquê e para quê vive, constitui-se em sua maior aspiração. O Cristo assinala que ser perfeito é regra sem exceção para todos os seres na natureza. Mas qual o sentido psicológico desse imperativo? Estaria ele falando ao *ego* ou ao Espírito?

Descobrir sua própria singularidade representa uma importante aquisição na evolução do Espírito, pois quando isto se dá, ele se depara com a liberdade de escolha e com a certeza de que não existe bem nem mal, mas apenas aquilo que lhe convém ou não. Até chegar a esse ponto, por força de sua imaturidade, o ser humano comete muitos equívocos, pois não sabe efetivamente o que lhe convém ou não, para a própria evolução.

A perfeição na Terra é fruto do consenso de conceitos entre os seres humanos. As qualidades que ele atribuiu a Deus são fruto da percepção de si mesmo, constituindo-se naquilo que ele sabe não possuir, mas que poderia alcançar ao longo da sua evolução. O que Deus é, em realidade, o ser humano ainda não o sabe. Apenas ele Lhe atribui qualidades superlativas. A perfeição, vista dessa maneira, é uma criação humana. Isso não invalida a visão de perfeição

divina que temos. Deus é, independente de nossas pobres concepções e adjetivos.

Muitas vezes, por atribuir qualidades superlativas à perfeição, o ser humano se frustra por não obtê-la. Persegue-a, mas não a alcança. Certamente que, além do espaço exíguo de uma vida não ser suficiente, ele simplesmente se contenta com poucas qualidades conquistadas, abandonando seu propósito máximo. Assim ocorre com muitos indivíduos, nas diversas religiões e filosofias, que buscam uma espiritualização antes de viver sua própria humanização. Pensam que, por realizar algumas práticas religiosas ou por estar a serviço de seu credo, não necessitam viver sua humanidade. Antes de atingir o estado que considera de perfeição, o ser humano deve aprender a viver e conviver bem com seus semelhantes.

A muitos parece que esse estado deve ser alcançado com o objetivo de se viver bem após a morte, isto é, na espiritualidade, esquecendo-se de que o retorno à Terra é uma oportunidade de aprendizado. É exatamente o viver equilibradamente aqui na carne, que capacita o Espírito para a vida espiritual. De que vale viver para ser bom no futuro se no presente não se valoriza essa possibilidade? Seria realmente possível ser bom após a morte se não conseguiu tal proeza enquanto encarnado? Evidentemente que a resposta é negativa. Um dia a máscara cai e o Espírito se verá como realmente é.

A perfeição é uma meta cujo ápice é inalcançável. Constitui-se numa busca arquetípica do ser humano e como tal sua realização é inimaginável. Por ser uma tendência arquetípica não é possível materializá-la, mas apenas representá-la.

O imperativo de ser perfeito nos leva a entender que se trata de algo que se encontra como tendência a ser vivida pelo ser humano. O Cristo falava com conhecimento de

causa de quem sabia da existência psíquica das tendências arquetípicas no ser humano. A tendência à perfeição é uma espécie de presença do Criador na criatura. Psicicamente, todos a temos, e ela nos exige materialização. Realizar, ou tentar realizar a perfeição, possibilita ao Espírito, atravessando as diversas circunstâncias e vivendo as experiências da Vida, conhecer as leis de Deus.

O Cristo falava ao Espírito. Pode-se traduzir o *sede perfeitos* por: **não deixe de viver sua Vida, viva sua humanidade, viva seu processo, comprometa-se com seus princípios, siga sua tendência divina, busque sua essência espiritual, torne-se consciente de sua evolução, realize seu Self.**

A espiritualização deve se processar enquanto vivemos a humanização. Não é um processo isolado ou que, necessariamente, se deva vivê-lo fora do contato com a sociedade. Pode-se, por algum período, buscar o recolhimento, o estar consigo mesmo, para depois de refazer-se, voltar ao convívio com o semelhante, a fim de pôr-se em prova.

O *sede perfeitos* foi tomado equivocadamente como uma ordem para ser cumprida imediatamente, no espaço restrito de uma encarnação. É preciso que se atente para o fato de que são necessárias muitas vidas até que se atinja a percepção do processo psíquico que envolve a evolução. Esse processo deve ser conscientemente vivido e compartilhado.

Precisamos ter calma em relação a nós mesmos. Ter paciência para com as imperfeições, sem nos acomodarmos quanto à necessidade de evoluir. Ser *perfeito*, dentre outros aspectos, é autodeterminar-se a espiritualizar-se.

Ninguém cresce sem atravessar obstáculos, nem evolui sem administrar perdas e submeter-se ao atrito da convivência com seu semelhante, que se constitui num

espelho vivo do nosso mundo interior. Precisamos do outro tanto quanto os outros precisam de nós. A evolução é um processo individual e coletivo ao mesmo tempo. É um paradoxo solúvel, na medida em que percebemos a complexidade e simplicidade simultâneas do evoluir.

A individualidade ou singularidade é a marca do Criador na criatura. A construção da personalidade, que envolve a real percepção dessa individualidade, é tarefa do indivíduo juntamente com a sociedade da qual ele faz parte a cada encarnação, com o contributo que recebe nos intervalos entre elas. A descoberta dessa individualidade se dá na medida em que o ser humano vive no coletivo (família, sociedade, etc.). O processo de tornar-se perfeito, em verdade, envolve o individualizar-se sem a necessidade de isolamento. C. G. Jung chamava esse processo de *individuação*, que é, dentre outras definições, o viver a sua própria individualidade no coletivo.

O processo de *individuação* não se confunde com o que se chama de *perfeição*, pois não pressupõe a aceitação de regras religiosas ou de uniformização de atitudes externas. Indivduar-se é realizar sua própria individualidade enquanto em sociedade. Nesse sentido, *sede perfeitos* também equivale a: realize sua individualidade, verdadeira essência divina.

Para se buscar essa individualidade deve-se discriminar primeiro tudo aquilo que o mundo colocou em nós, isto é, o que faz parte da personalidade, mas que serve apenas como meio de adaptação à convivência social. Após essa identificação deve-se buscar retirar aquilo que nos atrapalha a evolução. O que restar é nossa essência. É trabalho laborioso e difícil de se fazer, não raro requer ajuda e, de tempos em tempos, avaliação do processo.

Os cristãos, na sua maioria, perseguem a perfeição acreditando que ela é alcançável após algumas práticas

religiosas de fácil realização. Acreditam que, se não a alcançam, é porque são pecadores ou imperfeitos. Justificam seus insucessos através de sua própria condição, sem perceber que, talvez, o equívoco esteja em sua interpretação da mensagem cristã. O Espiritismo vem propor uma nova visão do significado da palavra perfeição, diferindo da exigência radical de tornar-se perfeito sem o trabalho de construção interior. O Espiritismo é uma doutrina cristã mas não adota as práticas exteriores das religiões cristãs.

Solidão e solidariedade

“Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.” Mateus, 22:14.

O processo de crescimento espiritual se dá com todo ser humano. Ninguém dele está excluído, pois tudo que o ser humano faz é humano. Não há crime, pecado, ou mesmo qualquer ato do ser humano que possa excluí-lo dessa única predestinação. Muito embora algumas religiões preguem a exclusão, baseadas na existência de um certo *juízo final*, todos alcançaremos a meta da felicidade. Muitos são os chamados para a percepção das leis de Deus. A todo momento somos convidados a entender a obra da Criação e seus infinitos processos de aprendizagem, porém nem sempre nos damos conta deles face à inconsciência em que vivemos. Embora estejamos acordados, precisamos estar receptivos e despertos para eles.

A expressão *muitos são chamados, mas poucos escolhidos* pressupõe que alguém chama e, ato contínuo, escolhe dentre eles aqueles que merecem a seleção. Pressuporia a eleição de uns em detrimento de outros, isto é, a exclusão de alguns. Se pensarmos que o processo se dá de forma consciente, com a percepção direta do próprio indivíduo, onde ele é o agente e o paciente da ação, talvez viéssemos a entender que não há a possibilidade de alguém estar fora do processo. Somos chamados pelo inconsciente, na sua porção divina, no selo de Deus existente em todos os

seres humanos. O *Self*, princípio psíquico organizador, 'diretriz divina interna', centro ordenador do Espírito, nos impulsiona à procura do conhecimento e da percepção de Deus e Suas leis. Somos chamados por um princípio arquetípico divino, inerente ao ser.

Esse chamamento interno encontra ressonância nos apelos religiosos, sempre bem vindos, para o encontro conosco mesmo e com Deus. O interno atrai o externo. Os convites das diversas religiões fazem o Espírito *lembrar* sua predestinação divina. Não são apenas as religiões e filosofias que levam o ser humano a Deus, mas, principalmente, seu sentido interno de crescimento espiritual que o conduz vertiginosamente na direção do amor.

O chamamento externo que nos atrai para o progresso espiritual, fruto do trabalho das religiões, ao entrar em consonância no momento evolutivo adequado, promove o despertar pessoal, que se caracteriza como uma escolha.

De um lado, o chamamento é constantemente feito pelo *Self*; do outro, porém, a escolha cabe ao Espírito, através do *ego*. Os escolhidos são, em verdade, auto-escolhidos. Poder-se-ia dizer: todos são chamados e alguns se escolhem mais rápido, enquanto outros, só mais tarde.

A escolha cabe sempre ao Espírito, representado pelo *ego*, face à necessidade de que o processo seja consciente. O *Self* impulsiona arquetipicamente o indivíduo à evolução espiritual e o *ego* deve tomar consciência desse processo. Nós temos que ser senhores de nosso destino, isto é, conscientes de como ele se desenrola. O processo evolutivo do ser se dá em duas fases nem sempre distinguíveis. A primeira, de forma inconsciente, capacita-nos aos automatismos da Vida, porém, a segunda, que é aquela que nos eleva à compreensão de Deus, é fruto do estágio em que

a consciência se apresenta para assumir a autoria de seu próprio destino.

Quando buscamos ocupar um lugar de destaque nas diversas situações da vida, estamos valorizando, na maioria das vezes, as posições do *ego*. Nessa situação, **não nos escolhemos**. Quando optamos por viver a vida na posição em que ela nos colocou, aprendendo as experiências sem procurar valorizações pessoais, **nos escolhemos** como objeto especial de desenvolvimento espiritual.

Por ter sido criado como uma individualidade, o ser humano se constitui numa singularidade espiritual, que o torna aparentemente um ser *solitário*. Sua *solidão* espiritual é compensada pela convivência com outros seres, também singulares, que se tornam sua grande busca de integração, convivência e realização. Quando o indivíduo resolve se escolher, ele passa a compreender o sentido de sua *solidão* singular. Administrar essa *solidão* representa uma importante aquisição espiritual e sinal de maturidade evolutiva.

A auto-escolha não se confunde com o egoísmo nem tampouco representa a centração excessiva em si mesmo. É um processo só alcançável após atravessar-se outros de natureza essencial ao desenvolvimento psicológico e espiritual. É preciso, antes, vivenciar-se: a consolidação do *ego*, a consciência da possibilidade de representar-se através de papéis ou máscaras, a convivência com um **outro** em sua vida, a renúncia às projeções, a capacidade de administrar perdas, a percepção das tendências coletivas em si mesmo, a elaboração de um sentido para a própria vida, a descoberta dos propósitos divinos, o desligamento das influências psicológicas parentais, a segurança da capacidade pessoal de adquirir recursos através de uma atividade profissional, dentre outros.

Não é possível uma auto-escolha se ainda permanecemos ociosos física e mentalmente. Realmente muitos, isto é, todos são os chamados, pois o tempo está disponível para todos, porém poucos o utilizam com equilíbrio e discernimento a ponto de se tornarem escolhidos, face ao preparo que se permitem. O processo de auto-escolha requer percepção das formas com que Deus se utiliza para nos educar ao crescimento espiritual. A percepção de que tudo o que nos acontece tem como finalidade o nosso próprio crescimento espiritual, além de perceber que nós próprios somos os agentes causadores de todos os infortúnios, é fundamental para a auto-escolha.

A necessidade interna de crescimento mobiliza o universo à nossa volta, trazendo-nos as lições necessárias que possibilitarão o crescimento espiritual. O universo conspira a favor do amor. Deus age através do ser humano e a partir dele mesmo. Devo sempre pensar que Deus está em mim e eu sou um deus.

As possibilidades de sermos atraídos psicicamente para que não nos escolhamos são muitas e variadas. A mente humana cria mecanismos de defesa para seguir as tendências arquetípicas, face à necessidade da manutenção do *complexo* do *ego*, que, ao longo do processo evolutivo, vai se estruturando com muita autonomia, e, enquanto não se encontra fortalecido, evita o desabrochar da verdadeira personalidade que é o Espírito imortal.

Essas possibilidades de caminhos estão representadas pela *porta larga*²³ a que se referia Cristo. A *porta estreita* se apresenta como sendo a escolha adequada à evolução espiritual que fazemos. Entrar nessa porta estreita não é privilégio de alguns, pois todos, mais dia menos dia, alcançarão a possibilidade de se escolherem. Os convites

²³ Mateus, 7:13 e 14.

que a Vida nos faz para aprender são infinitos, porém nem sempre sabemos fazer a escolha adequada. Escolher é uma constante na Vida. Quando escolhemos algo, sempre estamos renunciando a outra coisa. Não só é importante saber escolher como também saber renunciar.

Aquela *porta estreita* representa um certo ‘sofrimento’ interno para o Espírito, pois ele viverá sua *solidão* inevitável pela descoberta de si mesmo, independente do universo e, ao mesmo tempo, interligado a ele. Aquele ‘sofrimento’ fará com que assuma a condução de sua Vida como compreendida por processos, os quais deverá saber abrir, vivenciá-los e fechá-los, de forma consciente.

Podemos também entender que a Vida nos leva a momentos que, pelo menos um deles, nos ensinará que devemos encontrar nossa via pessoal, que se constitui na descoberta do próprio caminho traçado por Deus. Essa via pessoal é o fio condutor de nossas vidas. Somos como a seta do arqueiro que não sabe em que direção vai, mas ela é previamente estabelecida e obedece ao impulso inicial de ir sempre para frente.

Dentre os ensinamentos do Cristo há pelo menos um que revela seu conhecimento de engenharia. Ele nos aconselha nos lembrando que: *“Todo aquele, pois, que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha.”*²⁴ Certamente que seu objetivo não é nos ensinar técnicas de construção de fundações de casas, ele apenas se utiliza de uma comparação da solidez da rocha à maturidade de quem segue e pratica seus ensinamentos.

Do ponto de vista psicológico, percebe-se que ele nos leva à base do psiquismo humano, trazendo-nos a

²⁴ Mateus, 7:24.

necessidade de perceber a constante dialética entre a prática e a teoria. Construir a casa sobre a rocha equipara-se a construir, na consciência, um *ego* estruturado sobre a orientação segura do *Self*. A consolidação do *ego* como agente consciente do *Self* é fundamental ao progresso espiritual. Colocar o *ego* em sintonia com o *Self* equivale a descobrir os propósitos da encarnação, isto é, o porquê e o para quê se está encarnado.

Construir a casa sobre a rocha equivale a dizer que o processo é interno, e não externo; é profundo, e não superficial.

A Emoção, a Razão e a Intuição na fé

“Pois em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, diríeis a este monte: Passa daqui para acolá, e ele passará.” Mateus, 17:20.

A fé é um **sentimento** no qual estão envolvidas a razão e a intuição, ambas oriundas do Espírito. A fé cega era oriunda do medo e da ignorância, embotando a consciência para a percepção do divino.

Com a fé emocionalmente vivida temos a certeza, através de um sentimento profundo e inconfundível, da existência de Deus e de Sua presença em nós.

A importância que o Cristo deu à fé equipara-se à diferença em tamanho existente entre o grão de mostarda e uma montanha. Ele colocou a fé num patamar de potência inimaginável, pois deu-lhe um poder superlativo na vida do ser humano. Com ela seremos capazes de fazer mais do que imaginamos. Representa uma força interior mobilizadora de outras forças psíquicas. A dimensão dada pelo Cristo à fé equivale àquela que motiva a humanidade a acreditar no amanhã, a considerar que sempre há um futuro a nossa espera.

Ter fé não significa simplesmente acreditar em alguma coisa. Essa simples crença nem sempre nos coloca em contato com nossa essência divina ou mesmo com Deus.

A crença dogmática, pura e simples, serve como mecanismo de defesa, que não só impede o crescimento do Espírito, como também a mobilização de energias psíquicas a seu serviço. A fé deve ser consciente, raciocinada, como colocou Allan Kardec. Essa fé raciocinada é responsável pela motivação do Espírito para seu desenvolvimento espiritual. Ter fé é ir além da aparência externa, buscando as forças superiores da natureza. É penetrar o insondável pelas vias do corpo físico. É utilizar-se dos potenciais do Espírito, mobilizando outros Espíritos sintonizados no mesmo princípio motivador.

A fé é uma atitude psíquica consciente que coloca, através do *Self*, o *ego* em contato com a essência divina no próprio psiquismo. Ela permite uma motivação interna capaz de alavancar novas atitudes e disposições geradoras de estados psíquicos renovadores. Movimenta a energia psíquica a serviço do que existe de mais nobre no ser humano. Permite que se entre em contato consciente com a matéria prima de Deus no ser humano.

A afirmação categórica do Cristo pressupõe um grau de consciência imenso a respeito das ações humanas e suas possibilidades. Ao colocar essa afirmação na consciência do ser humano, Ele o preparou para os embates da vida, calçando-o para as provas inevitáveis do Espírito. Deu-lhe a certeza de que seu futuro não era a morte, mas a esperança de um mundo melhor e mais rico de espírito.

Essa colocação do Cristo funciona como um comando psíquico a fim de que o ser humano enraíze a certeza da existência de Deus. Funciona também como uma ponte entre o humano e o divino, entre a criatura e seu Criador.

De um ponto de vista psicológico, a fé permite a condição psíquica de redirecionar a ação dos *complexos* sobre a consciência. Nossos *complexos* existem em face dos processos vividos na atual e em encarnações anteriores, que

permanecem latentes no inconsciente, atuando de forma a nos impulsionar para a vida. Todos temos *complexos*, não sendo necessariamente patológicos como se poderia pensar. São situações afetivas não resolvidas. O Cristo sinalizou para a fé como um mecanismo capaz de removê-los, isto é, **removimentá-los** para dissolvê-los. Dar-lhes nova direção a caminho da solução. A fé é capaz de fazê-lo, por ser um sentimento, isto é, ser dotada de um conteúdo emocional afetivo. Ela consegue mover o *complexo*, auxiliando a retirá-lo do inconsciente para a consciência.

A fé é uma importante âncora psíquica que serve de sustentáculo e base para a consolidação e eliminação das incertezas comuns ao ser humano. Prepara psicologicamente a mente para o contato com o mundo interno, preenchido pelos medos e angústias acumulados nas vidas sucessivas.

A fé remove as montanhas do orgulho, da vaidade, do egoísmo, dos medos e incertezas futuras. Por ser um sentimento, não se alcança sem a experiência. É conquista nobre do Espírito que já viveu situações onde ela foi, aos poucos, sendo estruturada. A fé bruta, cega, é fruto da ignorância, porém ela, ao ser vivida repetidas vezes, possibilita o surgimento da fé raciocinada e sentida. A fé cega, embora seja um desvio, pode ser considerada um embrião da fé raciocinada.

A fé cega cedeu lugar à fé raciocinada, que será completada com a emoção superior e a intuição do Espírito. A fé raciocinada não é o ápice do sentimento de fé. É apenas uma modalidade de fé que é qualitativamente superior à fé dogmática. Muito embora ela represente o primado da razão sobre a ignorância, não significa que se chegou ao sentimento profundo da existência e à presença de Deus.

O ser humano possui algo em sua essência psíquica que o move para a vida. Estudiosos da alma humana compararam isso a uma energia, denominando-a de *energia psíquica*. Na sua intimidade não se sabe o que é, porém funciona impulsionando o ser para o mundo. Todos a possuímos. Qualitativamente é da mesma espécie para todos. Quantitativamente não pode ser medida. Ela não pode ser dada ou recebida, pois cada um possui a sua como um *fogo divino* interior. A fé possui a propriedade de mobilizar a energia psíquica a serviço do Espírito.

Na recorrência a Deus, nos atos de humildade da vida, no respeito ao outro, na consciência da imortalidade, na percepção dos processos da Vida, na tolerância e paciência para com o semelhante, percebe-se a fé num indivíduo. São atos que envolvem o psiquismo humano numa aura de equilíbrio e harmonia, capacitando-o a viver seus processos de forma a enriquecer-se com eles, absorvendo-lhes o valor espiritual de que são portadores.

A fé mobiliza o indivíduo para objetivos nobres e superiores. Ela, como o amor, se constitui no mais alto grau de sentimento do humano, pela sua proximidade com o divino.

Disse o Cristo: "*Nada vos será impossível*"²⁵, referindo-se à fé. Não há dúvidas da capacidade e do poder da fé no ser humano. Transformá-la apenas em produto religioso de uma facção é diminuir-lhe o valor para a Vida como um todo. Ela foi e tem sido utilizada como instrumento a serviço da adaptação e inserção de crentes em segmentos religiosos, porém, ela é muito mais do que isso, face à sua eficácia curativa, renovadora e propulsora do progresso humano. Ela age no psiquismo desanuviando o

²⁵ Mateus, 17:20.

inconsciente, mostrando à consciência suas ligações com a *sombra*.

A fé tem como uma das conseqüências a aproximação **afetiva** do obsessor e sua *vítima*, transformando antigas animosidades em respeito mútuo. Elimina a barreira que os *complexos* de ambos formavam e que impedia o entendimento e a aproximação. Constitui-se num poderoso preventivo às obsessões por colocar o Espírito em estado de paz e receptividade aos desafios da Vida. Condiciona emocionalmente o *ego* à percepção das intuições oriundas do Espírito, condutor real do processo evolutivo.

Ter fé é estar liberto dos receios quanto à morte, ao destino pessoal e às provas reencarnatórias. Quando colocamos a fé em Deus, na Vida, no futuro, no progresso, sentimos-nos livres para vencer os desafios inerentes ao estar encarnado. A fé predispõe o psiquismo ao amor incondicional.

A fé é certeza interna do amor de Deus.

Tempo de despertar a alma

*“Porque o reino dos céus é semelhante a um dono de casa que saiu de madrugada para assalariar trabalhadores para a sua vinha.”
Mateus, 20:1.*

O Cristo propôs salário àqueles que começassem a trabalhar mais tarde de igual valor aos que tivessem iniciado mais cedo. À primeira vista é um contra-senso, pois que, hoje em dia, se paga o salário pela hora trabalhada. Por outro ângulo, do ponto de vista ainda legal, pode-se afirmar que, depois de admitido no emprego, quando nada há para fazer no início de sua jornada de trabalho, o operário receberá a diária independente de ter iniciado a tarefa apenas no final do dia. Seria, portanto, pertinente o pagamento do mesmo salário independente da produção do operário, se não havia trabalho a ser feito.

Podemos, no entanto, estabelecer outras considerações a respeito do tema, tendo em vista a aparente injustiça na afirmação de que, cabe o mesmo salário ao que trabalhou o dia inteiro e àquele que só o fez na última hora do dia.

A complexidade da vida na Terra requer do ser humano a habilidade de aprender a fazer escolhas, pois muitos são os caminhos e processos a seguir. Há muito que aprender, não sendo possível fazê-lo numa única encarnação. Ao fazer suas escolhas estará, automaticamente, renunciando a outras, as quais poderá ter que optar mais tarde. Parecerá que, ao escolher determinada

via, tenha negligenciado outras que, aparentemente, seriam mais importantes. Quando tiver que retomar aquelas vias não escolhidas, outros já a terão trilhado, parecendo displicência sua. Os que optaram primeiro pela via por ele não escolhida, serão os trabalhadores da primeira hora. Quando ele optar, será o trabalhador da última hora.

De um ponto de vista psicológico poderíamos afirmar que se trata de escolher aquilo que está mais próximo da consciência, como também o que é mais importante para o Espírito naquele momento. As escolhas recaem, muitas vezes, em resolver e vivenciar, o quanto antes, as questões primeiras do processo de Vida, tais como: profissão, casamento, filhos, dinheiro, etc, deixando-se de lado o que seria mais fundamental. Relega-se, na maioria das vezes, a último plano as questões ligadas à espiritualidade. Na visão *junguiana* existe uma zona psíquica consciente e outra inconsciente, sendo esta muito mais abrangente que aquela. Ao decidir-se cuidar de seu mundo interior, o ser humano pode iniciar seu processo com suas questões ligadas à área inconsciente como também iniciar pelas ligadas à área consciente. Se optar pela primeira, saberá que se trata de um processo longo e mais difícil do que se optasse pela última. Na primeira, terá que fazer um mergulho maior em sua essência, tendo que buscar aspectos mais profundos de sua personalidade, isto é, suas motivações espirituais, suas capacidades evolutivas, sua tendências arquetípicas, etc. Na última, tenderá a cuidar dos aspectos mais recentes de sua vida: infância, relacionamento familiar, escolha profissional, vivência afetiva, etc., todos estes da atual reencarnação.

Para quem optou pela primeira, ao se deparar com aqueles que optaram pela última, parecerá futilidade ou superficialidade tal preferência. Talvez ele não perceba que, um dia, terá que fazer semelhante caminho. P parecerá injusto

para ele, por ter trilhado um caminho mais difícil e longo, chegar ao mesmo ponto que aquele que viveu processos, por ele considerados superficiais e, às vezes, fúteis. São os caminhos humanos e deverão ser trilhados por todos nós.

Psicologicamente, na idade adulta, é dar atenção às questões transcendentais do *Self*, além de cuidar das questões ligadas ao *ego*. Pode ser um equívoco não dar atenção à estruturação do *ego* na ascensão espiritual. Há pessoas que enveredam pela religiosidade exacerbada sem cuidar de sua vida pessoal.

O salário é o mesmo, porém o trabalho de estruturação do Espírito como ser interexistente da vida material e da vida espiritual é fundamental. Há que se buscar realizar-se em ambos os campos.

A última hora é o tempo não contado onde não se tem mais esperança quanto ao futuro. É o momento do entardecer na vida do ser humano. É o instante do desânimo e da possibilidade de fracasso. É também nesse momento que se deve buscar o crescimento espiritual, isto é, a atenção às coisas do Espírito. Não deve o candidato ao crescimento espiritual culpar-se por começar mais tarde e após ter vivido uma vida material preenchida de equívocos. É sempre tempo de começar a plantar a semente do próprio crescer.

Uma análise mais profunda nos levaria a entender que o Cristo também nos alertava quanto ao tempo e sua premência. Chamava-nos a atenção para que aproveitássemos todos os momentos de nossa Vida. É sempre a última hora, o derradeiro minuto, isto é, nunca é tarde para buscarmos a transformação de nossos hábitos equivocados em atitudes positivas. Talvez ele também nos alertasse quanto ao momento do planeta Terra, que passa por uma fase transitória de provas e expiações para uma outra de renovação moral. Alerta-nos para valorizarmos

todos os momentos de nossa Vida na busca do equilíbrio e da paz, pois o ‘salário’ será recompensador.

Àquele que reclamara por ter recebido o mesmo salário, embora tenha trabalhado mais, ele diz: *“Mas o proprietário respondendo, disse a um deles: Amigo, não te faço injustiça; não combinaste comigo um denário? Toma o que é teu, e vai-te; pois quero dar a este último, tanto quanto a ti. Porventura não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom? Assim, os últimos serão primeiros, e os primeiros serão últimos [porque muitos são os chamados e poucos os escolhidos].”*²⁶ O preço do trabalho é o mesmo para todos os Espíritos, quer tenham começado seu processo evolutivo mais cedo ou não. Todos alcançaremos a felicidade através do conhecimento e da vivência das leis de Deus.

As palavras contidas na parábola do trabalhador da última hora nos levam a entender que não se deve retirar a esperança da vida das pessoas. Mesmo que a pessoa viva iludida, não se deve sumariamente eliminar o motivo que a mantém viva. É preciso aproveitar sua última cota de esperança e de motivação para lhe fazer perceber uma nova realidade. É dar-lhe o ‘salário’ necessário para que rompa com os equívocos do passado.

A mensagem da parábola nos convida a não viver do passado nem reclamar do que não tivemos. Fixar-se no passado é perder tempo no presente. A investigação do próprio passado só tem sentido quando buscamos acertar no presente para não mais cometermos equívocos no futuro.

O trabalhador da última hora não perde tempo em disputas estéreis com seu semelhante, uma vez que enxerga em si mesmo seu próprio adversário interior. É esse seu campo de batalha onde terá de sair vitorioso no futuro. Sua

²⁶ Mateus, 20:13 a 16.

felicidade, isto é, seu 'salário' lhe é dado pelo seu próprio esforço em se melhorar.

As frustrações da infância ou de outras encarnações não devem se constituir em exigências do presente, mas tão somente em caminhos percorridos a fim de se apreender as leis de Deus.

A serviço do Self

“Acautelai-vos dos falsos profetas que se vos apresentam disfarçados em ovelhas, mas por dentro são lobos roubadores.” Mateus 7:15.

Os falsos cristos são aqueles que, embora divulguem a mensagem cristã, não se propõem conscientemente a vivenciá-la, usando-a para fins pessoais e visando a obtenção do poder. Pregam falsas doutrinas em nome do Cristo, de acordo com seus próprios interesses. São comerciantes da fé e aproveitadores da credulidade alheia. Usam a religião para servir como alternativa a seus propósitos inconfessáveis e, por vezes, inconscientes.

O alerta do Cristo pode também ser tomado em sentido psicológico na medida que entendamos como referentes às armadilhas psíquicas em que nós mesmos caímos por não conhecermos devidamente o funcionamento da *psiqué* humana. Esse desconhecimento é decorrente da ignorância que ainda temos do próprio psiquismo humano, considerando-o ingenuamente como produto da química cerebral. Na medida que o ser humano evolui espiritualmente, ele melhor utiliza seus recursos psíquicos.

Essas armadilhas psíquicas são os mecanismos de defesa de que nos utilizamos face à incapacidade de lidar com a realidade externa quando esta entra em confronto com a interna. Nem sempre suportamos o peso da culpa, do

remorso, da falta, do ódio, etc., preferindo a utilização de *bengalas* psíquicas para compensar o peso do inconsciente.

Os falsos ‘cristos’ são as falsas verdades que adotamos, não só aquelas que nos parecem verdadeiras, portanto não nos damos conta de sua nocividade, como também aquelas que, deliberadamente, adotamos como certas, mesmo sabendo dos prejuízos delas decorrentes. Também nos trazem prejuízos, semelhantes aos falsos cristos, as atitudes que tendem a nos trazer a falsa sensação de felicidade, sem o necessário esforço para conquistá-la.

São mecanismos de defesas, ou *bengalas* psíquicas, típicos, atuando psicicamente em nós como falsos cristos:

a) quando transferimos para o mundo externo as responsabilidades que nos competem, adjetivando as pessoas com nossas próprias características não percebidas;

b) quando nos atribuímos qualidades superlativas, pertencentes a pessoas as quais admiramos;

c) quando voltamos a um comportamento antigo que já não mais necessitávamos adotar;

d) quando ampliamos uma qualidade ou defeito de alguém para outras pessoas que com ele convivem;

e) quando reprimimos um comportamento por uma proibição sem a necessária consciência de seus efeitos;

f) quando manifestamos fisicamente emoções não trabalhadas eficazmente;

g) quando nos distanciamos dos problemas por fuga ou medo de enfrentá-los;

h) quando nos achamos impotentes para sair de determinadas situações críticas;

i) quando buscamos justificativas simplistas para atitudes equivocadas ou frustrações não percebidas;

j) quando adotamos um comportamento diametralmente oposto ao que não sabemos aceitar e entender em nós ou nos outros.

Os mecanismos que nos afastam do necessário enfrentamento com nossa realidade interna, cuja percepção só é, em última análise, privilégio de Deus, se tornam fortemente arraigados em nossa personalidade, a ponto de permanecermos incontáveis encarnações sem nos darmos conta de sua consistência e imanência em nós. Eles se tornam parte de nossa personalidade e só deixam de influenciá-la na medida que buscamos investir num processo de autodescoberta e autotransformação.

O principal falso cristo se apresenta na medida que damos mais atenção aos apelos do *ego* e suas exigências de poder, em detrimento da valorização do *Self*, instrumento de ordenação e organização do Espírito. Devemos viver a serviço do *Self* e não do *ego*. Isto significa entender que, quando me refiro ao **eu**, deveria imaginar a individualidade eterna, isto é, o Espírito, e não apenas o eu encarnado, envolvido pelas contingências culturais e circunstanciais.

Não seguir os falsos cristos é assumir o comando de sua própria encarnação, sem prosseguir imitando os outros. Nem o próprio Cristo deve ser imitado, pois cada um deve seguir sua própria vida e carregar a própria cruz. Sua mensagem deve ser seguida, mas sua vida não deve ser imitada, isto é, não se deve copiar os costumes e hábitos de sua cultura e época. Devemos seguir nossas próprias tendências positivas sem imitarmos os outros. A imitação é sempre cópia e arremedo da verdade. Vivenciar e incorporar a mensagem não é imitar seu autor.

Cada um de nós, para não seguirmos um falso sentido da mensagem, deve descobrir a própria singularidade de que somos constituídos. O que é bom para os outros nem sempre o é para mim. Devo seguir meu destino com meus próprios pés. Soa falso acreditar que o caminho da verdade é como uma linha de montagem de uma fábrica. A

mensagem é única, porém a forma de vivenciá-la é distinta para cada ser humano.

Os falsos cristos dentro de nós são as velhas concepções arcaicas a respeito da vida e do futuro, onde se considerava a vida como produto da biologia do organismo físico, onde a velha crença de que a morte é o fim, domina a vida consciente, impedindo a manifestação da individualidade eterna, o Espírito imortal. O predomínio, na consciência, de que a Vida se apaga com a morte do corpo tornou-se um algoz para o Espírito. Talvez este seja o principal falso cristo do ser humano.

Há outros falsos cristos que se incorporam, sem pedir licença, à nossa personalidade e que, muitas vezes, se tornam tão autônomos que parecem se confundir com ela. São o que Jung chama de *personas*, ou *máscaras* sociais. São formas de relacionar-se com o mundo que podem gozar de certa autonomia e que, se o *ego* se identificar muito com elas, podem tomar seu lugar. Necessitamos, ao longo da encarnação, nos desvestir dessas máscaras que, muitas vezes, vêm se estruturando e dominando a personalidade, por várias encarnações. Nem sempre é possível, tal o grau de identidade entre o *ego* e a *persona*, desvestir-se dela ou mesmo percebê-la. Um exemplo muito claro é quando, por adotarmos uma mesma profissão por várias encarnações, acabamos por não conseguir deixar de pensar e agir pelos modos típicos daquela profissão.

Desvestir-se das *personas*, equivale a aprender a fazer diferença entre a atitude externa, face às exigências do meio, e a personalidade integral, essência interna e divina, Espírito imortal. Desvestir-se é aprender a usar sem se permitir ser tomado por elas. É utilizar na medida em que o meio o exija.

Seguir o verdadeiro *Cristo* é descobrir a tendência divina contida na estrutura do *Self*, onde repousam as leis de

Deus, como balizadores do destino do ser humano. Ao Espírito só chegam as leis de Deus e elas se consolidam nas tendências do *Self*.

Separatividade

“Então respondeu ele: Não tendes lido que o Criador desde o princípio os fez homem e mulher, e que disse: Por esta causa deixará o homem pai e mãe, e se unirá a sua mulher, tornando-se os dois uma só carne? De modo que já não são mais dois, porém uma só carne. Portanto, o que Deus juntou não o separe o homem.” Mateus, 19: 4 a 6.

Durante muito tempo se associou essa frase ao contrato de casamento, considerado indissolúvel até a instituição do divórcio. Pensava-se que, por considerá-lo efetivado por Deus, não poderia ser modificado. Claro que não houve união celebrada por Deus, mas sim pelo próprio ser humano. O ser humano jamais poderia separar algo que fosse por Deus unido, se Este não o quisesse. Muito embora a instituição do casamento represente um avanço e uma contribuição ao progresso social, muitas uniões conjugais se constituíram em prejuízo ao Espírito, por várias encarnações, pelo fato de não poder separar-se de alguém que o maltratava e a quem não tinha o mínimo sentimento que favorecesse a união, gerando ódios e ligações *cármicas* por várias existências.

Há Espíritos que necessitam da união conjugal e, conseqüentemente, de uma família para refrear certos impulsos prejudiciais ao seu próprio progresso espiritual.

Felizmente o ser humano entendeu que o divórcio não atentava contra a família, mas favorecia a possibilidade de se constituir uma nova, mais harmoniosa e com mais chance

de crescimento espiritual para seus membros. O casamento, em certo sentido, reduz a inconseqüência de alguns Espíritos afoitos à liberdade sexual sem qualquer limite.

Num sentido psicológico podemos entender a acepção do Cristo como direcionada à vida consciente, bem como ao modo como a consciência elabora a realidade externa e aquilo que é percebido. A consciência, para perceber essa realidade, compara os objetos e situações externas com modelos internos subjetivamente estruturados. Essa operação, extremamente rápida, faz com que se separe os elementos da natureza, estabelecendo uma dicotomia entre o externo e o interno. A consciência separa, analisa, dilui, dissolve, mas também une, sintetiza, associa, amplia. Muitas vezes ela atua de forma ambígua, porém visando um objetivo: estabelecer uma separação entre o sujeito e o objeto, entre o *ego* e o mundo. A operação principal da consciência, através do *ego*, é a sua separação do mundo.

A separatividade da consciência se percebe pelo modo como buscamos, conscientemente, um lugar de destaque no mundo. Esse lugar separado, um degrau acima, é o desejo de compensar a inferioridade inerente ao fato de, além de ser criatura, não conseguir se autojustificar. A unidade no ser humano se encontra no inconsciente, onde tudo se encontra conectado e em forma de imagens ligadas afetivamente. Suas tendências coletivas são fruto da visão una do Espírito. As experiências reencarnatórias não estão separadas no Espírito, pois fazem parte indissolúvel do conhecimento que ele consolidou das leis de Deus.

O ser humano jamais conseguirá separar o que foi consolidado no Espírito, isto é, o que já apreendeu das leis de Deus. Ao Espírito só chega a lei de Deus. As experiências traumáticas, ou mesmo aquelas ditosas, se encontram em camadas superficiais da *psiquê*, isto é, no *inconsciente* perispiritual.

Não separar o que Deus juntou é também entender o universo como um todo interligado e conectado consigo mesmo, percebendo-se como doador e receptor nos processos divinos. Isto nos leva a entender que as forças que atuam na natureza conspiram, isto é, se conjugam, a favor daquele que atua em sintonia com os objetivos divinos.

Conectar-se a Deus é trabalhar de acordo com Seus desígnios e com Sua vontade. O difícil é descobrir quais são eles, isto é, quais são os planos de Deus. Essa descoberta será fundamental para o Espírito e marcará sua evolução como o início do processo mais importante de sua marcha ascensional.

Sabemos que não há espaços vazios no universo, e que o nada não existe. Essa certeza lógica nos fará entender que não há interações instantâneas no universo, isto é, não há coisas que tenham começado agora. Tudo já teve um grande começo. Isso não deve nos levar a uma teoria meramente causalista do universo, mas tão somente nos fazer entender a interligação psíquica de todos os processos nele existentes.

Somos o que pensamos, portanto nos conectamos ao mundo externo automaticamente. Nesse sentido, não há interno ou externo, pois estamos no todo e ele está em nós. O elo que une as coisas indefinidamente é o amor, expressão máxima de sentimento alcançável em nosso estado evolutivo. Enquanto a consciência tenta separar, o Cristo reafirma essa impossibilidade, convidando o ser humano a entender a unidade das coisas. Com a afirmação ele nos mostra que devemos poupar energias nessa constante idéia de separatividade. Ver as coisas, pessoas e eventos como processos interconectados, é não separar o que Deus juntou.

Essa separatividade é consequência da estrutura do *ego*, pois a visão do Espírito é una. Muito embora sua

percepção seja de totalidade, ele conta com um elemento cujo *modus operandi* é oposto a essa sua função. Por que então a natureza o dotaria de uma estrutura que não lhe possibilita perceber a totalidade? Creio que isto está calcado no fato de que o processo de desenvolvimento do Espírito se dá através da integração dos opostos, isto é, da assimilação consciente daquilo que existe em mim, mas não percebo ou nego.

Como exemplo podemos perceber isso na forma dual da manifestação do Espírito, isto é, masculino ou feminino. Como sabemos o Espírito não tem sexo como nós entendemos que ele seja, isto é, talvez nosso conceito de sexo limite a percepção da realidade que envolve a natureza espiritual. Em essência somos masculino e feminino, pois experimentamos os dois tipos de atitudes em várias encarnações. Na consciência separamos o masculino e o feminino, porém ambos estão integrados no inconsciente face às experiências reencarnatórias. Quando envergamos um tipo de corpo, negamos o oposto na consciência, muito embora o busquemos na vida prática. Temo-lo em nós, mas queremos realizá-lo externamente. Separamos o masculino do feminino, unidos em nós, pois isso é uma circunstância divina, contrariando uma tendência natural, que é a compreensão das duas naturezas perfeitamente harmonizadas na *psiquê*. O Espírito é uno quanto à sexualidade, porém, o *ego* e a cultura, exigem a separação. Embora deva respeitar os limites do corpo, o ser humano deve entender sua dualidade inconsciente, e, muitas vezes, consciente.

Jung dizia que há uma natureza feminina, que ele chamava de *ânima* e uma natureza masculina, que ele chamava de *ânimus*. Nós temos essas duas estruturas psíquicas em nós a nos exigir conciliação na consciência. Devemos aceitar o convite do Cristo a que não separemos o

que Deus juntou. A *ânima* e o *ânimus* se formam no inconsciente a partir das repetidas experiências do Espírito no contato com pessoas de cada sexo, bem como pelas encarnações como mulher ou como homem e tendo comportamentos típicos femininos ou masculinos. A cada encarnação internalizamos modelos idealizados de mulher e de homem, os quais passam a governar nosso mundo inconsciente.

Masculino ou feminino são modos de conceber a realidade. Masculino é movimento, exteriorização, ação, objetividade, realização, etc. Feminino é receptividade, doação, abertura, continência, interiorização, etc. São atitudes psíquicas que nos levam ao conhecimento das leis de Deus. Não são gêneros reais, mas estados da *psiquê* do Espírito.

Psicologia subjetiva

“Tu és mestre em Israel, e não compreendes estas cousas?” João, 3:10.

Há passagens no Evangelho cuja compreensão se torna difícil se não buscarmos uma análise subjetiva, desvinculada da época e da cultura em que foi citada. A análise subjetiva visa buscar o sentido psicológico contido por detrás das palavras metaforicamente utilizadas.

Há aparentes aberrações e contradições em certos trechos, em parte creditadas às traduções e à ausência de vocábulos, à época, que expressassem o sentido que o Cristo pretendia afirmar. Escolhemos alguns trechos que merecem uma análise psicológica a fim de retirarmos as interferências culturais e as limitações lingüísticas impostas.

Mesmo que acreditemos que as palavras do Cristo tivessem um sentido e um objetivo únicos, e que visassem permitir exclusivamente uma única interpretação, não poderíamos deixar de considerar que sua percepção por parte de quem as ouvisse ou lesse, sofreria variações de acordo com a cultura em que estivesse inserido, bem como com seu nível de evolução. O que equivale dizer que o Cristo quis passar uma mensagem calcada nas leis de Deus, e o fez através de frases cuja construção permitisse flexibilidade e maleabilidade de compreensão ao longo da evolução do ser humano. O que de fato ocorreu, pois até

hoje é possível, e o será por muito mais tempo, entender o significado do amor inscrito em sua mensagem imortal.

Se pegarmos, por exemplo, a seguinte colocação do Cristo em Mateus, 10:37:

“Se alguém vem a mim e não aborrece²⁷ a seu pai, e mãe, e mulher, e filhos, e irmãos e irmãs, e ainda a sua própria vida, não pode ser meu discípulo.”

A frase propõe uma submissão sectária ao Cristo à custa do afastamento da família, o que depõe contra seu propósito em fortalecer a sociedade a exemplo de um reino onde vigorasse a paz e o amor.

Por outro lado se buscarmos perceber sob um ponto de vista psicológico, notaremos que se trata de valorização excessiva das influências atávicas do ser humano, em detrimento da percepção da mensagem renovadora do Evangelho.

Durante muito tempo, e por várias encarnações, seguimos os ditames da cultura, explícitos nos sentimentos ligados à noção de pátria ou nação, nas tradições de clãs e famílias, nos sectarismos de grupos, partidos, castas e sociedades exclusivistas. Essa ligação, muitas vezes, nos impede de avançar ao encontro de sentimentos, idéias e emoções superiores e da valorização de sentimentos altruístas de fraternidade, igualdade e amor. Ligamo-nos psicologicamente a esses determinantes, esquecendo-nos da transformação individual que nos compete realizar.

Aos poucos, e a partir de experiências significativas nas diversas culturas, o Espírito percebe sua inserção numa família maior, a família cósmica. Esse sentimento de

²⁷ Em algumas traduções consta **odeia**.

integração numa família maior, não o afasta de continuar vinculado a uma família ou clã, nação, etc.

A desvinculação psicológica das ligações parentais é fundamental para o desenvolvimento espiritual do ser humano. Devemos permanecer ligados afetivamente àqueles que fazem parte de nossa família originária, porém devemos aprender a separar as tendências egóicas do grupo familiar daquelas que são da individualidade. Somos Espíritos que devemos realizar o progresso social, porém sem perder nossa individualidade.

O Espírito imortal possui faculdades por nós desconhecidas e que ainda vamos descobri-las ao longo da evolução. O Cristo, com suas palavras, atingia o Espírito buscando facultar-lhe o desenvolvimento dessas faculdades. Para conseguir isso temos que aprender a nos desvincular das influências parentais que nos afastam do encontro conosco mesmos, com o próximo e com Deus.

Ele pede ainda o sacrifício da própria vida, o que seria um contra-senso, pois o objetivo do Cristo é a consciência da vida e de seu valor. A vida que deve ser sacrificada é a do *ego* com seus desejos de poder e de realizar-se sem se orientar pelos princípios organizadores do Espírito através do *Self*.

Ir ao Cristo, aborrecendo a família e sacrificando a Vida é o *processo de individuação* a que se refere Jung, em que o Espírito se ilumina permanecendo consciente de seus referenciais psicológicos sem se deixar determinar-se por eles. É uma mensagem direta ao inconsciente para que este se realize na consciência.

A *psiquê* é uma estrutura do Espírito que executa funções complexas a serviço do processo evolutivo. Nela se processam elaborações psíquicas que irão redundar em ações e reações do Espírito. O Cristo falava com a consciência de que poderia alcançar aquela estrutura. As

frases, aparentemente desconexas para o *ego*, não são para a *psiquê*, pois esta possui a faculdade de decodificar o sentido das mensagens existentes por detrás das palavras.

*“Deixa aos mortos o sepultar os seus próprios mortos.”*²⁸

Seria absurdo pensar que o Cristo estaria incentivando o descuido para com o funeral necessário ao corpo de todo aquele que desencarna. Todo corpo merece funeral digno, seja com cremação ou enterro. Porém, como bem colocou Allan Kardec, ele, ao dizer aquela frase, se referia aos excessivos cuidados, não só com o corpo do falecido, como também com seus pertences. Costuma-se agir como se o desencarnado ainda estivesse presente, transferindo-se para os objetos que lhe pertenceram, os sentimentos que se tinha por ele. O alerta do Cristo é para que nos voltemos para o Espírito e não para a matéria. Os mortos são aqueles que se ligam demasiadamente às coisas materiais que pertenceram ao desencarnados.

Por outro lado, no aspecto psicológico, podemos entender que, na *psiquê*, temos aspectos desconhecidos ou negados, os quais Jung chamou de *sombra*. Ela pode ser negativa ou positiva, pois contém não só aquilo que não sabemos que internamente existe em nós, e que são conquistas positivas, como também conteúdos que negamos em nossa personalidade, por serem aspectos sombrios e de difícil aceitação como componentes de nossa personalidade.

Há conteúdos psíquicos que fazem parte de nossa personalidade e que são responsáveis por atitudes aversivas e inadequadas que ainda temos, aos quais permitimos que continuem influenciando nosso comportamento, cujo valor

²⁸ Lucas, 9:60.

que lhes atribuímos contribui para que permaneçamos em estágios evolutivos infantis. Embora nossa *sombra* possua conteúdos bem vivos e atuantes em nós, tornam-se mortos pela forma como os relegamos. São *matéria morta* da *psiquê* que nos tornam *mortos* para a vida. ‘Enterrar’ essa *matéria* é trabalhar seu conteúdo de forma a diluir seus efeitos até que desapareçam ou se transformem.

A nossa limitação está em conseguir descobrir qual o conteúdo daquela *matéria*. O que faz parte dela é uma incógnita, a qual nem sempre se descobre a solução. Devemos começar pela auto-análise, onde tentaremos descobrir os dificultadores de nossa existência, que estão dentro de nós.

Muitas vezes choramos ou lamentamos exageradamente alguma dor ou perda, esquecendo-nos que estamos passando por uma ‘morte’ necessária. Alguns aspectos do *ego* precisam morrer para permitir a expressão do Espírito. Durante a Vida enfrentamos várias mortes e, aprender a dar o valor adequado, nem maior nem menor, às nossas dores é sinal de maturidade psicológica. Não adianta se insurgir contra os ciclos naturais da Vida. É preciso reconhecer quando é o momento de enterrar velhas atitudes, idéias, emoções e escolhas para iniciar um novo estágio evolutivo.

Devemos também ter a consciência de que não é aconselhável dar mais atenção ao ‘lixo’ do passado, após ter sido trabalhado o suficiente para ser dissolvido. Quem permanece com as sombras do passado acaba por se tornar sombrio. Quem só enxerga o aspecto negativo da existência, torna-se uma pessoa depressiva e triste, contaminando os outros com quem convive.

“*Não vim trazer paz, mas espada.*”²⁹

Parece também contraditória essa colocação do Cristo, mas se analisarmos que a *psiquê* deve estar sempre num embate entre o consciente e o inconsciente, entenderemos que aquela divisão é o confronto entre os opostos em nós. A divisão que ele veio trazer não é só aquela que nos coloca em confronto com aqueles que ainda não entendem sua mensagem. A divisão se dá quando assumimos sua mensagem como roteiro de Vida e temos que romper com nosso passado, reiniciando a vida sob novas condições.

O ser humano, ao entrar em contato e interiorizar a mensagem do Cristo, entrará em conflito face às exigências do mundo a que está acostumado. Sua *psiquê*, através do *ego*, até então acostumado com os mecanismos de defesa frente à necessidade de mudar de direção, ver-se-á na obrigatoriedade de transformar-se. A divisão é a percepção dos opostos e a necessidade de integrá-los para alcançar-se efetivamente a paz de espírito.

²⁹ Mateus, 10:34.

Entusiasmo

“Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder a casa edificada sobre um monte; nem se acende uma candeia para colocá-la debaixo do alqueire, mas no velador, e alumia a todos que se encontram na casa.”
Mateus, 5:14 a 16.

Talvez essa seja uma das afirmações mais positivas que o Mestre nos trouxe, pois nos convida a viver a Vida de forma plena, verdadeira e confiantes no futuro. Concita-nos a que, através de nossa potencialidade interior, realizemos e construamos em favor da harmonia do universo. Mostrar a expressão superior do aspecto espiritual da Vida, através de feitos positivos, sem estimular nossa natural vaidade, é importante para que estimulemos aqueles que se encontram deprimidos ou sentindo-se derrotados.

É preciso que façamos brilhar nossa luz interior a fim de que nós próprios percebamos que ela existe e que é importante que nos sintamos filhos de Deus face à manifestação Dele em nós. Nossa luz interna, chama divina que habita em nosso mundo interior, é Deus presente que nos impulsiona à realização no mundo.

O sentido de fazer brilhar a nossa luz é o de construir uma Vida digna de realizações nobres e o de estimular o próximo a também crescer. É também o de não temer o futuro nem qualquer circunstância que a Vida nos coloque, tendo consciência de que tudo que nos ocorre, mesmo aquilo que nos faz sofrer, é para o nosso bem. Nada que

ocorre com o ser humano é para seu prejuízo. O universo, isto é, a Vida, está sempre a favor do Espírito imortal.

O Cristo nos falou: “*Assim brilhe também a vossa luz...*”³⁰, convidando-nos a iniciar um programa de reabilitação e reerguimento moral. Pode-se começar esse programa em etapas, da seguinte forma:

1. Procure alguém para desabafar. Um amigo que se predisponha a ouvi-lo. Conte-lhe sua vida, principalmente as coisas que têm causado culpa em sua consciência. Confesse-se. Não se preocupe com a censura alheia. Seja você mesmo, sem preocupações de imagem. Deus conhece você, e isso basta. Alivie sua alma com a exteriorização do que o oprime. Você verá o quanto isso fará bem ao seu estado emocional e psicológico. Devolverá a paz que você perdeu quando se envolveu em seus próprios problemas e conflitos. Não pense em *castigo divino*, pois esse termo é fruto do dogmatismo e da ignorância religiosa do passado que atribuía equivocadamente conceitos de bem e mal às atitudes humanas;

2. Comemore seus feitos. Relacione suas vitórias na vida e considere que você tem algo a dizer e fazer no mundo. Suas realizações devem ser consideradas sinais de que você é capaz de fazer mais do que fez. Comemore datas importantes de sua vida. Chame seus amigos. Reuna-os em momentos importantes. Seja alegre, sem excesso. Nesses encontros fale de sua satisfação em viver. Evite festas ruidosas e vazias, promovendo encontros simples, mas harmoniosos e que favoreçam a fraternidade e o amor em sua vida. Considere que, para Deus, você é tão importante quanto uma farpa ao vento ou uma galáxia inteira;

³⁰ Mateus, 5:16.

3. Acredite em você. Tenha consciência de suas possibilidades de realização, acredite no seu sucesso. Não creia que a derrota seja algo definitivo em sua vida. Reenquadre as situações de forma a perceber que, mesmo que não tenha alcançado o que queria, lembre-se de que alguma coisa você aprendeu. Nós vivemos desses pequenos aprendizados. São eles que fazem, constituem e alicerçam nossa personalidade. Suas aparentes derrotas não são decorrentes de defeitos de caráter, mas de inadequação de estratégias. Você não está só. Além de pessoas encarnadas à sua volta, você conta com Espíritos amigos e familiares que desejam seu sucesso. Acredite em você, neles e na existência de Deus;

4. Reafirme seus propósitos de felicidade. Relembre seus ideais juvenis. Aqueles que você constituiu quando se encontrava no vigor de sua juventude, acreditando que poderia transformar o mundo. Você pode fazê-lo, tenha certeza. Pode não conseguir transformar o mundo dos outros, mas com certeza transformará o seu. Seu mundo é constituído daquilo que você acredita ser a realidade e do que você espera que seja. Sua felicidade é construção pessoal e depende de seus feitos. O universo à sua volta é fruto de dois senhores: Deus e você. Ser feliz é um estado de espírito. Não é um lugar fora de você. Construa-o a cada dia de sua Vida;

5. Utilize seu encanto pessoal. Viva confiante na sua força interior e na presença divina em você. Seduza o outro através do amor que habita em você. Encante pelo sentido que você atribui à sua Vida. Ela tem mais sentido quando você se preocupa consigo e com as pessoas à sua volta. Suas idéias, emoções e ações devem buscar atender objetivos

nobres e que tragam o bem estar em sua volta. Irradie sentimentos de amorosidade e compaixão. Dê um sentido divino ao que você faz. Cada ato seu deverá conter uma expressão do Bem. Seja nobre em suas emoções, pensamentos e atitudes. Não seja artificial nem vazio, não demonstre o que você não pode sustentar;

6. Conscientize-se de sua destinação espiritual. Perceba-se Espírito. Isto é mais importante do que adotar um rótulo religioso. Essa percepção significa a consciência da própria imortalidade, da reencarnação, da evolução a que está sujeito, da sua individualidade e da presença de Deus em você. Sua verdadeira essência é espiritual. Seu corpo é instrumento, é invólucro para seu progresso espiritual. Perceba que seu referencial de Vida não se encontra neste mundo de provas e expiações, mas do outro lado da Vida. Sem se ausentar do mundo, considere que os máximos valores do ser humano estão no espiritual;

Do ponto de vista psíquico pode-se perceber que a mensagem implícita nessa parábola vai ao encontro da necessidade de se colocar o *Self* no comando da vida consciente. Pôr a *candeia no velador* quer dizer, colocar o princípio organizador do *Self* à frente do *ego*. Fazer brilhar a luz é, nesse sentido, seguir o processo de *individuação pari passu* com a evolução espiritual, sem a pressa característica de quem não percebe que temos várias existências, nas quais poderemos ir, aos poucos, vencendo novas etapas, mas conscientes da urgência da autotransformação.

“Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.”³¹

³¹ Marcos, 8:34.

O desenvolvimento espiritual é um processo pessoal e intransferível. Ninguém substitui ninguém no processo de crescimento espiritual. Cada um deverá trilhar sua própria caminhada na direção de si mesmo. Um dia, em algum lugar, inexoravelmente, de forma exclusiva, nos depararemos conosco mesmos. Sem dúvida esse será um momento singular e extremamente solitário, no qual desejaríamos a companhia de alguém, mas que, depois, teremos a certeza de que seria mesmo melhor estarmos sozinhos. Renunciar a si mesmo é renunciar ao *ego* e à separatividade da consciência. Para renunciar a ele é necessário que ele esteja devidamente estruturado. Ninguém renuncia ao que não está consolidado. Um *ego* enfraquecido deve primeiro ser trabalhado para recompor a própria consciência da existência.

Ir nas pegadas do Cristo é colocar a mente a serviço do bem, da paz, da harmonia, confiantes no destino superior da alma humana. Somos filhos de Deus e merecemos um destino melhor do que aquele que nossos medos nos conduziriam se não fosse a esperança que todos temos. A *psiquê* humana foi estruturada, ao longo da evolução espiritual, para que o Espírito se adaptasse adequadamente à Vida e apreendesse as leis de Deus.

O terapeuta, tanto quanto o trabalho que os Espíritos fazem nas desobsessões, são auxiliares da cura. Cada um será responsável pela sua própria cura. Ninguém se elevará na evolução por tabela ou imitação do outro. A evolução do ser humano é singular.

Autodescoberta

“Buscai e achareis.” Mateus, 7:7.

Este é um dos grandes imperativos do evangelho, onde o Cristo categoricamente afirma algo que, se tomado ao pé da letra, levaria-nos a equívocos. O sentido externo, isto é, quando aplicado ao mundo fora do ser humano, nem sempre se torna possível, pois nem tudo que buscamos, literalmente achamos. Porém, num sentido psicológico podemos aceitar a colocação como verdadeira, pois, a depender da interpretação que dermos, teremos a resposta adequada.

Buscar é procurar, é motivar-se para algum objetivo. Subentende intencionalidade e não passividade. É um ato deliberado em que se visa um alvo específico. Nesse sentido, a recomendação é por uma ação, uma saída de dentro para fora; uma atitude para com a Vida, eliminando a inércia e a espera de que algo mágico aconteça por nós.

O psiquismo humano é constituído de matéria sutil, como um tecido de extrema plasticidade e flexibilidade em que, com a ação do *ego* e o direcionamento do *Self*, construímos cenários que servem de base para percebermos o mundo de tal forma que não vemos outra maneira de enxergar a realidade. Pensamos e sentimos de tal forma que adotamos um modo de ver em que se torna impossível não acreditar que aquilo é real e absoluto. Buscamos e achamos

o que queremos. Os estados de espírito são responsáveis pela forma como o mundo nos parece ser. Se estivermos psicologicamente felizes, o mundo nos parecerá um mar de rosas. Por outro lado, se estivermos deprimidos, o mesmo mundo nos parecerá distanciado de nós. Construimos nosso mundo interior e ele será nossa caixa de mágicas de onde tudo poderá sair. Acharemos aquilo que construímos com nossas idéias e emoções.

Como sempre o Cristo falava para o Espírito, através do *Self*, visando atingir a essência mais íntima do ser humano. Suas palavras têm um sentido espiritual e agem qual bisturi, rasgando a superficialidade da personalidade, penetrando a alma imortal.

Buscai e achareis nos alerta para a capacidade que temos de mobilizar a energia psíquica a favor do Espírito. Essa energia não é física, mas psíquica e está a serviço do processo de aperfeiçoamento do Espírito. Ela se apresenta como: desejo, motivação, determinação, persistência, força de vontade, entusiasmo, etc. Ela não se perde nem se ganha, simplesmente a utilizamos ou não.

O alcance da frase está além da vontade imediata e da busca direta. Trata-se de uma mensagem que nos deve levar ao longo do tempo que dura uma ou várias encarnações. Encontramos, em última análise, aquilo que sempre buscamos, sem perceber que fomos construindo, ao longo das encarnações, uma forma de viver de acordo com nossos desejos inconscientes.

Nosso modo de pensar e sentir, são determinantes para o resultado do que achamos, independente do que conscientemente buscamos. Muitas vezes não achamos o que buscamos pela não percepção de que o psiquismo está configurando algo diferente do desejo do *ego*. *Buscai e achareis* não deve ser aplicado ao *ego* como senhor do

processo, mas sim ao *Self*, centro de comando da Vida psíquica.

A persistência e a força de vontade são importantes fatores de cura, pois mobilizam a energia psíquica em favor do processo de desenvolvimento do Espírito. Buscar algo é movimentar-se, saindo da apatia e do imobilismo doentio. Quem deseja curar-se deve buscar a própria cura, a do corpo e, principalmente, a da alma. Esta última, implica numa mudança de atitude diante da Vida, considerando-a eterna, e vivendo de forma otimista, esperançosa e positivamente.

A busca interior é tão importante quanto a necessidade da vida social. O buscar se aplica ao autoconhecimento, autodescobrimento, a autotransformação, tanto quanto à necessidade de se realizar em sociedade, de construir e vivenciar processos comuns aos seres humanos. Buscar e achar é causa e efeito, ação e reação. A ação é a busca, isto é, a construção no mundo. A reação é o achar, o encontrar as leis de Deus. Quem vivencia constrói a realidade social e apreende as leis de Deus. Devemos fazer a marcha para fora e para dentro simultaneamente. São faces de uma mesma moeda, inseparáveis. Sua integração é fundamental à evolução do Espírito.

Disse o Cristo: *“Não acumuleis para vós outros tesouros sobre a terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam; mas ajuntai para vós outros tesouros no céu, onde traça nem ferrugem corrói, e onde ladrões não escavam nem roubam; - porque, onde está o teu tesouro aí estará também o teu coração.”*³²

Os tesouros da Terra são as buscas e investidas do *ego* que não estão sintonizadas com o desejo do Espírito. São as experiências acumuladas de vidas passadas e da atual

³² Mateus, 6:19 a 21.

encarnação, as quais não são mais úteis ao Espírito. São ‘restos’ que atrasam a evolução. São mágoas não esquecidas e traumas não trabalhados, pertencentes à vida consciente, bem como outros oriundos de outras vidas.

Os tesouros do céu são as experiências enriquecedoras que nos permitem apreender as leis de Deus de forma harmoniosa. Via de regra ocorrem quando desarmamos o espírito e nos dispomos a encarar as coisas da vida como elas são, sem julgamentos preconcebidos ou receios de lidar com suas ocorrências.

Acumular tesouros não é encher-se de informações ou de conhecimento intelectual. Os tesouros são atributos da alma, enraizados na *psiquê*, de tal forma que passam a ser um padrão de percepção da realidade. Nesse sentido não há esquecimento ou possibilidade de perda. Alicerçar essas percepções é vivenciar as experiências da vida buscando senti-las com amor e com senso de responsabilidade, acreditando-se capaz de reproduzi-las em outro momento, diante de alguém, de tal forma que venha a proporcionar felicidade e paz.

Ao afirmar: *“Por isso vos digo: não andeis ansiosos por vossa vida, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo quanto ao que haveis de vestir. Não é a vida mais do que o alimento, e o corpo mais do que as vestes?”*³³, sem sombras de dúvidas o Cristo está se referindo às preocupações excessivas e exclusivas com o corpo, em detrimento dos cuidados com a alma. Porém, podemos fazer uma análise também psicológica e daí tirar conclusões num sentido mais restrito. Chamou-me a atenção a definição de Vida, comparando-a a algo que é superior ao alimento, da mesma forma que o corpo é superior às vestes. Parece óbvio, porém podemos tomar o corpo como a forma

³³ Mateus, 6:25.

e o Espírito como o conteúdo ou a essência. Preocupamo-nos demasiadamente com a forma das coisas e muito pouco com sua essência. As coisas são como elas são, muito mais do que suas aparências indicam.

Pelas propriedades estruturais da *psiquê*, temos a tendência a classificar o que vemos e associar a coisas já conhecidas, impossibilitando penetrar, à primeira vista, na essência do que observamos. Assim se dá com certas situações, em que associamos a outras, desta ou de vidas passadas, julgando-as segundo valores superficiais que nos impedem de entrar em contato real com o que experimentamos. As experiências emocionalmente vividas em vidas passadas impregnam a *psiquê* de clichês que nos condicionam a responder e entender o mundo de uma forma mais ou menos padronizada, e isto pode ser um grande prejuízo ao Espírito, que poderá permanecer por muito tempo vinculado a uma mesma maneira de ser e viver.

O Cristo quis também dizer que como sentimos e pensamos a Vida é muito mais importante para a nossa evolução do que como materialmente vivemos. Nossas crenças e valores internos, conscientes e inconscientes, são mais importantes do que os desejos do *ego*.

A mensagem do Cristo também veio em forma poética e cheia de beleza. Todo o *Sermão do Monte* é um exemplo disso. Ele disse:

*“Observai os pássaros do céu: não semeiam, não colhem, nem ajuntam em celeiros; contudo, vosso Pai celeste os sustenta. Porventura, não valeis vós muito mais do que as aves? Qual, de vós, por ansioso que esteja, pode acrescentar um côvado ao curso da sua vida?”*³⁴

A poesia existente neste trecho do evangelho é de uma beleza inquestionável. Mas o que ele quer dizer além do que

³⁴ Mateus, 6:26.

está explícito? Talvez se refira, psicologicamente falando, ao afirmar que somos mais do que os pássaros, que somos mais do que imaginamos conscientemente que somos. Não percebemos que a vida que levamos, com as vicissitudes inerentes ao estágio de evolução em que nos encontramos, é muito menor do que efetivamente somos espiritualmente. Isto se estende à *psiquê*, com suas capacidades espirituais desconhecidas, limitadas pelos condicionantes estabelecidos pelo *ego*.

Desenvolver-se psiquicamente torna-se possível a partir da percepção dos limites estabelecidos pelo *ego*, que detém, até então, o comando da vida consciente. Realmente temos limitações em aumentar um centímetro à nossa altura corporal, mas não há limites para a evolução espiritual. Não devemos aumentar os poderes do *ego*, porém temos de fazê-lo em relação ao *Self*. O comando da vida psíquica passa pelo *Self* e pelo *ego*, cabendo ao Espírito torná-los suficientemente estruturados para atender suas necessidades.

Continuando a falar poeticamente, sem deixar de trazer as verdades eternas e a mensagem diretamente ao Espírito, ele afirmou:

“E por que andais ansiosos quanto ao vestuário? Considerai como crescem os lírios dos campos: eles não trabalham nem fiam; Eu, contudo, vos afirmo que nem Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles. Ora, se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós outros, homens de pequena fé?”³⁵

Vestir-se como os lírios dos campos é fazer resplandecer a beleza divina que existe em cada um de nós. O ser humano costuma depreciar-se diante da Vida. Não

³⁵ Mateus, 6:27 a 30.

percebe que somos seres da luz e para a luz fomos criados. Embora não neguemos a existência de sombras em nós, não podemos deixar que elas nos dominem. Somos luz e sombra ao mesmo tempo, mas destinados à luz. Embora nossa fé seja pequena, face aos véus que cobrem as possibilidades intuitivas, encobertas pelos complexos no inconsciente, alcançaremos, um dia, a consciência de que Deus está em nós e nós estamos Nele.

Procurando incutir na *psiquê* humana a busca da felicidade, bem como diminuir o medo e a consciência culpada, característicos da infância espiritual, ele colocou:

*“Buscai, pois, em primeiro lugar, o seu reino e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas. Portanto, não vos inquieteis com o dia de amanhã, pois o amanhã trará os seus cuidados; basta ao dia o seu próprio mal.”*³⁶

Buscar o reino de Deus é trabalhar em favor da instalação, ao redor de sua própria vida, de uma sociedade justa, equilibrada e onde vigorem princípios éticos fundamentados no amor. É colocar-se num estado de espírito capaz de entender e assimilar suas leis, em paz e em harmonia. Esse estado de espírito é alcançado pela percepção de si mesmo, acolhendo sua própria personalidade sem culpas e sem medos. Preocupamo-nos demasiadamente com as coisas materiais e muito pouco com as do Espírito. O Cristo vem garantir que as coisas materiais não são tão importantes quando nos ocupamos com as do Espírito. Mais do que isso, ele buscava, ao trazer suas parábolas, preparar o psiquismo do ser humano para que se acostumassem a enxergar a esperança, o amor, a felicidade, de uma forma menos traumática, sofrida e/ou conformada.

³⁶ Mateus, 6:33 e 34.

Amor com amor

“De graça recebestes, de graça dai.”
Mateus, 10:8.

Os objetivos que traçamos para nossa Vida determinam o modo como passamos por ela e como sentimos as experiências vivenciadas. Sempre que esses objetivos polarizarem conhecimentos ou aprendizados incompletos, necessitaremos vivenciar seus complementos. Se objetivamos, por exemplo, ganhar sempre, teremos, em dado momento, que aprender a lidar com o perder. Se intencionarmos agredir alguém, necessariamente passaremos pela dor com que atingiríamos o outro a fim de aprendermos a lidar com o que nos opõe, e, dessa forma, nos educamos. O que vem ao nosso encontro é aquilo que precisamos aprender e, muito precisamente, é algo que sintoniza com nosso mundo interior. O interno atrai o externo, e, na maioria das vezes, o determina.

Quando endereçamos algo para alguém, receberemos de volta o que emitimos de acordo com o objetivo que empregamos inicialmente. Se vendermos algo a alguém ou trocarmos um objeto por outro ou por dinheiro, não teremos o objeto inicial de volta, mas aquilo que nos propomos a buscar com o resultado da operação. Mesmo que seja um objeto semelhante ao primeiro, lidaremos antes com a energia do meio utilizado para a troca. Nossos objetivos últimos são balizas mestras para a Vida. Quando usamos a

malícia nas relações que estabelecemos com o mundo, teremos de volta, em resposta, a mesma malícia que empregamos. *Somente lobos caem em armadilhas para lobos.* A medida que o mundo usa para nos medir é resposta à mesma que utilizamos para com a Vida.

Dar de graça o que de graça recebeu é agir na Vida como gostaria que o universo respondesse para consigo. É atuar no mundo com uma certa dose de inocência e ingenuidade características de quem tem puro o coração. Não é a inocência e ingenuidade dos tolos, mas a pureza e consciência de quem sabe o que quer para si sem subtrair do outro.

Do ponto de vista psicológico, o efeito dessa forma de agir é o mesmo que ocorre quando abrimos nossa percepção da realidade, enxergando melhor as alternativas diante de um conflito. Essa atitude para com a Vida impede que os mecanismos de defesa sejam acionados como fuga à realidade, dando-nos melhores condições psíquicas frente aos problemas e desafios do cotidiano.

Quando se fala em gratuidade, imediatamente se pensa em dinheiro, em recursos financeiros e na própria subsistência. Muitas pessoas têm problemas financeiros, o que as coloca em situação difícil diante da necessidade de adquirir meios de se manterem. Isso dificulta uma melhor percepção do significado de viver as experiências de ter ou não ter dinheiro. Caso não vivêssemos sob a pressão de buscar recursos para a sobrevivência, entenderíamos que ambas as situações (riqueza ou pobreza) se assemelham. Elas nos possibilitam aprendermos as leis de Deus. Ter ou não recursos são estados externos a serem enfrentados, que nos capacitam a lidar com a gratuidade do universo a nosso favor. Quem já aprendeu a lidar com as duas formas e suas *nuances*, certamente não terá dificuldades no campo financeiro. Saber lidar com dinheiro é também não acreditar

que tudo deva ser feito de graça. Tudo tem seu preço. Caso não paguemos por algo, alguém o estará fazendo. Receber de graça é responsabilidade maior do que imaginamos.

Para começar a aprender a lidar com recursos, vamos iniciar reduzindo a nossa natural cobiça em obtê-los e o desejo arquetípico de ganhar sempre e exclusivamente. Vale dizer, trabalhar o nosso egoísmo arquetípico, ampliando o significado do repartir e compartilhar. Participando dos processos naturais de competição para obtenção de recursos com a mente voltada para a solidariedade e o desejo de que os outros também obtenham sucesso.

Esse egoísmo ancestral decorre da excessiva valorização que atribuímos ao *ego* e seus processos de aquisição de poder. Isto funciona automaticamente como um padrão repetitivo de pensar e sentir. De tanto agirmos em proveito próprio acabamos por acreditar que a *psiquê* funciona dessa forma. É um padrão típico de comportamento que funciona como um comando, porém que pode ser modificado.

O nosso estado de espírito e nosso desejo em compartilhar o que ganhamos ou adquirimos pelo esforço pessoal, possibilita a que nos habilitemos a receber da Vida, enfrentando menores dificuldades em obter novamente os recursos de que precisamos para viver. Quanto mais se cobiça, mais dificuldades se terá em obter o que se deseja.

Isto vale para recursos financeiros como para o relacionamento a dois. Quanto mais se quer ter a posse, mais dificuldades se apresentam na relação. Quem ama liberta, desejando a felicidade própria e, principalmente, a do outro. O desejo de posse, ou a vontade de obter vantagem, aprisiona a *psiquê* num processo de autopreservação que dificulta a percepção da Vida, alienando o *ego* da possibilidade de desenvolver-se. Buscar o progresso pessoal é dever de todos e tarefa inalienável,

porém deve-se receber da Vida o que ela oferece em troca dessa atitude.

É sempre importante perguntar-se o porquê não se obteve o que se desejou. É sempre oportuno colocar-se na posição de quem não mereceu ou não soube desejar. Dessa forma, ninguém é responsável pelas perdas e derrotas a não ser o próprio indivíduo. Os outros que participaram ou desejaram nossa derrota, ou mesmo, atuaram conscientemente contra nós, são meros instrumentos da nossa necessidade em aprender a administrar perdas.

Dar de graça o que de graça recebeu é objetivar que a lei de Deus aja conosco como estamos agindo com a Vida que Ele nos deu. Não há mérito em ganhar se não aprendemos a obter. Não há sentido em obter algo se não para aprender alguma lei de Deus. Obter por obter, mesmo por meios lícitos, não é o sentido de viver.

A nossa *psiquê* age por compensação. Muitas vezes, queremos obter materialmente para compensar o vazio espiritual que criamos em nós. A imaturidade espiritual promove a necessidade de compensação pela aquisição de valores amoedados. Certas afecções psicológicas, tais como a angústia, o ciúme, a raiva, a inveja, dentre outras, muitas vezes, são compensadas com a necessidade de alimentar-se em demasia, com a pressa em atirar-se às compras, ainda que sem recursos, com a valorização da posição social, com a ocupação de um cargo mais importante, com a prepotência e o autoritarismo, etc.

A gratuidade é uma forma de se viver melhor e num estado de espírito harmônico e preparado para os dificultadores naturais da Vida. Dar de graça não significa ser perdulário ou premiar a ociosidade alheia; é, em realidade, predispor a *psiquê* a aprender a lidar com as perdas e os limites do Espírito.

Dar de graça o que de graça recebeu é utilizar a energia psíquica que temos em favor do nosso crescimento, em favor do outro em nossa Vida e em favor do próprio universo. Essa energia, a serviço da cura, é fator que contribui para a felicidade pessoal e do outro em nossa Vida. O ser humano em sua trajetória evolutiva acumula o potencial de curar a si mesmo e o de auxiliar seu próximo a crescer.

O bem que se tem é o bem que se faz. A gratuidade que recebemos da Vida é aquela que nós mesmos fizemos no passado reencarnatório como também a que fazemos hoje.

A atitude psicológica de dar de graça o que não se sabe como se obteve ou como chegou às nossas mãos, significa estar sempre disponível para continuar recebendo os mesmos recursos doados.

Fazer o bem gratuitamente alicerça no psiquismo o sentido de viver a Vida como um dom de Deus.

O desejo oculto

“Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei e abrir-se-vos-á.” Mateus, 7:7.

Nas várias vidas sucessivas estabelecemos metas que nem sempre alcançamos. Desejos reprimidos, frustrações não resolvidas, que acabam por ocupar um grande espaço na *psiquê*. Vão se somando, tornando-se um grande e enovelado *complexo*, cuja dissolução se torna impraticável a curto espaço de tempo. Os grandes feitos e as conquistas morais do Espírito acabam por reduzir gradativamente o tamanho daquele *complexo*, permitindo que se viva sem que ele necessariamente constele ou suba à consciência.

As desencarnações prematuras (crianças, jovens, adultos-jovens), ocorridas principalmente por acidentes, mesmo que obedecendo o necessário planejamento, provocam, após o desencarne, a frustração de planos que foram cuidadosamente elaborados e que se constituíram na razão de viver do ex-encarnado. Esses cortes num futuro que fora antecipadamente idealizado, promovem o surgimento de desejos internos, guardados em camadas da *psiquê*, que anseiam por realizar-se. Face ao esquecimento do passado, tornam-se núcleos de ansiedade e tristeza, cuja erradicação necessitará de realização ou reelaboração do que foi negado.

Aos poucos esses desejos íntimos são organizados num processo único ou em alguns semelhantes, que, quando

realizados, preenchem de satisfação o Espírito, sem que ele se dê conta do motivo de sua incontida alegria. O acúmulo demasiado dessas frustrações provoca crises depressivas, além de baixa auto-estima.

Nesse sentido, podemos dizer que a *psiquê*, como uma função do Espírito, tem a capacidade de armazenar os desejos mais recônditos e, no momento oportuno, realizá-los a fim de liberá-lo da contenção sofrida. O pedido antes feito, em algum tempo, quando as circunstâncias favorecerem, será realizado. Nem sempre da mesma forma que foi solicitado, face à união com outros desejos que se assemelham, mas algo será realizado.

A colocação do Cristo vai ao encontro do *Self*, tendo em vista sua função ordenadora e condutora psíquica do desenvolvimento do Espírito. Na medida que evoluímos, cada vez mais reestruturamos a nossa *psiquê*, que passa a atender a novos modos de executar as emoções, pensamentos e desejos do Espírito. Pedir é, em certo sentido, estabelecer novo modo de execução. A repetição do pedido provocará uma reorganização na função de execução, promovendo a obtenção do que se solicitou.

A *psiquê* funciona como um canal condutor da vontade do Espírito. A exemplo de um canal condutor de um líquido, que, se alterada sua forma, modificará o formato do contorno do líquido conduzido, a *psiquê* poderá ser remodelada, modificando o produto desejado. A vontade, a emoção e o pensamento, oriundos do Espírito, serão exteriorizados de formas distintas a depender da estrutura da *psiquê*, veículo (função) responsável pela execução.

A afirmação do Cristo se dirige também à intimidade psíquica do Espírito. Seu alcance permite que o Espírito registre o poder que possui, bem como a responsabilidade de sua vontade sobre o mundo. A vontade gera emoções,

que, por sua vez, geram pensamentos, e estes, atitudes que nos situam no mundo. Somos responsáveis pelo que queremos, sentimos, pensamos e fazemos ou deixamos de fazer.

A mente humana executa os nossos desejos mais íntimos, face a uma função estrutural, enraizada no Espírito. Pedir a Deus, à Vida ou ao Universo, não importa o nome que se dê, torna-se, dessa forma, algo importantíssimo, face às conseqüências que acarreta ao Espírito. “*Pedi, e dar-se-vos-á*” funciona como um alerta, isto é, parece que o Cristo nos previne: Cuidado! O que você desejar, obterá, pois há uma função que se estruturará para atender seu pedido.

O pedido que fazemos, nem sempre é atendido como o queremos, pois nos falta percepção do que é melhor para nosso processo evolutivo. Se pedirmos algo inadequado, inconveniente ou mesmo impossível, a *psiquê* se estruturará para nos oferecer as circunstâncias que favorecerão uma lição que nos eduque a pedir.

Mobilizamos o universo a nossa volta com nossos desejos. O universo conspira a favor da evolução do Espírito. As leis de Deus funcionam nesse sentido. Quanto mais evoluídos somos, mais flexível se torna nosso destino, mais capacidade temos de modificá-lo. Isso possibilita que estructuremos a *psiquê* a serviço do amor, da harmonia e da paz, sem que criemos mecanismos artificiais de desenvolvimento mental. Aprendemos, aos poucos, através das repetidas experiências reencarnatórias e com paciência, como pedir e obter o que é melhor para o Espírito, e não para o *ego*.

Os pedidos que normalmente fazemos à Vida, ou mesmo a Deus, se situam na esfera do desejo do *ego* e se destinam a atender as necessidades materiais, porém esses pedidos são geralmente aqueles em que não obtemos o

objeto desejado. No lugar do objeto recebemos lições que novamente nos ensinarão a aprender a pedir.

Muito cuidado devemos ter ao pedir, pois estaremos modificando nossa estrutura psíquica, face à força do desejo e aos poderes que atribuímos ao *ego*. Acertadamente responderam³⁷ os Espíritos Codificadores a Allan Kardec sobre o maior obstáculo ao progresso, como sendo o *egoísmo* ao lado do orgulho.

Esse desejo interno que todos temos, e que às vezes se manifesta como o de possuir, de viver, de amar, de crescer, vem do Espírito, porém, quando o fazemos para satisfação exclusivamente pessoal, ele provém do *ego*, tornando-se *egoísmo*.³⁸

O universo do ser humano nasce com sua consciência da própria existência. Não há Vida real sem a consciência da existência e do motivo para o qual se existe. O evangelho, ou a mensagem do Cristo, ou mesmo a mensagem transformadora do Espiritismo, possibilita, quando vivida, a consciência da existência.

A afirmação do Cristo “*pedi, e dar-se-vos-á*” possibilita a percepção de que o mundo se configura na forma como o enxergamos. Ele passa a ter os contornos dos nossos desejos e das nossas atitudes. A flexibilidade da vida é uma atribuição nossa, tanto quanto sua rigidez. O mundo é o que vemos e sentimos. Como a realidade é não o sabemos, porém, com certeza, ela é mais do que somos capazes de concebê-la. Essa parcela da realidade que não somos capazes de captar representa aquilo que necessitamos ir em busca. Quando a conquistarmos, veremos que ainda nos falta muito, mas muito mais do que imaginávamos. Os limites do corpo e as capacidades limitadas da *psiquê* não permitem aquela visão completa.

³⁷ Questão 785 de O Livro dos Espíritos.

³⁸ Questão 883, *idem*.

Nesse sentido, podemos entender a afirmação³⁹ categórica do Cristo: “*Aquele que crê em mim, fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará.*”, isto é, há muito mais a se conhecer sobre nós mesmos do que imaginamos que já sabemos. É um processo contínuo de crescimento que jamais cessa.

³⁹ João, 14:12.

A mensagem em oração

“Portanto, vós orareis assim: Pai nosso...”.
Mateus, 6:9.

A oração ou prece, como forma terapêutica de aliviar o sofrimento, as angústias, os conflitos e de trazer paz e equilíbrio psíquico, ou mesmo de manter o indivíduo ligado ao Criador, proposta pelas religiões, se constitui numa forma de seu praticante entrar num estado de consciência que lhe permite melhor percepção de sua situação do ponto de vista psicológico. Ela se assemelha a um apelo do *ego* ao *Self*. Permite que se entre em contato com aquilo que existe de superior na natureza e que se situa nos planos mais sutis e superiores da Vida.

O Cristo, convidado a ensinar aos apóstolos como deveriam orar, face a constantemente recorrer a essa atitude, iniciou pela rogativa ao Pai, símbolo do *Self Divino*, a fim de que o ser humano entrasse sempre em contato com seu princípio ordenador da evolução. Em estado de oração, o Espírito melhor se comunica espiritualmente com entidades desencarnadas mais evoluídas, que lhe possibilitam a percepção mais ampla de seus processos.

A oração pode parecer mero recurso para momentos de aflição, mas, em realidade, é um eficaz instrumento para se entrar em contato com o inconsciente e suas potencialidades. Coloca o Espírito em contato com sua

essência divina, aumentando suas possibilidades de evitar as influências oriundas da obsessão espiritual.

É um excelente componente para o desenvolvimento da inteligência emocional, face às suas propriedades de permitir a autopercepção. Quando o indivíduo está em oração sincera, ele sintomaticamente consegue se perceber em seus processos psicológicos e emocionais. A oração abre os canais de ligação do *ego* com o *Self*, permitindo ao Espírito melhor condução de sua evolução.

A oração auxilia no processo de dissolução dos *complexos* pelo seu poder de aclarar e penetrar nas questões emotivas da alma. Quando colocamos a oração em nossos problemas e conflitos de qualquer natureza, para que eles se resolvam, pode-se observar que eles passam a ter significados diferentes, face à mudança de foco que a oração proporciona. Os problemas e conflitos passam a ser vistos como oportunidades de crescimento e desenvolvimento espiritual. Passar pelo problema, muitas vezes, é a solução do problema. Foi nesse sentido que Allan Kardec colocou como bem-aventurados os aflitos. No momento da aflição estamos diante da possibilidade de aprender algo. É justamente nesse momento que a oração poderá favorecer a percepção do sentido da lição.

O Pai Nosso foi dito pelo Cristo ensinando-nos de que forma poderíamos orar a Deus. Embora ele tenha sido transformado em oração quase que obrigatória ao cristão, possui um chamado arquetípico em suas palavras. Nelas podemos perceber algumas imagens típicas.

“Pai nosso que estás nos céus.”

Em primeiro plano pode-se afirmar categoricamente que o Cristo se refere a Deus. Do ponto de vista psicológico ele está indicando que o Espírito deve apelar ao seu próprio *Self*, que se encontra no ‘céu’ do inconsciente, isto é, na *psiquê*. É um apelo à reorganização equilibrada do *Self*.

Também podemos entender como um apelo ao pai arquetípico, o qual nos impulsiona para a determinação positiva em viver.

“Santificado seja o teu nome.”

Dentre várias interpretações pode-se falar da importância de se elevar o pensamento a Deus. Do ponto de vista psicológico podemos entender que ele, o Cristo, nos estaria mostrando que a oração nos faz entrar em contato com o que de mais sagrado e puro existe em nós. Aquilo que representa o Criador em nós e que tem a *psiquê* como modelo. O nome é a identidade da pessoa, sua marca e a forma como se relaciona com o mundo. Isso nos leva direto ao *Self*.

“Venha o teu reino”

A solicitação de que surja o reino de Deus é clara na rogativa e não há de se negar que o Cristo pregava sua instalação. Mas também podemos pensar, num sentido psicológico, no reino como o lugar central, ponto de referência para as idéias e projeções, ativado durante a oração, para que o ser humano voltasse sua atenção para aquele foco divino. Vir o reino de Deus em nós, isto é, voltarmos-nos à essência divina que habita em nós. Pode-se pensar também numa invocação para que as qualidades do *Self* aproximem-se da consciência, tornando-se perceptíveis.

“Faça-se a tua vontade”

Essa vontade divina, a qual devemos aprender a perceber e seguir, habita no próprio ser humano. Habita na intimidade da criatura na forma de leis universais, constituindo-se na marca do Criador. Está no Espírito e se revela na *psiquê*, através do *Self*. O Cristo nos convida a seguirmos a tendência divina presente no inconsciente, necessitando ser conscientizada.

“Assim na terra como no céu”

Isto é, tanto no consciente como no inconsciente. Fazer na consciência como está no inconsciente, tornando o ser humano responsável de forma consciente pelos seus atos. O Cristo nos convida, durante a oração, a reforçar a necessidade de estabelecer a meta de agirmos de forma livre, responsável e conscientes dos nossos processos de crescimento espiritual.

“O pão nosso de cada dia dá-nos hoje”

Pedir a Deus o sustento material parece-nos por demais simplório numa oração. Talvez o Cristo quisesse nos convidar a reforçar na consciência a necessidade de sabermos utilizar a energia psíquica, fonte de alimentação interna da *psiquê*, a serviço das realizações externas. Parece-nos um convite a sairmos da inércia de um paraíso utópico no qual inconscientemente nos vemos, para a vida ativa e de realizações que nos compete fazer. Pedir o pão é reforçar a utilização das próprias energias internas a serviço da felicidade. Nesse ponto o *ego* se submete ao *Self*, reconhecendo sua inflação, pois julgava-se senhor de um poder que não era seu, mas que lhe foi concedido por uma instância superior, para realizar a *individuação*.

“Perdoa-nos as nossas dívidas”

Perdoar as dívidas é reforçar a necessidade de não se culpar demais pelo passado. É entender que a Vida prossegue sempre na direção do equilíbrio, exigindo que não olhemos para trás para não ficarmos no caminho. Reforça a necessidade de não atendermos ao desejo do *ego* em permanecer na superfície dos problemas, enfrentando-os decididamente. Perdão às dívidas nos remete a que entremos em contato com nossos *complexos* sem medo e sem culpa. O *ego*, após reconhecer sua submissão ao *Self*, arrepende-se de suas escolhas equivocadas, estando disposto a agir em sintonia com seu centro diretor.

“Assim como nós temos perdoado aos nossos devedores”

É uma afirmação ao *ego* para que ele aja como o *Self*, isto é, atue conscientemente da mesma forma que o centro funcional da vida psíquica atua. É um convite a que o indivíduo aja externamente como age consigo mesmo. É entender o outro como se justifica e entende a si mesmo. Psicologicamente significa coerência nas atitudes e idéias, e ser verdadeiro com o mundo como é consigo próprio. Nessa passagem o Cristo nos mostra que o *ego* deve assumir a necessidade de conhecer os *complexos* e aprender a se relacionar com eles, em favor do equilíbrio da totalidade da *psiquê*.

“Não nos deixes cair em tentação”

Não nos permita repetir os equívocos passados, nem seguir as tendências coletivas que nos afastam do encontro com nossa individualidade. Tentações são atitudes repetitivas, atávicas, que nos condicionam a viver uma vida por imitação. A afirmação do Cristo vai ao encontro da necessidade, no momento da oração, da *psiquê* não tomar, por condicionamento, o mesmo modo de atuar repetitivo e coletivizado.

“Mas livra-nos do mal”

O mal não tem existência real e é fruto dos costumes e da concepção que temos do mundo. A oração nos convida a que nos livremos desse mal que consideramos como real, porém que só existe enquanto o consideramos externo a nós e passível de nos atingir. O ‘mal’ que existe é a nossa ignorância sobre nós mesmos, bem como aquilo que consideramos capaz de impedir o nosso progresso. A oração inclui a necessidade de buscarmos a liberdade em relação ao que consideramos mal e que vem de fora da nossa individualidade.

“Pois teu é o reino, o poder e a glória para sempre”

A finalização da oração nos convida a retornarmos ao seu início quando o Cristo nos incentiva a invocarmos o Pai. O Espírito, ao orar, invoca sua máxima crença que representa sua necessidade de acreditar em si mesmo. O poder e a glória máxima estão em si mesmo, “morada” de Deus. A oração não exclui a necessidade do ser humano de acreditar em si e fazer sua parte no processo de crescimento espiritual. Não se trata simplesmente de glorificar a Deus, mas, principalmente de perceber que Ele se realiza psicologicamente no Espírito. Nesse momento o *ego* reconhece a supremacia do *Self*.

A *psiquê* funciona a serviço dos processos educativos do Espírito. No momento em que não mais necessitar utilizá-la, ele se tornará Espírito Puro, quando, então, manifestará diretamente suas potencialidades. Até lá, ele ainda precisará se utilizar dela como recurso funcional para expressar-se no mundo. A *psiquê* é uma função do Espírito que, pela sua ampla flexibilidade, se permite modificações que dependem dos processos a serem vivenciados, não sendo, portanto, uma caixa rígida, qual engrenagem de uma máquina comum. A *psiquê* funciona à base dos desejos e motivações do Espírito. Seu ‘alimento’ origina-se da essência divina, sua ‘matéria’ vem das raízes da criação. Quem lida com a *psiquê* está entrando em contato com a ‘matéria’ de Deus. Quando nos utilizamos da oração para mantermos contato com Deus, estamos retro-alimentando a *psiquê*. A oração nutre a *psiquê* a fim de que melhor funcione a serviço do Espírito.

A oração é luz na alma.

A mensagem do Cristo é o roteiro de amor para o Espírito.

Contra-capa

Adenáuer Novaes é psicólogo clínico e presidente do Centro Espírita Casa de Redenção Joanna de Ângelis. Ministra cursos de psicologia analítica, e trabalha com grupos terapêuticos e com atendimento clínico individual. Sua formação é *junguiana*. Publicou vários livros, dentre eles *Sonhos: mensagens da alma*, que trata do tema numa abordagem psicológica e espírita.

Colocar foto do autor

A mensagem do Cristo nos permite perceber que os reveses do mundo são muito mais leves e suaves do que nos parecem; que nossas referências, enquanto encarnados, devem sempre ser colocados fora do mundo físico, sem perdermos a noção da realidade material; que deveremos ser capazes de assumir quaisquer conseqüências pelos nossos atos, sem nos submetemos a *juizes* arbitrários; e, finalmente, que somos naturalmente e essencialmente bons. A mensagem do Evangelho, tanto quanto a espírita, contém princípios máximos de percepção de si mesmo. São guias que devem ser utilizados na viagem ao interior da *psiquê* humana, pois contém elementos que asseguram uma melhor percepção dos contornos do caminho à verdadeira transformação.

Orelha esquerda

Nem o diamante perde seu brilho nem o ouro se corrompe. Ambos, num certo sentido, podem simbolizar o conteúdo da mensagem cristã, cuja interpretação não depende de época nem lugar, podendo sempre trazer algo de novo em qualquer época que se queira vivenciá-la.

Orelha direita

‘Scanear’ o anexo com a propaganda dos quatro livros e colocar como orelha direita.